

Ilustração
Brasileira



MODA E BORDADO
 UMA
 REVISTA PARA O LAR!

Os modelos parisienses, americanos e nacionais, as "Páginas das Noivas" cheias de motivos encantadores, as indicações úteis nas páginas "De Coser e Outras Coisas", os riscos para bordar, arranjos da casa, contos, conselhos de beleza, notinhas úteis, receitas culinárias e muitas coisas mais, fazem de "Moda e Bordado" uma revista que agrada ao bom gosto da elegância feminina!

Em todos os jornaleiros e livrarias.

moda

e
 Bordado

NUMERO AVULSO CR\$ 6,00
 Assinaturas - 12 meses - Cr\$ 70,00 - 6 meses - Cr\$ 36,00
 À venda em todos os jornaleiros e livrarias
 Pedidos Pelo reembolso à S. A. "O Malho"
 Rua Senador Dantas, 15-5.º — Rio

V
I
S
I
T
E
A



FRANÇA

AS MAIS BELAS E MAIS
FAMOSAS CATEDRAIS

NOTRE DAME-CHARTRES-BRUGES
AMIENS - ROUEN - LAON -
REIMS-MONT ST. MICHEL

SERVIÇOS OFICIAIS DO TURISMO FRANCÊS - Praia do FLAMENGO, 370 - Tel. 45-0565

Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Cincoentenario da Republica, do Centenário da Confederação do Equador, do Cincoentenario do Cerco da Lapa, e do Cincoentenario da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva

Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 — 5.º Andar

Telefones: 22-9675 — 22-466 — 22-0745

Caixa Postal 880 — End. Teleg. "OMALHO"

Rio

PREÇOS DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses Cr\$ 120,00

6 meses Cr\$ 70,00

Demais países:

12 meses Cr\$ 140,00

6 meses Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 10,00

ANO XLI — 180 — ABRIL — 1950

NOSSA CAPA

L A D E I R A

Tela de José Maria de Almeida



○ 25 DE ABRIL

Contra a administração do Dr. Manuel Victorino, na Bahia, em 1890, levantaram-se alguns dos mais influentes paladinos políticos daquele Estado, mormente aos componentes do Partido Liberal. A testa dos opositoristas via-se um jornalista de prol, o deputado federal Cezar Zama, redator-chefe e proprietário do "Pequeno Jornal". Nos primeiros dias de Abril do mencionado ano, a indisposição contra o Governador começou a enfurecer os ânimos mesmo daqueles que se mostravam apáticos às coisas políticas. Aos 25 de Abril foram afixados nos muros da capital baiana boletins conclamando a massa a aderir ao movimento de Cezar Zama. Um desses boletins continha o seguinte:

"Ao Povo! Viva a Nação! Viva o Chefe do Poder Executivo, o bravo Marechal Deodoro! Vivam o Exército e a Armada nacionais! Bahianos! O direito de reunião e de representação é um direito sagrado em todos os tempos e sob todos os regimes, sob o regime democrático da Republica nenhum poder humano tem faculdade para impedir o exercício pacífico destes direitos, inerentes a todas as associações civis e políticas.

Tendes visto o modo deplorável por que vae sendo administrado o infeliz Estado da Bahia, digno sem duvida de melhor sorte.

Os mesmos erros, a mesma politicagem, os mesmos arranjos e abusos do passado, reunido ao mais soberano desprezo pela opinião pública, eis o triste espetáculo que diariamente presenciemos.

Temos confiança de que o bravo marechal Deodoro não se mostrará insensível e surdo às nossas queixas.

Reunamo-nos, cidadãos, e representemos ao Chefe do Go-

Serviço de Supervisão de SEGUROS

Corretagem técnica para toda modalidade de seguros, no Brasil e no estrangeiro, junto a qualquer companhia.

Lisura — Pontualidade — Orientação e defesa dos segurados.

HEITOR BELTRÃO e AUGUSTO REIS, diretores

Travessa Ouvidor, 27 — 2.º andar

Telefone: 43-1392

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS**

verno Provisorio contra a permanencia do Sr. Dr. Manuel Victorino Pereira no cargo de Governador da Bahia.

Reunamo-nos sem armas, em paz, na melhor ordem, na Praça de Palacio, no meio-dia de domingo proximo futuro, para assinarmos a representação que, em nome do povo, vae ser endereçada ao marechal Deodoro.

Não receeis: a patriotica guarnição desta cidade jamais impedirá um povo pacifico e ordeiro de exercer, no terreno legal, os mais legitimos e respeitaveis dos seus direitos.

Depois da reunião iremos todos em massa cumprimentar e felicitar o marchal Hermes da Fonseca, pela sua merecida promoção no ultimo posto do Exercito — o de marechal do Exercito.

A' Praça do Palacio, Bahianos! Não tenhaes receios de que a soberania popular em suas manifestações pacificas e ordeiras seja desrespeitada!

A' Praça, domingo, ao meio dia!"

O Dr. Manuel Victorino procurou impedir o comicio, contra a vontade de varios de seu sauxiliares, entre os quais o Chefe de Policia, Dr. Siqueira Cavalcanti, que pediu demissão do cargo.

A posição do chefe supremo do Estado era cada vez mais critica. Deveria continuar a gerir a terra de Ruy, ante a ce-leuma que se levantava contra sua politica impopular? Talvez pensasse nisso quando lhe chegou às mãos um telegrama do Presidente da Republica, assim concebido:

"Rio, 25 de Abril de 1890 — Governador Bahia — Governador não tem poder nem auctoridade para impedir manifestações ao general. E' censuravel procedimento. — Deodoro" Manuel Victorino deveria renunciar. E renunciou, e no mesmo dia em que recebeu o telegrama do Marechal.

DIDI Sport

ULTIMAS NOVIDADES

EM

VESTIDOS

BOLSAS

SWEATERS

BIJOUTERIES

LINGERIE FINA

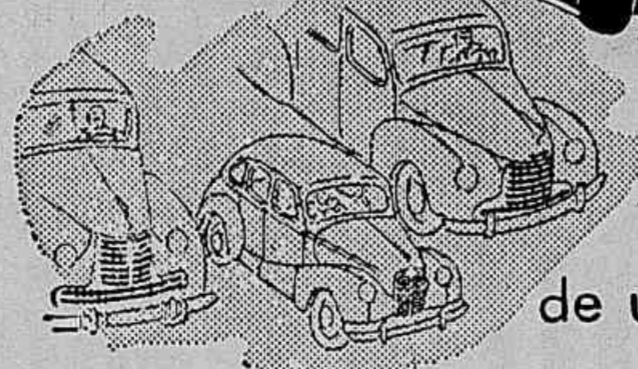
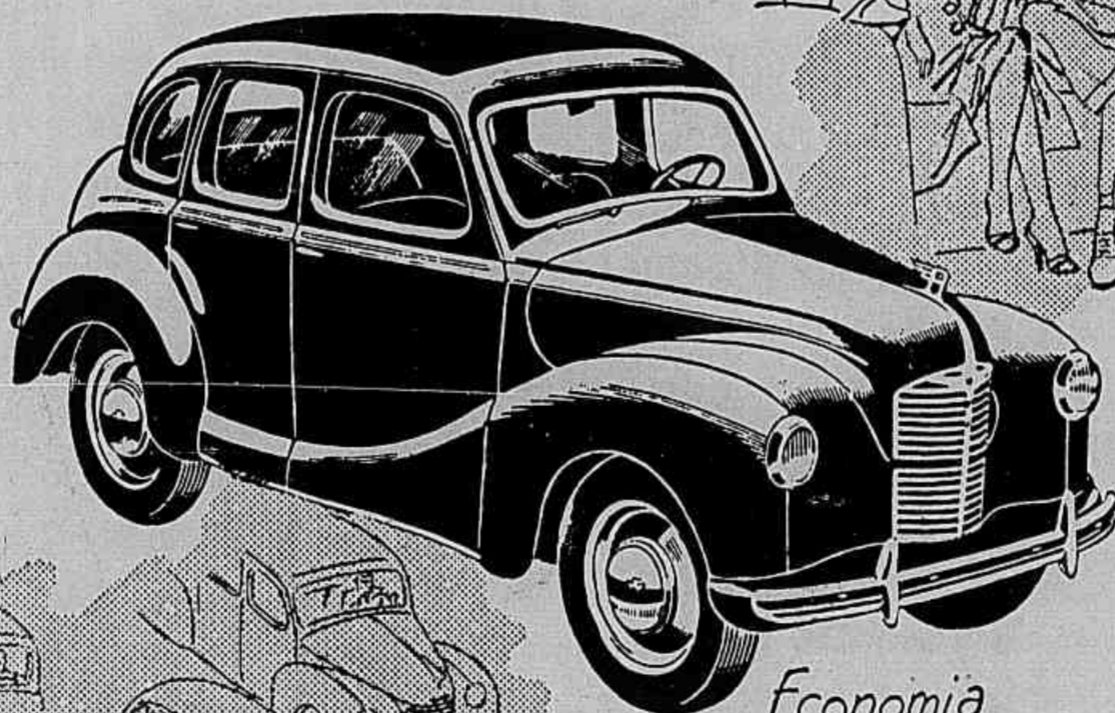
ENXOVAIS PARA NOIVAS

RUA SENADOR DANTAS, 23-A
FONE 22-2464 — RIO DE JANEIRO

**A
U
S
T
I
N**

-A40

Luxo e Conforto
de um carro grande!



Economia
e Facilidade de manejo
de um carro pequeno!

PROPAC

COMPANHIA DE PROPAGANDA, ADMINISTRAÇÃO E COMERCIO
Av. Oswaldo Cruz, 95 — Tels. 25-2307 e 25-3622 — Rio de Janeiro



Onde se divertem
pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros **Hollywood**

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hábilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**



O late Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca.

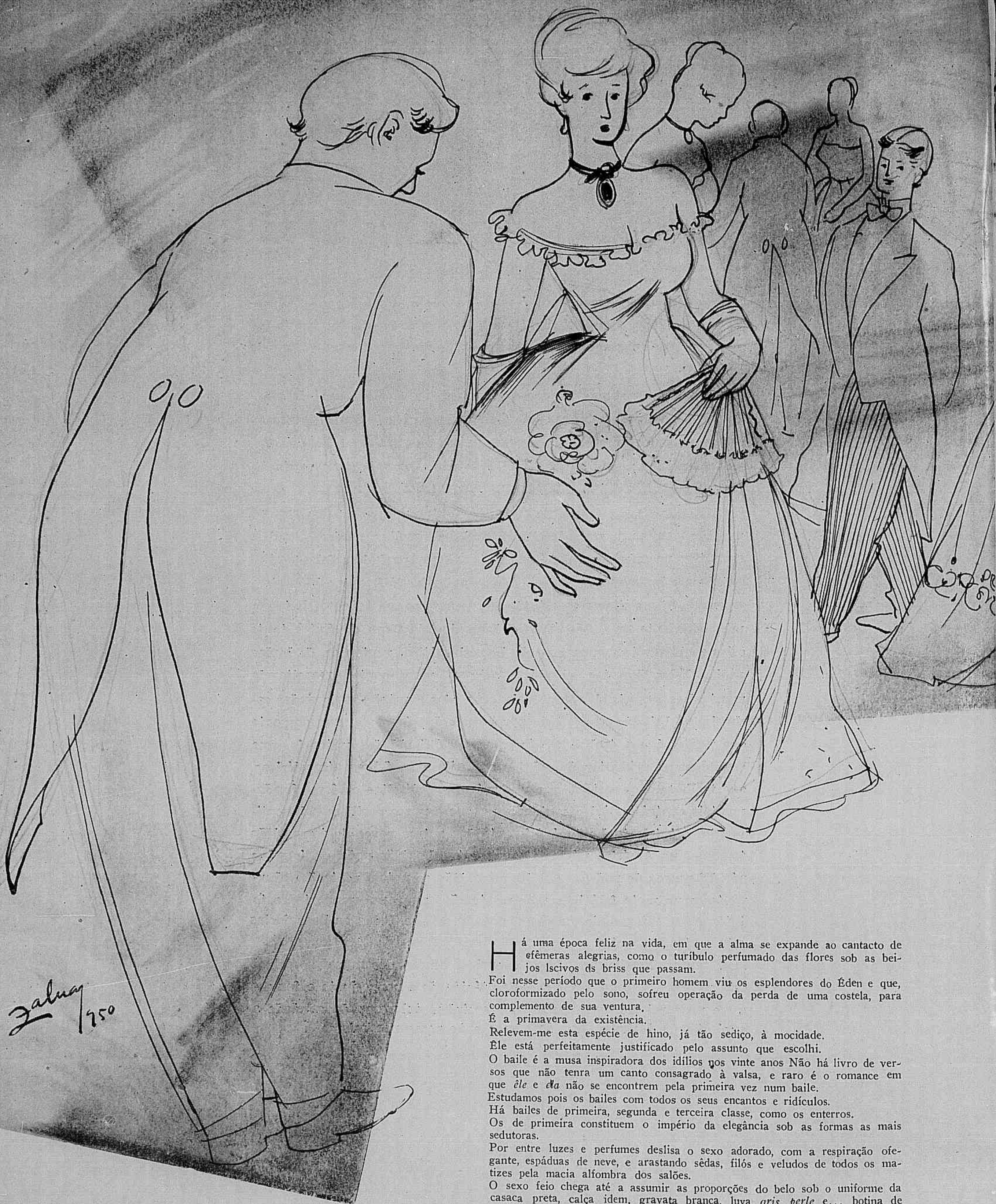
BRASILIDADE

Brasileiros, descobrimos o Brasil: caboclo simpático e inteligente, bom, modesto, simples e hospitaleiro, ciente do grande futuro nos aguarda e que nos dá forças progressistas fora do comum.

Temos todos os climas, menos o polar; somos místicos para felicidade nossa; pacifistas e internocionalmente honestos; faltam-nos muitas coisas, mas possuímos o que muitos países não possuem; temos coragem para lutar; carecem-nos realidade úteis, com boa alimentação, educação eficiente, amor ao trabalho produtor; somos pobres e ricos; sonhadores e bons idealistas. A natureza é nos agressiva, porém temos coragem para vencê-la. Tudo que há de melhor na terra aqui se encontra; possuímos na América Latina lugar preferido; falamos língua bela e harmoniosa; somos, nesse particular, diferentes dos outros americanos; assistimos ao estonteante progresso em todos os Estados, principalmente em São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e tanta coisa mais que julgamos a nação boa, simpática, venturosa, de lindas praias, belas florestas, cidades graciosas, monumentos respeitáveis, montanhas suaves, formosas paisagens, rios caudalosos, grandes cachoeiras e brisas amenas. Não precisamos dos árcades; queremos gente que nos ensine a trabalhar, a vencer as dificuldades naturais, que emendem os acidentes do solo, que corrijam as falhas atmosféricas, que melhorem os sertões, que nos guiem a endireitar os erros fundamentais contrários à humanidade, porque o nosso perfil moral, sentimental e intelectual não é diferente dos outros povos da terra. Não tomamos na América núcleo dispar e estranho. Não podem cair sobre nós diferenças de padronagem humana. Não se notam mutações aberrantes, nem meteorológicas nem no torrão, nem no comportamento interno ou externo da nação. Cumpre-nos que todas as boas ideias sejam atos nascentes.

Maldizentes brasileiros, filhos espúrios, almas decompostas, deixai esta nobre e carinhosa pátria, bela, tépida de amores, justa e formosa, e procurai no estrangeiro, nos espinhos dolorosos da saudade a expiação do desânimo, da descrença e do vosso pessimismo...

ANTONIO AUSTREGESILIO



Há uma época feliz na vida, em que a alma se expande ao contacto de efêmeras alegrias, como o turíbulo perfumado das flores sob as beijos lascivos ds briss que passam.

Foi nesse período que o primeiro homem viu os esplendores do Éden e que, cloroformizado pelo sono, sofreu operação da perda de uma costela, para complemento de sua ventura.

É a primavera da existência.

Relevem-me esta espécie de hino, já tão sedição, à mocidade.

Ele está perfeitamente justificado pelo assunto que escolhi.

O baile é a musa inspiradora dos idílios dos vinte anos Não há livro de versos que não tenha um canto consagrado à valsa, e raro é o romance em que *êle e ela* não se encontrem pela primeira vez num baile.

Estudamos pois os bailes com todos os seus encantos e ridículos.

Há bailes de primeira, segunda e terceira classe, como os enterros.

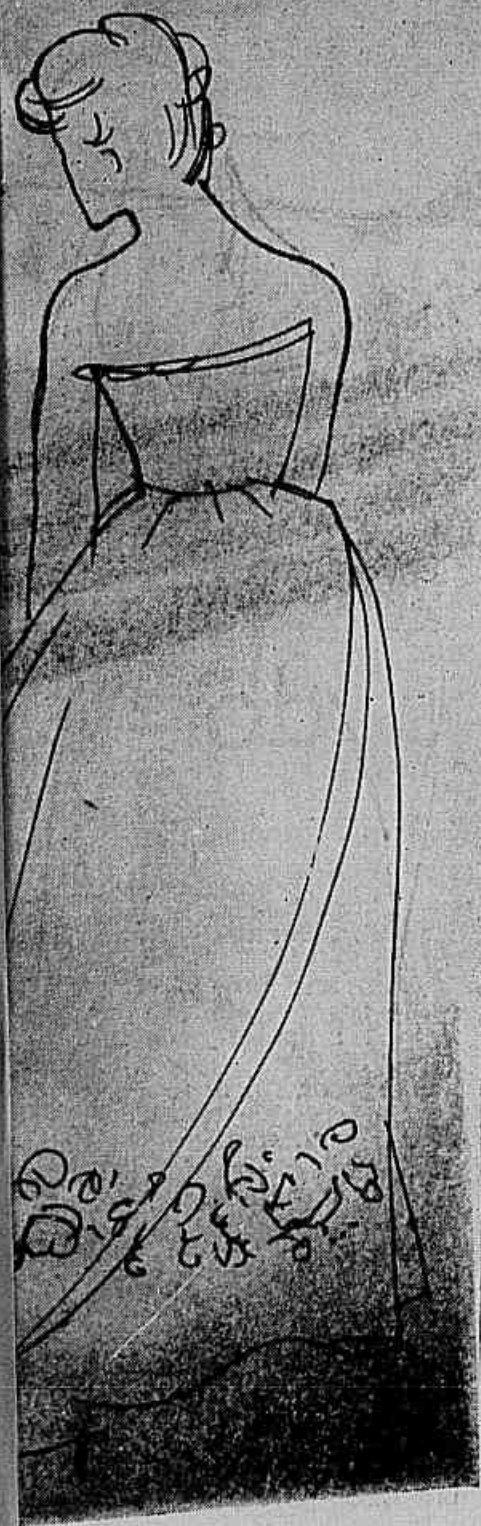
Os de primeira constituem o império da elegância sob as formas as mais sedutoras.

Por entre luzes e perfumes desliza o sexo adorado, com a respiração ofegante, espáduas de neve, e arastando sêdas, filós e veludos de todos os matizes pela macia alfombra dos salões.

O sexo feio chega até a assumir as proporções do belo sob o uniforme da casaca preta, calça idem, gravata branca, luya *gris perle* e... botina de polimento, como dizem os nossos caros irmãos d'além-mar.

Nessas reuniões, onde domina a nata da sociedade, não se dá um passo sem consultar o código da etiqueta e o último decreto do bom gosto.

As moças andam inclinadas para diante, compelidas a tomar tão incômoda posição pelos saltos do sapatinho à Luiz XV.



Os homens vergam-se para trás, para com o *plastron* da alva camisa se ostente em toda a plenitude, à semelhança do papo de um peru recheado, antes de ir ao fogo.

Quando tiram pares para quadrilhas não dispensam a cortezia do estili, a qual consiste em unir os pés e vergar o corpo para a frente, deixando pender os braços com estudada languidez.

Essa forma de bodoque ou lua nova, descrita em todos os tratados de *etiquetometria*, é executada à risca pelo *gentleman*.

As senhoras têm o leque, que manejam com mais ou menos graça, segundo a tsuação o exige.

O elegante, que traz cabelo repartido ao meio e usa de *pastinhas* como o belo sexo, também empunha o seu leque, o *gibus*, que é uma espécie de chapéu de chapéu chato, como um figo passado, e em cujo fórrão de setim azeviche ostenta-se em relêvo dourado monograma.

Que faz toda a gente que enche o salão principal, e transborda pelos corredores e salas adjacentes?

Conversa e dança.

As conversações, em um baile, qualquer que seja a sua categoria, giram sobre importantes assuntos.

Aí vai um espécimen:

— Muito povo, minha senhora.

— É verdade.

— A reunião está muito animada.

É verdade.

— Que calor!

— É verdade.

Pausa de cinco minutos: a dama agita o leque, o cavalheiro estuda um sorriso no espelho que lhe fica em frente.

— Foi ouvir a Fricci?

— Sim, senhor.

— Eu gosto mais do Bolis.

— Eu também.

Outro modelo:

— Onde quer dançar? Aqui ou naquela sala?

— Onde quizer.

— Para mim é indiferente.

— Para mim também.

— Fiquemos aqui.

— Sim.

Começa a quadrilha, felizmente para ambos.

Outro:

— V. Excia. é a rainha do baile.

— O Senhor está caçoando.

— Tem uns olhos matadores.

— Qual!

— Não acredita no que lhe digo?

— Não.

Pergunta geral, invariável, infalível, depois de cada quadrilha, valsa ou polka:

— V. Excia. não quer tomar um cálix de licor?

Eis o que se conversa.

Quanto à dança, manda a bôa etiqueta que as valsas sejam vertiginosas, ao passo que as quadrilhas consistem em andar para diante e para trás, assim com ares de quem passeia inconscientemente, depois do jantar, para fazer o *chylô*.

O epílogo dos grandes bailes é o *catillon*.

O diretor desse gênero de dança é em geral magrinho, valsador de primeira força, trajando no último apuro, com foros de cidade, em suma, no mundo elegante.

Passemos aos bailes de segunda classe.

Figurem os leitores um sobrado com janelas de peitoril na Prainha, Valongo, rua do Livramento, ou em qualquer ponto da Cidade Nova.

Entremos pelo corredor mal iluminado e vamos direito à sala, onde uma orquestra, composta de um oficide, um pistão, uma rabeça e um crarinete manhoso, executa a polka "Zizinha".

Alí não há cerimônias, nem etiquetas.

Para assistir àquela festa, não recebemos, com oito dias de antecedência, pomposo convite em papel *doré sur tranche*, nem se nos impoz a casaca. O dono da casa encontrou-nos ao meio-dia, no meio da rua, bateu-nos amigavelmente no ombro, e disse-nos com o riso da satisfação nos lábios:

— Espero-te hoje à noite, lá em casa, para tomar uma chícara de chá. Nada de cerimônias. Vai assim mesmo como estás, e leva contigo os teus amigos.

Já vêem, portanto, os leitores que fiquei autorizado a levá-los; e eis a razão por que nos achamos neste momento na sala do baile.

Enquanto polkam, vejamos o que nos cerca.

Meia dúzia de crioulas com vestidos brancos e fitas à cintura guardam a a porta do corredor, que dá entrada para a sala, comentando o que se passa:

— Vocês estão vendo como seu Chico está tão prosa, hoje? diz uma.

— Gentes! olhem só como êle se requebra na *polka!* acode outra.

— Deixa estar, que amanhã eu vou arranjar a cama com Yayá Catita.

Ao lado, em uma pequena alcôva, jôgam o solo diversos indivíduos.

Pelo corredor estendem-se em alas os convidados, cuja *toilette*, com pequenas variações, consiste em sobre-casaca abotoada, calça branca e luvas pretas.

Fuma-se opr tôda a parte.

No salão avulta o belo sexo, cujos vestuários ostentam as mais variegadas côres.

Aqui é um vestido verde com enfeites côr de rosa; acolá vê-se o amarelo com um mundo de habados e fofos, que dis-se-iam aquêles cartuchos de amêndoas, que distribuíam outrora aos anjinhos de procissão; mais adiante é o escarlata em luta com o roxo; uma combinação de côres, enfim, como não seria capaz de imaginar o pintor o mais extravagante.

Os penteados elevam-se um palmo acima do cinciput, e vêm perder-se nas costas em dois negros cachos grossos e duros.

A maneira por que alí se dança é diversa da dos bailes de primeira ordem.

O cavalheiro não sai nas quadrilhas sem descrever uma espécie de S com o pé direito, e tem o maior cuidado em acompanhar o compasso da música, voltando o corpo ora para a direita, ora para a esquerda, com os braços me forma de arco e punhos cerrados.

As damas inclinam-se para diante, e dançam aos saltinhos com a cabeça pendida apr o ldo.

As valsas são dançadas a três tempos.

Quanto às *polkas*, consistem em arrastar os pés e dar às cadeiras um certo movimento de fado, que não deixa de ter a sua originalidade.

O repertório musical para esse gênero de dança compõe-se da "Zizinha", "Que é dela as chaves", "Só para moer", "Sai cinza", "Capenga não forma", "Quebra tudo", e por aí além.

Três ordens de tipos encontram-se nos bailes de segunda classe.

Os recitadores, os marcadores de quadrilhas e os suplentes. Os recitadores não dançam, não dançam, não comem e não conversam. Vão expressamente para recitar.

Sentam-se em um sofá, com a frente erguida, fingindo uma certa indiferença por aquêles mundo fútil e banal que lhes gira em tórno, e parecem dizer a todos o momento — *Eu recito; peçam-me, e verão.*

O recitador está sempre de morrões acesos, à espera da primeira vez.

É o dono da casa, geralmente, o ganso do Capitólio, que dá o sinal d'alarma:

— Sr. F..., vá recitar.

E lá marcha o carrasco para o instrumento do suplício, o piano, afim de executar uma poesia.

O seu cúmplice, aquêles que o acompanha, preludia uma espécie de mazurka; e o bárbaro começa a trucidar sem dó nem piedade mimosos versos de algum poeta desconhecido, ou do nunca assaz louvado *Era no Outono*, de Bulhão Pato.

O acionado é vivo e frisante, e em certos recitadores acompanha uma por uma daots as palavras.

Já tive a ventura de ouvir um desses tipos recitar a seguinte poesia:

*Vai alta a noite na mansão da morte,
Já meia-noite com vagar soou...*

No verbo *soou*, puxou do bolso um grande lenço e passou-o pela testa, para designar o suor!

O marcador de quadrilhas constitui um tipo completamente oposto aquêles. É vivo, travesso, buliçoso e alegre. O seu reinado cmeça do meio do baile para o fim. Quando a dona da casa vê que o entusiasmo vai arrefecendo, diige-se aquêles salvador da situação, e diz-lhe:

— Sr. N... influa.

O Sr. N... empertiga-se como um homem uqe tem consciência do quanto vale, pula para o meio da sala, bate palmas e exclama:

— Meus senhores, uma quadrilha. Andem, tirem pares e vamos a isso!

Quando chegam os dançantes à última marca, entra êle no exercício de suas funções, e agora o vereis:

— *Grand'chaîne! En avant deux! Tour! Grande promenade! Balances! Damas ao centro; e cavalheiros à roda! Caramujo! Caminho da roça! Volta que está chovendo!*

No meio daquele entusiasmo, grita um cavalheiro: *Tour com a dama da esquerda!*

Esta marca é sempre promovida pelo indivíduo que está mal servido de dama.

— *Grand galop!* continua o marcador. *Changez! Roda! Desanda!*

E uma vez recebido o impulso, não pára mais. Alguns chegam até a fechar a porta da rua e esconder a chave, a fim de que a aurora os surpreenda dançando.

(Continúa no fim do numero)

PARABRAMA

A Unidade da perfeição do ser humano

A ginástica tão desenvolvida entre os gregos, deve a sua origem ao Egípto, como pode atestá-lo a pintura antiga existente em Beny-Has ou na Heptanomide, em que os exercícios de luta reproduzidos com a rudeza característica de todas as produções da arte egípcia não deixam pairar dúvida sobre o gênero de combate que o quadro representa. Os chineses, porém, parece terem sido os primeiros a reconhecer todo o valor fisiológico e sanitário dos exercícios físicos. Desde 1698 o *congfoo*, (a arte do homem, ou a arte da ginástica medica chinesa) louvava os exercícios, já apregoados por In-Kang-Chi e pelo fundador da dinastia dos Chang, transmitindo-nos as práticas dos bonzos, moldadas segundo as consequências da teoria de Confucius sobre a unidade do ser humano. Na India, lêem-se nos Vedas preceitos médicos sobre o movimento, as fricções, massagens, e a maneira de respirar; e as leis de Manon consagram a prática destes postulados higiênicos, que nos evoca o *shampooing*, rigorosamente exigidos pelo budismo. Com as tradições, os gregos criando em um torno uma civilização, que por toda a parte preconizava a beleza da forma, elevaram a ginástica à altura de uma instituição nacional e tiveram a educação física no mais alto valor, podendo afirmar-se que a estética era o termo de todas as aspirações e o centro para onde convergiam todas as formas educativas. Na Hellade não perde o caráter fisiológico, posto mais em relevo no Extremo Oriente, mas já tem um cunho político, atlético e militar muito mais acentuado. A educação física dava-se nos ginásios, estabelecimentos públicos, que, tornando-se mais tarde centros de tertulias e palestras espirituais, eram a princípio o lugar onde em completo estado de nudez se exercitavam os gregos, não sómente por causa da saúde e da guerra, como também e principalmente para os *agônes*, ou grandes jogos que de tempos a tempos se realizavam em Isthmo, Delphos, Nemeia e Corintho. Nenhum povo mais do que os gregos se compenetrava daquela máxima — *mens sana in corpore sano* — a unidade da perfeição do ser humano, a união da beleza física e da beleza moral, uma bela alma num belo corpo; e, se, foi escrita a sentença pelo calamo de Juvenal, os romanos, não tendo por fim senão a guerra, nunca fizeram da ginástica uma ciência tão paciente e raciocinada. E não era uma parte do povo que este sistema se propunha formar. A mesma Grecia artística e vilutuisa, que rendilhava os ornatos arquitetônicos, povoava a Acropole de estátuas, distribuía telas e hipnotizava o mar Jonio sob as azas da oratória máscula de Demostenes ou da sobriedade harmônica de Pericles, era a que, cingida de louros, se agitavam em ondas enquadrada no cenário apoteótico do Olympia ou de Delphos, cujas colinas repercutiam as epinicias de Pindaro, igualando os atletas aos heróis que a defendiam no campo de batalha. Um dos patriarcas do pensamento grego, e por certo, um dos mais fecundos filósofos que a humanidade tem produzido, Platão, foi um atleta notavel, e arrebatou por duas vezes a palma da vitória nos jogos Olimpicos. Naquêle paiz onde o mar espaldana o aljofar de suas ondas nas pedras abruptas de Pireu, onde a natureza não aconselha irregularidades e tende a arrastar o espírito para as cousas uniformes e harmoniosas, era natural que se tornasse a ideia diretriz dos exercícios físicos a cultura da plástica impecavel a que devem o Apollo de Belvedere e o Apoxiomeno Antinous (do Vaticano), a par com a corrêta estrutura das suas organizações atléticas, as proporções físicas tão regulares como a arquitetura do Parthenon, e as fisionomias tão tranquilas como o céu puro e as paisagens de Atenas e de Corintho.

FERNANDO DE AZEVEDO

O Homem - escravo do dinheiro



o lado dos preconceitos morais, os interesses econômicos das minorias dominantes também trabalharam para escamotear o fenômeno de fome do panorama espiritual moderno. É que ao imperialismo econômico e ao comércio internacional a serviço do mesmo, interessava que a produção, a distribuição e o consumo dos produtos alimentares continuassem a se processar indefinidamente como fenômenos exclusivamente econômicos — dirigidos e estimulados dentro dos seus interesses econômicos — e não como fatos intimamente ligados aos interesses da saúde pública. É a dura verdade que as mais das vezes esses interesses são antagonicos. De fato, o conhecimento exato da situação alimentar dos povos, dos recursos de que poderão dispor para satisfazer suas necessidades de nutrição é absolutamente indispensável para que se leve a bom termo a revolução social que se processa com incrível velocidade nos dias em que vivemos. Revolução que segundo se vislumbra pelas transformações já processadas está criando universalmente um novo sistema de vida política, que poderemos chamar, como sugere Julian Huxley, a era do homem social, em contraposição a essa outra era que terminou com a Segunda Guerra Mundial, a era do homem econômico. O que caracteriza fundamentalmente esta nova era, é uma focalização muito mais intensiva do homem biológico como entidade concreta e a prioridade concedida aos problemas humanos sobre o problema de categoria estritamente econômica. Realmente, enquanto até a última guerra, a nossa civilização ocidental, em seu exagero de economismo quasi esquecera o homem e seus problemas, preocupando-se morbidamente em conquistar pela técnica todas as forças naturais, pondo todo o seu interesse nos problemas da exploração econômica e de produção de riqueza, o que se vê hoje por toda a parte é o sacrifício obrigatório dos interesses econômicos aos interesses sociais. É a tentativa cada vez mais promissora de pôr o dinheiro a serviço do homem e não o homem escravo do dinheiro. De dirigir a produção, de forma a satisfazer as necessidades dos grupos humanos e não deixar o homem se matando estupidamente para satisfazer os insaciáveis lucros da produção.

JOSUE' DE CASTRO

de ideias

A fisionomia da vida



Iguem, de uma feita, afirmou que a melhor maneira de filosofar, era sem dúvida, a otimista... Na verdade, porém, o riso, até hoje, só nos poude dar filosofia à Pangloss... E, em que pese à ciência dos Leibniz de todos os tempos, otimismo foi sempre a filosofia de ingenuos, dialética habilmente ageitada ao serviço de uma interpretação unilateral dos fenômenos. A vida é muito séria e muito triste para ser singelamente explicada pela bohemia ou pelo ridículo. Sómente uma análise menos profunda dos fatos ou um daltonismo de crítica podem descobrir em tudo um aspecto cômico e envolver o mundo numa atmosfera constante de azul e rosa... A face das cousas, a fisionomia da vida, acaso será alegre, irrisoria ou banal, mas o seu aspecto interno é sempre austero e formidável, como o afirmava Amiel. Daí o triunfo dos filósofos que, à força de análise não se deixaram envolver pelo veu de Maia nem tiveram apenas, a impressionar-lhes a deslumbrada retina, uma visão kaleidoscópica do mundo. Esse triunfo amargo é o triste consolo dos Schopenhauer, é a vitória cadmeana dos martires do pensamento, que se sentiram possuídos da coragem inglória de romper o casulo das aparências para provar a semente fecunda mas sempre amarga, das verdades eternas... Otimismo, como doutrina, é filosofia de frívolos, visão de contemplativos que, enlevados no colorido falso dos panoramas interiores, fecharam os olhos à tragédia do Cosmos e não prestaram ouvido atento ao eco dos gemidos humanos... E ironia, sob qualquer forma, é impiedade que revela, num frio osrrico de indiferença ou sarcasmo, injusto desprezo pelo dever comum, falta de solidariedade na dor geral e de sentimento de respeito à majestade da vida. Esse amor ao ridículo, que vai até à caçada do irrosório no trágico, esse pendor para demolição, esse horror ao sorriso, que nisso tudo se reduz a ironia, é, em última análise, méro instinto de anarquia, afirmação disfarçada de egoísmo ou despeito. Sómente um sentimento inferior ou um desespero odiento podem fazer nos perder assim "a consciência da identidade dos destinos humanos" e incapacitar-nos, ao mesmo passo, para os movimentos de Piedade e Justiça. Em cada ironista, como em todo melancólico, há um doente que sofre ou um despeitado que deseja medrosamente vingar-se. Porque a ironia é arma de anarquistas mansos; é nihilismo de fracos, de revolucionários incapazes de ação. Para o nihilista, que é forte, a bomba de dinamite substitue o epigrama.

RAUL MACHADO

O monopólio da cultura na idade média

A preocupação geral, durante toda a Idade Média tendo sido religiosa, as artes degeneraram, por serem consideradas as horas gastas em cultivá-las, como roubadas ao serviço de Deus. Também a indústria não podia progredir, num meio todo votado à humildade, que acreditava que dos pobres era o reino dos céos e que, portanto, possuir bens materiais era um perigo quando não uma infelicidade. A indústria exigia atividade e a crença geral era de que a máxima virtude estava no quietismo. A transcrição de manuscritos era trabalho longo, penoso e caro. Também a falta de papel obrigava por vezes à raspagem dos velhos pergaminhos, talvez cheios de escritos preciosos, para neles substituir documentos de valor local imediato, como escrituras de vendas. Por isso na Idade Média, um livro era sempre tão caro que só nobres, reis e padres podiam possuir. Acrescente-se a isso o fato de que quasi ninguém sabia ler; e mesmo isso seria inutil si só os padres sabiam latim e todos os livros eram escritos em latim. Os padres estragaram muitos livros mas também foram guardas incansáveis dos livros mais raros. Os frades italianos muito contribuíram para o Renascimento literário da península. Para o surto da imprensa como indústria era indispensável que se dessem: — 1.º A sistematização das linguas românicas, inclusive o inglez e mesmo o alemão. 2.º Que se desse a invenção do papel, afim de que ele, produzido em grande escala pudesse desdobrar e multiplicar a fabricação dos livros. Ora, para que a indústria da imprensa progredisse, era preciso que o livro deixasse de ser monopólio dos frades, que eram os unicos conhecedores do latim. Havia a necessidade de que as obras fossem divulgadas na linguagem corrente. Daí a necessidade de que as linguas ocidentais já estivessem sistematizadas. É por isso que Dante devia preceder a Gutenberg. O papel foi inventado no Ocidente, por Pace Fabiano de Trevize, segundo afirmam Meerman e Sowandner, entre 1243 e 1270 da era católica. Porém Tiraboschi e Muratori afirmam que o invento, no Ocidente, data do ano 1000. Essa última data é provável, porque os arabes, no século IX, já o usavam, existindo em Samarcande, uma fábrica produtora de papel segundo o ensino dos egipcios e dos chins. O fato é que a imprensa não poderia surgir antes que o papel fosse de facil obtenção. A invenção da imprensa era fruto maduro para um homem de gênio colher, com sofrimento e com glória. Mas o final devido a Gutenberg, havia necessidade de um longo período preparatório, de tentativas e pequenos aperfeiçoamentos. As pesquisas começaram pela reprodução de gravuras de madeira (o que já dependia um pouco do resurto do desenho): Santos, imagens, iluminuras, escudos heráldicos. Enquanto os sábios da Italia procuravam manuscritos de interesse, alemães obscuros se votavam ao descobrimento da máquina que popularizaria os manuscritos pela escrita mecânica e a reprodução das cópias. Fust e Schoeffer foram os pintores da indústria, mas com tipos fixos (Mayence 1400). Laurence Coster foi o iniciador dos tipos móveis, porém só com as maiúsculas de madeira (Haarlem). Depois do descobrimento da imprensa, o desaparecimento de uma obra de importância se tornou quasi impossível, porque ela fornece em dias, milhares de volumes, e as obras só desapareceriam com o desaparecimento da população. Antigamente o incêndio de uma biblioteca, a invasão de bárbaros, podiam anular num momento a obra secular dos gênios. Foi isso o que a imprensa evitou definitivamente.

DAVID CARNEIRO

★ Do Marmorista ao Estatuário ★

Monumento funerário grego
— S. IV A. C.

Por FLÉXA RIBEIRO
PROF. CATEDRÁTICO DA ESCOLA
NACIONAL DE BELAS ARTES

Nenhuma arte dá tanto o sentimento da vida imobilizada, como a estatuária. É uma espécie de eloqüência silenciosa.

O volume, no espaço, será sua contingência impere-

cível, à nossa inspeção ocular. Assim, toda matéria dura, inerte, que afetasse a forma de um ser vivo — seria uma obra de escultura.

Não haveria, de tal ponto, dificuldade em reconhecer-se, num trabalho de marmorista, uma obra de arte. Mas, no conceito geral, e em especial, dos artistas, os que trabalham o mármore com fins industriais, não passam de artesões. São apenas marmoristas, ou simples canteiros. No entanto, em muitos casos, do ponto de vista técnico, da lavratura do mármore, os trabalhos desses mestres superam, com evidentes vantagens, as obras de muitos pseudo-escultores. No entanto estes se arregimentam, com ufania, no grupo de artistas. Figuram nas exposições, e até são premiados. Outros ainda, alguns que atingem a certa nomeada, e têm mesmo alguma capacidade para compôr, longe estão de atingir ao verdadeiro domínio da arte de esculpir, no seu alto e verdadeiro sentido.

No entanto, os *patriciens* — vão além do desbaste, da “*mis-au-point*”, eles compõem o grupo, dão certa individualidade à figura, correm, com agilidade fácil, na superfície, exaltam os relevos, acentuam os rebaixos, e, na volta final da execução, atingem, por vezes, com ênfase, a certa expressão convencional, mas no sentido de todos. Nos cemitérios, por ocasiões, deparamos com obras que se engalanam no campo de traba-

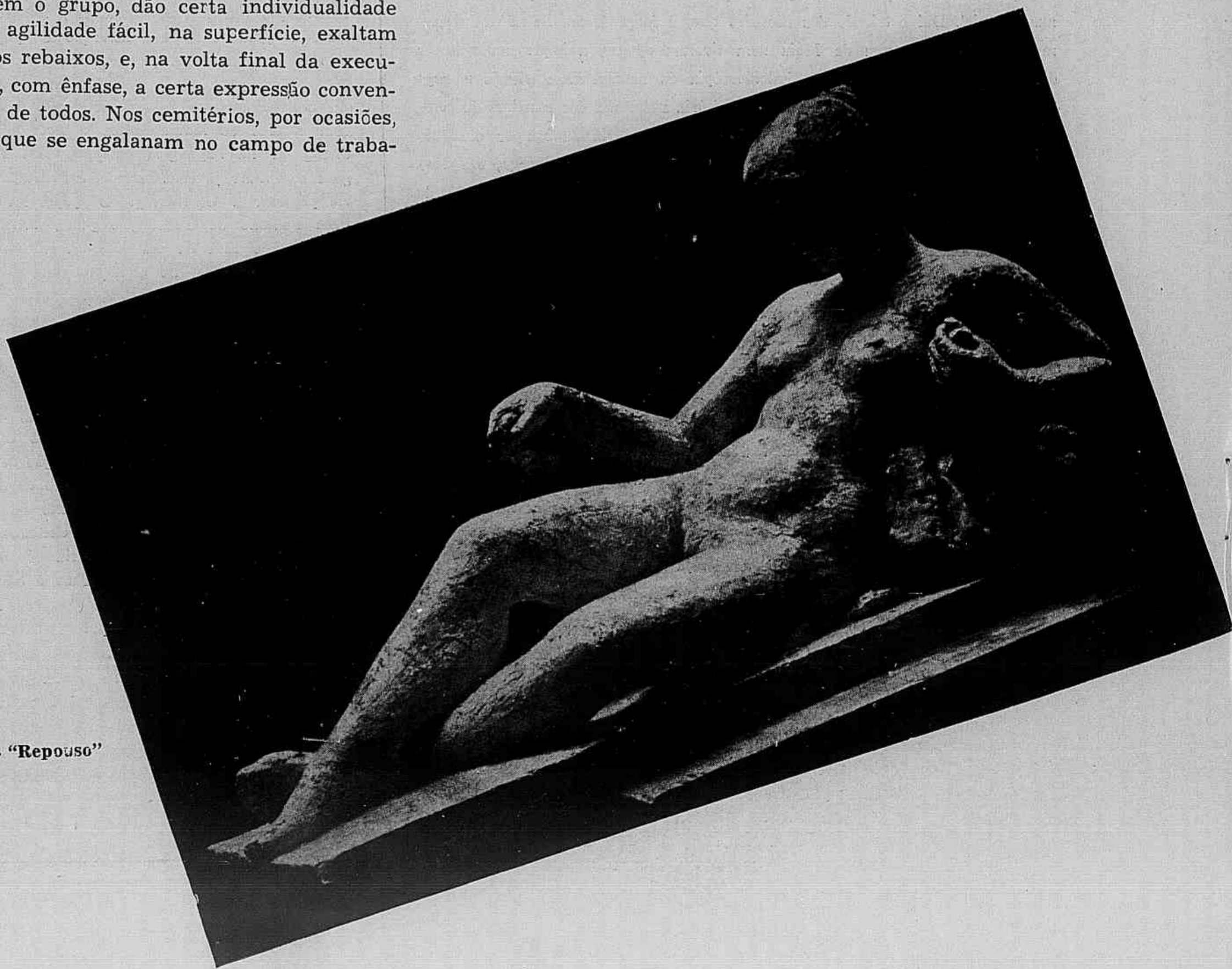
lhos com significação clara. Apesar disso, todos nos recusamos encontrar nelas, definidos e sugestivos, os caracteres típicos da verdadeira obra de arte. Por que? É que há em todas elas, uma espécie de estaticismo angustioso. Uma ausência de condutibilidade vital. Alguma coisa de material demais. Falta, finalmente, vida àquela estatuária imobilizada. A forma foi tratada apenas, como definidora do volume. É que a estatuária para os *escarpellini* foi vista somente como realidade estática. A forma se aninhou na superfície definida pelas linhas. Falta o envolvimento. A estatuária ainda não atingiu ao seu período dinâmico.

Parecerá, no entanto, contraditório que se reclame movimento de uma arte cujo diagrama é rigorosamente de teor estático. A estatuária tem três dimensões e afeta peso. Todas as qualidades da matéria, sem espírito, nela se revelam. E o espírito só aparecerá, quando pela arte, a estatuária passar da forma do volume, para a forma da idéia. Quando esta sai do *morphe*, para o *eidos*. E, nesse grau, foi gerado pelo movimento.

Assim, o dinamismo da estatuária é um fenômeno cinético, cujos influxos resultam da ação da luz e da cor.

Da cor? Sim, da cor. A escultura dinâmica é também colorida. Não que se precise de empregar a policromia dos antigos, ou pintando-a, ou a compondo de elementos crômicos, mas

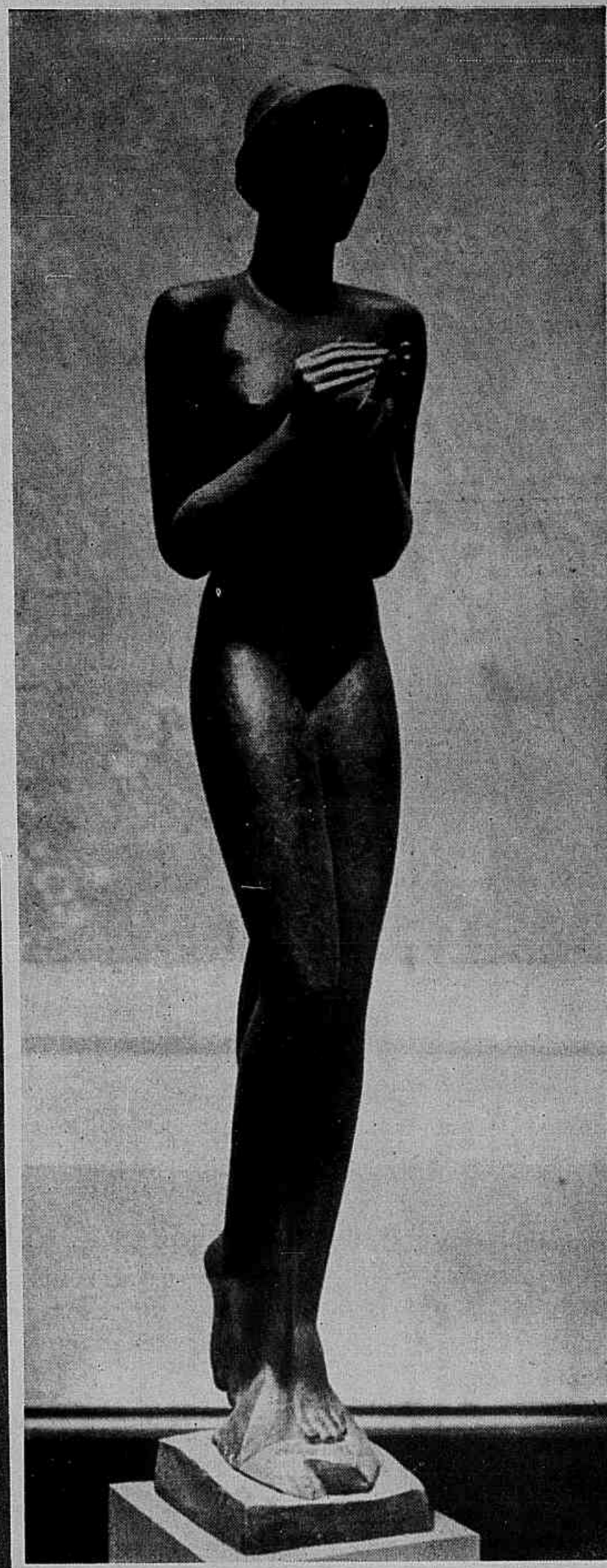
Marcel Gimond — “Repouso”



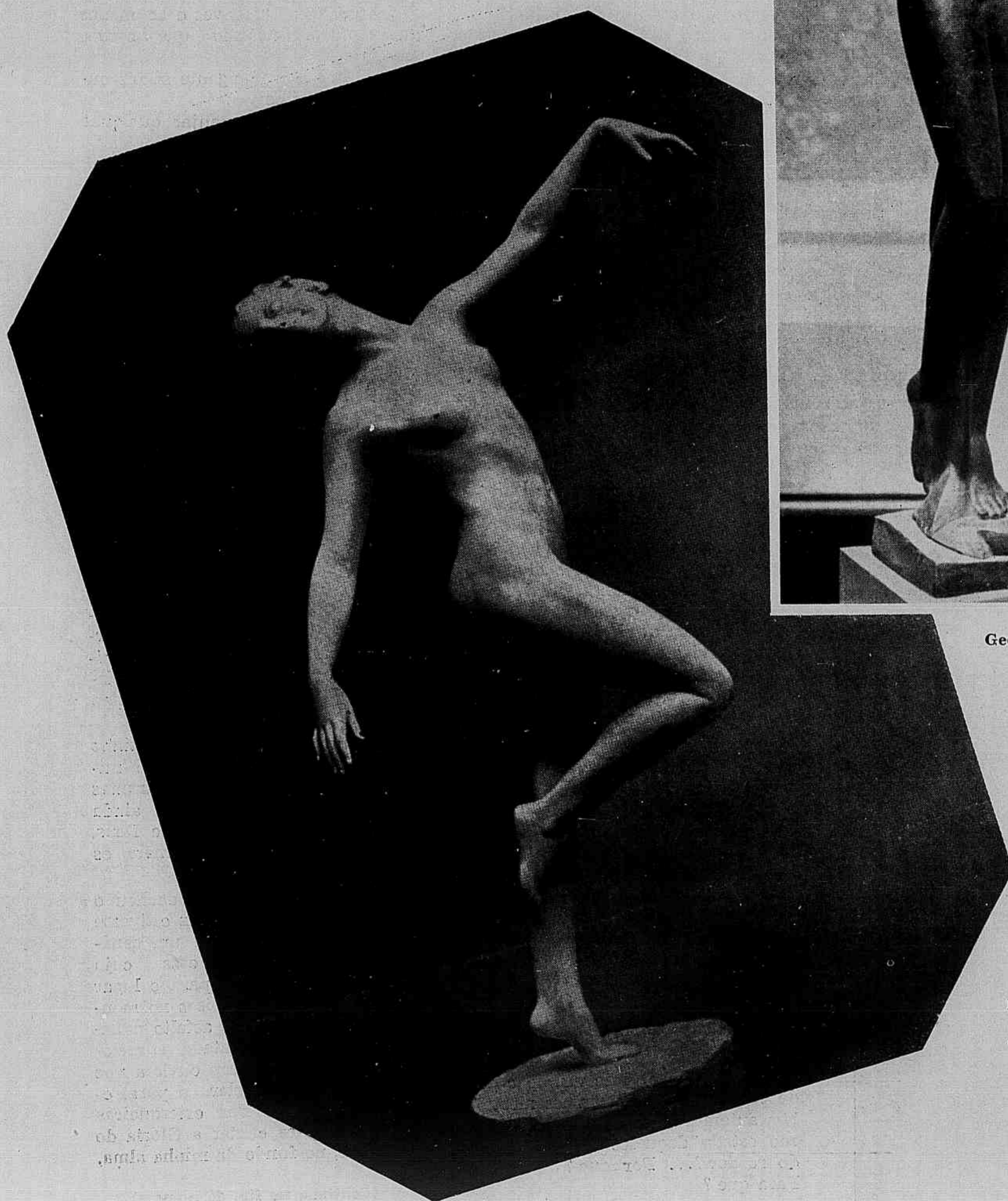
porque a luz, no jogo mágico do claro-escuro, faz nascer, e fenecer, resuscitar, a escala das cores que se alteram, pela intensidade mesma do iluminamento.

Destes assertos, se verifica que a escultura, só passa á categoria de arte, quando o artista é capaz de ir além da forma no sentido especial, e atingir a forma, no computo do tempo. Pelo modelado, que é mais do que o relevo, será possível gerar a sucessão da vida na matéria inerte,, e sair, assim, do ciclo do marmorista para o do estatuário.

E tanto nos relevos, propriamente ditos, como, em especial, na estatuária, o artista cria, na matéria inerte,, com o milagre de sua técnica, a unidade espiritual que fará da obra de arte, um momento constante de vida, como se fosse a própria natureza.



George Koble — "Assunta"



Bremaeker — "Dansarina".

RATO, A MENDIGA E O CANARIO

GUSTAVO BARROSO
DA ACADEMIA BRASILEIRA

Houve em Paris, ha tempos, famoso cabaré sob a invocação do Rato Morto: "Le Rat Mort". Mas não é dele que vou falar, embora o tenha conhecido em tempos idos e vividos, sim de um rato morto de verdade, um rato, animal comum, da espécie dos roedores, com quatro patas e um rabo comprido. Vi-o pouco depois de ter morrido, junto ao meio-fio e ao pé de um monturo fervilhante de moscas, atraídas pelo lixo da casa próxima atrado por cima do muro. Ia talvez em busca de alimento e um automóvel á disparada o esmagou de encontro ao solo. Quando passei, estava reduzido a uma pasta inofensiva e sangrenta no meio do corpo. A cabeça erguia-se intacta e os quartos traseiros ainda estremeciam. Me lhe concedi um olhar.

Como transio quotidianamente por ali em busca do meu trabalho, no dia seguinte algo se encarregou de avisar-me á distancia da existencia do rato atropelado na véspera. Afastei-me com o lenço no nariz.

No terceiro dia, nenhum máu cheiro me ofendeu a pituitária e, andando descuidadamente, quase pisei o cadaver. Detive-me a tempo. Estava ressequido pelo sol sobre o asfalto. As formigas haviam levado o que fora útil levar. E o bicho reduzira-se a uma pelanca grudada ao chão, da qual surgiam ossos e, entre eles, meia duzia de costelas ainda ordenadas como quando a vida movia o corpo.

Fiquei parado, olhando a pequenina carcassa e meditando no desaparecimento da força que a tinha animado e lhe dado um pensamento, sim, um pensamento, se assim se pode chamar um instinto de rato, uma vontade de rato, uma atuação de rato. Para onde se retirara essa força? Por que se retirara? De onde, como, por que e para que viera do fundo do mistério e animara o rato durante certo lapso de tempo? Seria igual á força que a mim, homem, também animava, conservando através das mutações do tempo a memória das minhas formas alimentando o meu corpo e meu espirito e pronta a retirar-se do primeiro em virtude de qualquer intervenção capaz de causar o que chamamos morte? Um automovel me reduzirá ao mesmo estado daqueles miseros restos do roedor?... Por que? Como? Para que?

As interrogações, assim, se sucediam umas atrás das outras no meu intimo, como moscas impertinentes que eu expulsasse e tornassem mclamente a voltar. E uma frase de Santo Agostinho retinha, isolada no meu cérebro, sem a consequente explicação que lhe dá o autor das "Confissões": "Houvese ao menos continuidade naquilo que parece absurdo..."

Nisto, uma voz plangente se fez ouvir ás minhas costas:

— Dr., pode me arranjar qualquer coisinha?...

Virei-me rapidamente e deparei, sentado no meio-fio, em pleno sol, a dois passos do rato morto e ao pé do monte de lixo, junto ao muro do fundo do quintal, um ente feminino reduzido á mais baixa degradação. Era uma mulher ainda moça, mas envelhecida e envilecida pelo vicio e pela miseria. Cabelos em desalinho. Rosto inchado e lustroso de alcoólica. Sem dentes. As mãos cobertas de penebas. As pernas enroladas em trapos. O vestido em frangalhos. Um olhar de animal moribundo.

Dei-lhe uma esmola e fui andando, muito devagar e muito cabisbaixo, com o meu filosofar: mais feliz o rato, muito mais feliz! Dele se retirara a misteriosa flama que o fizera vibrar nos seus instintos de rato. Na desgraçada, a flama misteriosa continuava a animar uma carcassa ambulante, descarnada de miséria e empestada de doenças infames, igual á do rato, talvez mesmo pior...

De novo, a voz de Santo Agostinho veio do fundo dos séculos até minha alma angustiada pelos dramas do presente: "...resulta ainda mais enigmatica a Justiça de Deus, e mais inescrutaveis se tornam os seus caminhos..."

Ai, um trinado argentino encheu o ar ensolado, como se a luz estivesse cantando no espaço. Era um canario engaiolado naquela casa, cujo fundo de quintal dava para o lugar onde apodreciam: as coisas no monturo, o animal sobre o asfalto aquecido e a rameira assentada no meio-fio. A mim me pareceu ouvir a voz eterna do Espirito, clara e pura, elevando-se acima das esterqueiras da matéria para cantar a Glória do Senhor. E, no fundo da minha alma,

(Continua no fim do número)

Weimar, esse centro cultural da Alemanha, não é só a cidade de Coethe e de Schiller. É também o lugar em que se criaram os "Arquivos de Nietzsche", administrados pela "Fundação Nietzsche" e instalados numa casa especialmente dedicada a esses fins. Uma das principais tarefas desse instituto foi a grande edição das obras do filósofo, já muito avançada.

Agora ve-nos de Weimar, que faz parte da zona soviética da Alemanha, a notícia de que aqueles arquivos foram fechados, tendo sido dissolvida a "Fundação Nietzsche". A entrada à casa está vedada e a grande edição foi interrompida.

Por que? Parece que os bolchevistas consideram o criador do "Zaratustra" um precursor do fascismo. É um mal entendido. Pois não houve alemão mais oposto às idéias do racismo, do antise-

D. PEDRO II

Nietzsche

ERNESTO FEDER

mitismo, da super-estimação dos alemães do que éle. "Ser bom alemão significa desgermanizar-se", assim reza um aforismo do livro "Humano, por demais Humano". E, por outro lado, confessa éle: "Encontrar um judeu é um reconforto para quem vive entre alemães."

Em vista dessa nova fase da atualidade de Nietzsche, reveste-se de novo interesse o encontro do poeta-filósofo com D. Pedro II, ao qual não se deu a merecida atenção.

Oliveira Lima, no seu discurso publicado nas "Contribuições para a Biografia de D. Pedro II", falando de encontros atribuídos ao monarca, diz o seguinte:

"A série anedótica é longa. Fala-se por exemplo, de um encontro bastante original do Imperador com Nietzsche no Tirol. Os dois viajantes foram companheiros de jornada e o filósofo alemão, ao que relatam, ficou impressionado pela personalidade notável do seu interlocutor, cuja categoria e nome ignorava até ao momento em que se separaram com um aperto de mão. Conversaram sobretudo sobre Gobineau que tinha sido amigo e correspondente de D. Pedro II".

Encontra-se outra referência a este episódio no trabalho de Max Fleiuss sobre "D. Pedro II" onde diz: "Nietzsche, o filósofo que com o Imperador viajou em caminho de ferro e discorreu algumas horas, sobre os mais variados assuntos sem conhecê-lo, interrogava após: Quem será este homem extraordinário? E só mais tarde veio a saber que esse excursionista, simples e encantador, com quem estivera palestrando, era D. Pedro II".

No "Ibero — Amerikanisches Archiv" (Tomo XIII fascículo 3) achamos a seguinte versão:

"D. Pedro travou conhecimento com o filósofo Friedrich Nietzsche numa viagem na Suíça, e isto graças ao acaso que o levou ao vagão de luxo do Imperador, onde ambos, sem se conhecerem, entreteram uma palestra muito animada".

Georges Raeders, no seu interessante estudo "O Conde de Gobineau no Brasil", refere-se também a esse encontro, frisando que D. Pedro fazendo, por acaso uma ascensão no Tirol juntamente com o filósofo, lhe transmitiu o seu entusiasmo pelas obras de Gobineau, escritor que Nietzsche conhecia mas nunca citou.

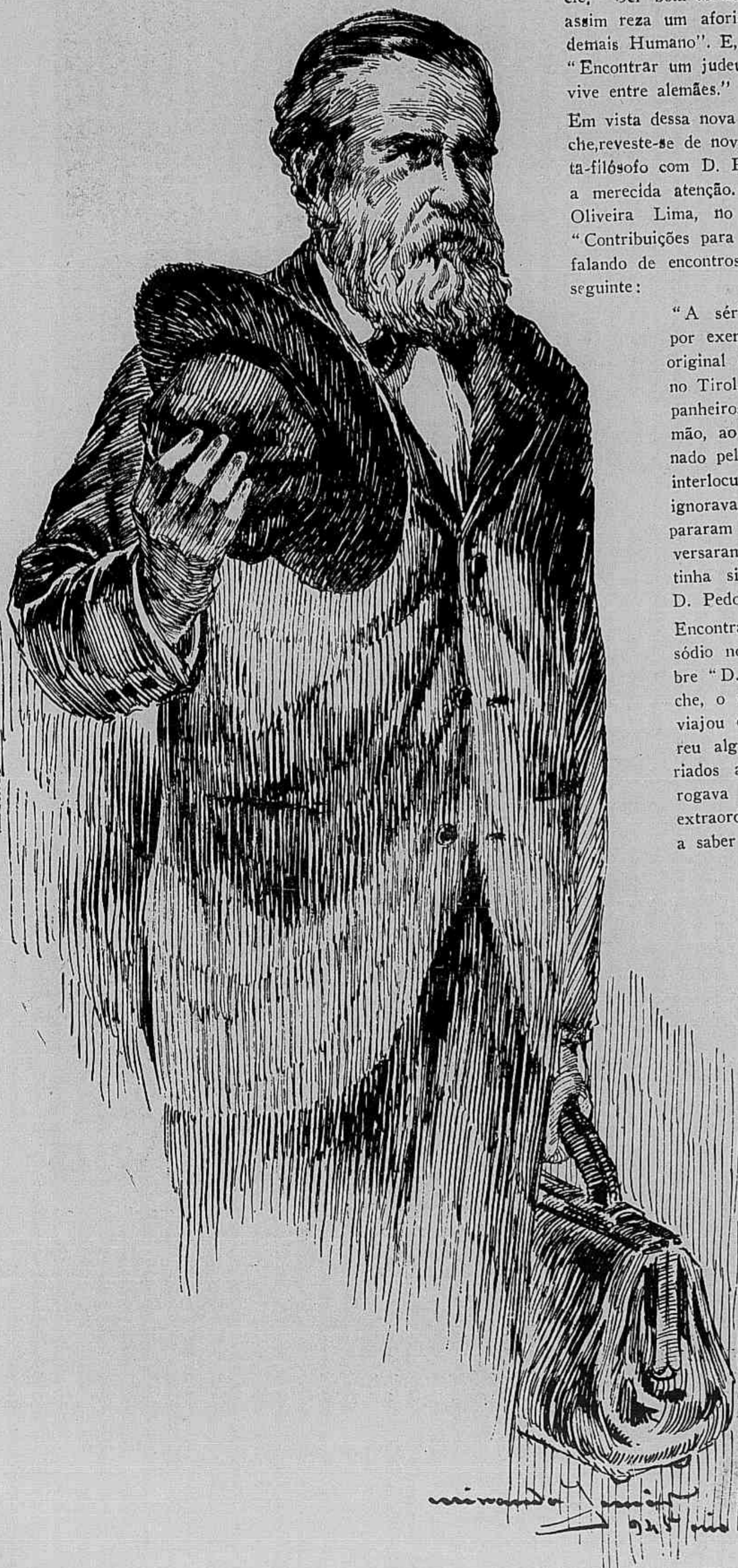
Devemos à irmã do filósofo, Elisabeth Foerster-Nietzsche (que criou a Fundação Nietzsche em Weimar) outra versão desse episódio. Conservou-se nos "Arquivos de Nietzsche" uma carta que o solitário filósofo, em fins de julho de 1877, escreveu ao amigo Erwin Rhode que acabava de casar. Nietzsche, achando-se em Rosenlaur-Bad, perto de Meiringen, no planalto de Berne, diz nessa carta: "Quando há alguns dias, entoei no meu íntimo o meu Hino à Solidão tive, de súbito, a impressão de que não gostavas da minha música e pedias energeticamente uma canção à Solidão a Dois Na mesma noite toquei uma, do melhor modo que pude, e, de tal maneira, que todos os anjos teriam podido escutar com prazer, particularmente os anjos humanos. Mas isto se passou numa sala escura e ninguém o escutou".

Elisabeth comenta esta acerta assim:

"A observação do meu irmão de que as suas fantasias ao piano não teriam sido escutadas, baseiam-se num erro. Soube-se mais tarde que ouvinte muito curioso se achava à porta aberta de manso. Era D. Pedro, Imperador do Brasil, que teria ficado profundamente comovido com a miraculosa execução. No dia seguinte, ambos se encontraram numa ascensão comum, sem que meu irmão tivesse a menor idéia de quem se tratava. O desconhecido exprimiu ao meu irmão seu agradecimento pela esplêndida execução e a isto se seguiu longa e interessante palestra. Só depois de se terem ambos separado foi que meu irmão soube quem era o desconhecido, tratado por todos, como observara, com tanto respeito".

É de estranhar que nenhuma dessas fontes alegue testemunhos ou outras provas do encontro. Oliveira Lima serve-se de expressões como "fala-se" e "ao que relatam". É curioso também que uns falem de encontro na Suíça, outros no Tirol, uns numa estrada de ferro, outros numa excursão alpestre. Não obstante, não posso duvidar da autenticidade do encontro. Parece-me mais provável a versão da irmã de Nietzsche que, provavelmente a recebeu do próprio irmão.

Esse pequeno episódio vem avivar com mais um traço interessante a nobre figura desse Imperador que, em todos os países europeus que percorria, conseguiu, com a mais despreocupada naturalidade, deixar um sulco de simpatias e de admiração.





A decoração que está recebendo a Catedral de Pelotas, Rio Grande do Sul, a tornará certamente uma das mais belas e interessantes que se tem feito no Brasil nestes últimos anos.

Para tal fim S. Revma. Dom Antonio Zattera, ativissimo e inteligente Bispo da cidade, teve a feliz idéia de mandar vir da Itália um artista do valor de Aldo Locatelli, que é auxiliado na parte ornamental por Adolfo Gardoni. Locatelli é um artista moço, tem apenas 35 anos e já decorou em seu país várias igrejas, entre as quais uma em Bergamo sua terra natal e outra em Genova.

Seu trabalho está sendo executado dentro da mais pura tradição da arte do "afresco" italiano.

A cupula, o painel do fundo e os dois do transepto já estão concluídos.

Aquela é um hino de glória a São Francisco de Paula, o padroeiro da cidade. O painel do centro representa o Santo entre pobres e enfermos; o da direita marchando sobre as ondas e o da esquerda transformando em sangue o ouro que o Rei de Napoles obtem do seu povo avassalado.

Nos espaços compreendidos entre a base da cupula e os paineis Locatelli encaixou, em atitudes impressionantes, as figuras dos quatro Evangelistas.

Painel do centro: São Francisco de Paula, o padroeiro da cidade, entre pobres e enfermos.

Arte Religiosa



Painel da direita: São Francisco marchando sobre as ondas

Painel da esquerda: Transformando em sangue o ouro que o Rei de Napoles obteve de seu povo avassalado.



Duas das mais sugestivas decorações da Catedral de Pelotas: "Jesus no templo entre os Doutores" e em baixo "Coloquio com Nicodemos".



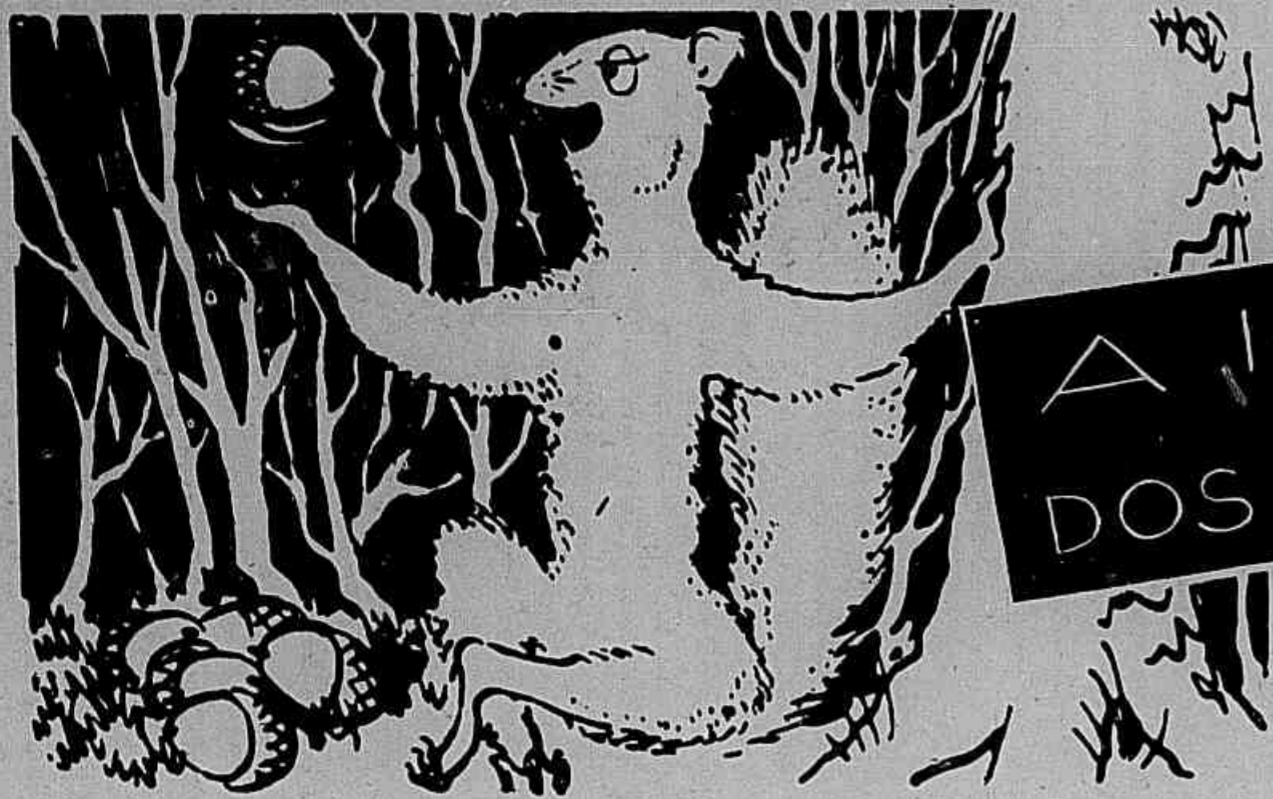
A DECORAÇÃO DA CATEDRAL DE PELOTAS



Todas as composições se impõem pela clareza do assunto, pela vivacidade — harmonia das côres e perfeito equilíbrio. Os "croquis" para a nave principal, que já está em andamento, mostram como será completada a grandiosa obra. Reproduzimos os "croquis" para o "Cristo entre os doutores", e o "Coloquio com Nicodemos".

Dentro de um ano estará tudo terminado.

Locatelli trabalha com grande desenvoltura e facilidade. Parodiando a alcunha que teve o grande Luca Giordano, poderíamos chama-lo "Aldo fá presto"



A INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

PAT MURPHY

Quem é mais inteligente, o cão ou o gato? Curioso debate sobre a inteligência dos animais, num grupo de nacionalidades diferentes — Quando chegou a vez do cavalo...

Estávamos cinco ao redor da mesa. Todos os membros do grupo eram de nacionalidades diferentes. O americano perguntou se alguém lhe poderia dizer precisamente o que era um doninha. Eu tentei dar-lhe varias comparações da mesma família porém nada o satisfazia, dizendo que doninha era uma coisa diferente e querendo receber uma resposta mais exata. A isso seguiu-se uma agradável confusão no debate que estávamos levando, pois a fauna da America não é idêntica à da Inglaterra ou a qualquer outra que fosse ali representada. Da mesma maneira os nomes comuns dados a essa fauna variavam de lugar para lugar. O americano falou de um galgo e disse que eles são usados na America para caçar lebres. Eu lhe disse para não mencionar esse apreciável esporte quando conversar com viajantes ingleses. Isso nos trouxe para o assunto de cães em geral e de novo o americano mencionou cães de uma raça que nenhum de nos foi capaz de reconhecer pela sua descrição.

Então, sendo eu a única pessoa presente que ganhava minha vida escrevendo sobre assuntos de historia natural e biologia, me perguntaram o que dizem as autoridades quanto à inteligência comparativa entre cachorros e gatos.

Primeiramente demonstrei de que quando se fala de gatos e cachorros hoje se discutindo inteligência, pode se pensar logo em "qualquer" gato porém não "qualquer" cachorro porque alguns criadores destes animais sacrificaram muitas vezes a inteligência, paciência e outras virtudes nos cachorros pelas suas deformidades anatomicas. E assim, para melhor poder levar adiante a comparação, eu sugeri que se escolhesse o mais inteligente dos cachorros — o "Sheepdog" escocês.

As autoridades concordam que tanto o gato como o "Sheepdog" são as mais inteligentes criaturas, mas a sua inteligência é diferente. Por exemplo, você pode pôr um gato qualquer no meio da cidade de Londres e ele achará um meio de viver. Ponha-o em qualquer outro lugar e ele também saberá se arranjar. O cachorro, por sua vez, não conseguiria viver numa cidade sem a assistência do homem. Quanto à sobrevivência, o gato é mais versátil do que o cachorro, mas de fato não é tao inteligente em nenhum outro sentido.

Um gato não poderia, devido à sua propria natureza, ser ensinado a obedecer instantaneamente a qualquer um dos doze sinais que requerem dele manobras tais como as que um "Sheepdog" faz todos os dias da sua vida de trabalho. Precisei pedir aos meus amigos de se lembrarem que ao estudarmos os instintos primitivos do cachorro temos que admitir que pedir para cuidar de ovelhas sem tocar ou atacar-las e o mesmo, na verdade, que pedir a um gato para cuidar, juntar e isolar a um grupo de ratos. Ovelhas constituem uma presa tao natural do cão selvagem como os ratos o são de um gato. Uma criação selecionada enraqueceu os característicos primitivos nos "Sheepdog", ao mesmo tempo que fortaleceu e desenvolveu suas tendencias naturais de paciência, docilidade e atenção, assim que o cachorro, em todas as occasoes, exceto a de se arranjar uma vida sozinho, é incomparavelmente mais inteligente do que o gato.

Essa discussão, como era de se esperar, nos fez desviar para muitos assuntos. Finalmente, conseguimos encaminhá-la para um ponto de interesse comum a todos, ou seja, as diversas maneiras pelas quais criaturas não nativas de uma certa região, conseguem, em alguns casos, adaptar-se com grande sucesso ao novo "habitat". O australiano mencionou-nos então o enorme êxito que a lebre da Inglaterra obteve na sua adaptação ao ambiente da Australia. Uns poucos casais tinham sido introduzidos lá, bastante recentemente, e agora já havia uma verdadeira praga deles. Falei então eu também da adaptação do esquilo americano na Inglaterra, fato esse que o fez se tornar muitíssimo numeroso e destrutivo, sendo considerado com um dos piores bichos.

E então, por um acaso feliz, o cavalo ficou sendo o assunto da conversa e, de repente pareceu haver na sala um espirito de concordância geral. Porém isso não demorou muito, já que o nacionalismo está profundamente imbuído na natureza humana e cada um dos presentes estava inclinado, com muito pouca base factícia, de prezar os méritos dos seus cavalos nacionais. O francês pensou ter achado um ponto forte quando começou a recordar os sucessos dos "puro-sangues" francezes nas corridas de longa distancia realizadas na Inglaterra durante os últimos anos. Mas quando se lhe mostrou o fato de que nunca, poderia haver cavalos de corrida francezes capazes de competir com seus rivais ingleses se não fosse pela evolução do "puro-sangue" inglês no século dezesete, por que é a essa raça que os cavalos de corrida do mundo inteiro devem a sua velocidade, força e a propria existencia, ele graciosamente admitiu a verdade.

Da meema maneira, era somente justo concordar, por sua vez, que o mais veloz dos cavalos ingleses não teria existido se não fosse pela introdução dos cavalos arabes na Inglaterra. Porque afinal, não há mais duvidas sobre o caso, o arabe é o pai de todos os cavalos leves e da grande parte dos pesados também.

E quando o americano começou a nos enumerar os seus nativos cavalos de trote e outros, exaltando-lhes a sua esperteza, tivemos que assegurá-lo de que não havia cavalos na America antes da chegada de Colombo, no fim do século quinze. Os cavalos que primeiro desembarcaram no solo americano vieram da Espanha e eram descendentes dos cavalos arabes.

De fato, a origem arabe é comum a todos. A grande superficie rochosa da Irlanda lhe permitiu produzir os imensamente poderosos "sangue-puros", os quais, ano após ano, são campeões das corridas nacionais. As campinas da Inglaterra, do Kentucky e de algumas regiões da França produziram cavalos de um tipo um pouco mais leve e fraco, da mesma familia que os corredores da Irlanda. Portanto todos são resultados da infusão do sangue arabe, no século dezessete.

O francês se levantou para sair. "Acabamos de fazer algo que hoje tornou-se bem raro" — disse ele — "chegamos a um acordo completo simplesmente porque foi o conhecimento que nos forneceu a verdade e fomos todos bastante honestos para saber admiti-la. Que pena o arabe não estar aqui" para receber os nossos aplausos...





A TRAGEDIA DO CONVENTO das Cabras

Eram onze horas da manhã e orava-se ao senhor, a ele pedindo-se concedesse aos homens incitados, tranquilidade e razão. Gemia o órgão. E no altar da Virgem, emoldurado pela luz trêmula de círios altos, fanavam rosas. Entre as freiras, a própria abadessa, a velha Joana Angélica, de joelhos, resava, fervorosa, ouvindo, longe, com o coração constringido, num ruído surdo e abafado pela melodia que subia aos céos, o pipocar nervoso das espingardas lusas, anúncio tétrico da luta fóra; que crescia. Estava de mãos juntas, os olhos póstos no rosto da Madona, quando sentiu alguém que lhe puxava, forte, pela manga do hábito. Olhou e viu, muito assustada e branca, a Irmã Porteira, que dizia:

— Abadessa, venha! Estão à porta soldados que, à coronhadas, batem e querem, à viva fôrça, que eu lhes abra! Venha, pelo amor de Deus, abadessa!

Soror Angélica, ajudada pela mão da guardiã, com algum esforço, pôs-se de pé, e num passo mais apressado que o dos outros dias, dirigiu-se para o saguão da entrada.

— Sossegue, dizia ela, pelo caminho, à Soror guardiã, eu lhes falarei, convence-os-ei. Eles não persistirão em seus loucos propósitos. E apressava

mais o seu passinho curto de ave assustada, o braço da freira moça e medrosa impelindo-a. Quando atingiram, porém, a face interior da porta principal de madeira e de ferro do convento, a mesma já fendia, cedendo à força dos soldados, em massa, que berravam:

— Viva Portugal! Morram essas infames cabras!

— Meus irmãos! Disse ela, procurando erguer a sua voz fraca que se perdia no ambiente confuso de sons; meus irmãos, esta casa é de Deus! Suspendei vosso insólito propósito e deixai-nos respirar em paz! Somos fracas mulheres e não vos fazemos mal. Ide-vos, pois, pelas chagas de Cristo Salvador! Esta casa é de paz e de amor, não é de ódio, nem de desatinos!

É dispunha-se a, ali mesmo, ajoelhar-se, rezar, pedir aos céos que a protegessem, protegendo o convento, quando, a uma coronhada maior, viu sobre a cabeça estilhaços de madeira que voavam, e, logo, a muralha larga do portão ferrado que caía com estrondo, sobre as lages de mármore da entrada. E vultos de feia catadura, enfelpados, violentos, as faces descompostas, as mãos brandindo armas em riste, as bocas gritando, berrando, blasfemando...

— Não! gritou ela. Não entrareis aqui. O recinto é sagrado. O recinto é de Deus!

Houve um instante de incerteza e de inação entre os que compunham a horda. Era o minuto em que surgia o prestígio, a magnificência altiva e piedo-

sa daquela velhinha côr de cêra, que ali estava, como uma imagem descida do céu, para pregar, entre os homens, a Bondade e o Perdão!

Mas, logo, uma voz pôde ouvir-se que gritava:

— Mata e passa!

— Como? gritou ela, pois tentais invadir uma casa de indefezas e de frágeis mulheres? Ensandecestes, por acaso? Sois, além de inimigos da minha Pátria, inimigos de Deus?

Ouvindo-lhe a voz de timbre doce e destacado, alguém gritou:

— É pôr p'ra fóra os "cabras" que escondeu!

Soror Angélica ainda tentou abrir os braços, como se eles tivessem mais vigor que a alta portada de madeira e de ferro que cedera e que rolara ao ímpeto brutal dos soldados em fúria.

Era uma pobre mulher, velha, enferma e tímida, mas, que, naquêlo momento se transmudava numa criatura cheia de juventude e de audácia.

Foi aí que a ponta de uma baioneta, alcançando-lhe o peito, a derrubou.

— Infames! pôde ela ainda dizer, tentando arrancar, com a sua mão de cêra, a arma dura e homicida que lhe enfiavam pelas carnes, logo exalando o último suspiro.

E lá ficou, num lago de sangue, para sempre. E para a História.

LUIZ EDMUNDO

Um "test" de sensibilidades

A POESIA É ÚTIL À FELICIDADE HUMANA

A Poesia é útil à felicidade humana? Sim, porque é a luz das almas.

Se perguntássemos a Byron, a Goethe ou a Leopardi, por exemplo, se lhes seria possível existir neste mundo sem a poesia, eles arregalariam os olhos, espantados, como se lhes disséssemos que eles poderiam viver sem o sol, o ar e Deus. Mas, não só esses iluminados da Beleza teriam essa opinião. Qualquer criatura, se pensar um pouco, ou mesmo sem pensar, concordará com os grandes poetas que citamos.

A Poesia não é apenas aquela irradiação espiritual contida nas imagens poéticas, sem dúvida. É infinitamente mais. É a harmonia que a Vida espelha em todas as suas formas, como um diamante concentra todo o fulgor solar em suas facetas.

A Poesia é uma criação do Espírito Eterno, enquanto o poema é uma concepção humana. Todavia, embora aquela seja a luz, em sua totalidade divina, e esta não passe, evidentemente, de um reflexo mortal, não se poderá afirmar que as duas não nasçam de uma fonte única: Deus.

Assim, tanto o vitral, a estátua, a tela, o verso, a composição musical e a arquitetura, quanto a flor, a montanha, as aves, a mulher e os astros revelam vestígios da passagem misteriosa da Poesia pelo Universo, entre o Homem e a Natureza.

Entretanto, para os poetas, a Poesia é aquele "país" que não tem terra e só tem céu, aquele mundo transparente do qual eles foram desterrados, numa outra vida. Quando a lembrança melancólica dessa região indefinível chega a seu coração, fecham as pálpebras, para melhor sonhar com as paisagens perdidas no Alto, e escrevem poemas. Fazendo versos, matam as saudades de "lá", de longe, do além maravilhoso, que os atrai.

Eles são uns "exilados". Não pertencem a esta poeira escura que pisamos. A todo instante, em pensamento, voltam-se para o seu Sangri-La azul, que é a sua verdadeira pátria, e sonham. E, sonhando, julgam que regressam àquela doce Canaan de estrelas onde ficaram esqueidas as suas almas.

Se não existisse a Poesia, que vem de Deus como a outra luz vem do sol, tudo seria prosaico, inferior, obscuro pesado, sem elevação. Só pode transfigurar o Homem, dando-lhe asas: e o êxtase é o vôo dessas asas, que fazem a Humanidade tornar ao infinito, através da Arte e da Natureza.

Estas nossas considerações abstratas sobre a Poesia são, naturalmente um sonho. Mas o assunto é, mesmo, de sonho, e portanto, estamos certos, em nossos comentários, segundo nos parece.

A opinião de nomes conhecidos das letras e das artes, a respeito, seria bastante digna de interesse, principalmente os do sexo feminino, já que a intuição da mulher é uma antena de cristal sutilíssima, que, instintivamente, capta as verdades mais profundas. Por isso, apresentamos-lhes o nosso "test", e aqui vão as respostas. A variedade de pontos de vista é estonteante, nessa sucessão de frases... Um bazar de "Mil e uma Noites", todo de palavras mais ou menos coloridas e inquietas. Mas, por essa razão mesma é que achamos deliciosa a nossa tarefa — alguma coisa como um passeio por um oásis, na hora da chegada das caravanas.

Amelia Veiga:

— Viver sem Poesia é viver num jardim sem flores, sob um céu sem estrelas.

Bustamante de Sá:

— Sou pintor. Logo...

Corina Rebuá:

— A Poesia é construtiva. Não fosse ela, que se infiltra pela materialidade da vida, nós seríamos uns desencantados e não evoluiríamos para a felicidade.

Chang Sing:

— A Poesia é a minha vida.

Carlos Maul:

— Das belas inutilidades da vida a única útil é a Poesia.

C. Paula Barros:

— A Poesia é necessária à vida. Ela dá ao homem a faculdade de sonhar e sonho é luz, ascensão, esplendor.

F. Acquarone:

— Por certo. Considero-a utilíssima à felicidade dos homens superiores, que não vivem só de pão. Mesmo aqueles que tem por lema o "primo vivere" sentem a necessidade da Poesia. Eu, pelo menos, sem ela não poderia compreender a vida...

Francisco de Andrade:

— Tão útil quanto a Música, a Pintura e as outras artes. Todas fazem a humanidade feliz.

Francesca Nozieres:

— A Poesia é Deus, visto por nós, artistas. Sem Deus, quem poderá ser feliz?

Georgina de Albuquerque:

— E' indispensavel.

Herbert Moses:

— Poderão a Poesia e a bomba atômica coexistir?

Helio Selinger:

— Sem poesia não há vida.

Jorge de Lima:

— Mais do que útil, a Poesia é tão indispensável à felicidade humana quanto o pão para o nosso corpo, para o nosso sangue.

Lubelia Brandão:

— A Poesia é a própria vida dos que amam e são felizes.

Lully de Carvalho:

— Logico que é útil. A Poesia ajuda muito a viver, porque é uma fuga para a espiritualidade.

Marita Vinelli Baptista:

— Sim a Poesia é indispensável á felicidade porque representa o grande anseio da humanidade que é a eterna aspiração a um mundo superior de beleza e perfeição. E' a música da alma, é deslumbramento, magia, amor, mistério. Felicidade é Poesia.

Mário Hora:

— A' felicidade humana; não sei. Mas á dos poetas, sem dúvida. Há, na humanidade, centenas de individuos que só não desertaram da vida, pela porta larga do suicidio, porque nasceram Poetas.

Manoel Santiago:

— A vida é a própria Poesia. O que sabemos é, em ultima análise, aprendido com a Beleza e com a Arte, que têm as suas raizes na Eternidade.

Nabuco de Freitas:

— A Poesia é uma expressão natural do espirito. Viver afastado da arte é estar afastado das finalidades humanas.

Nelson de Araujo Lima:

— Se todos os homens fossem poetas, ou se, pelo menos, amassem a poesia, a paz reinaria sobre o mundo.

Odette Barcellos:

— Mais do que útil, é necessaria, porque só ela nos traz o encanto da vida.

Orosio Belem:

— A vida é o grande poema humano... Portanto, a Poesia é o enlêvo espiritual da vida.

Odilon Jucá:

— A Poesia ésonho. E quando a humanidade deixar de sonhar terá perdido irremediavelmente a felicidade...

Onestaldo Penaforte:

— E' indispensavel.

Padua de Almeida:

— Se é útil? Ela é a moeda de luz com que o Homem, sonhando, compra a sua felicidade eterna.

Pinheiro de Lemos

— Não é a Poesia um dos aspectos mais interessantes da felicidade?

Rafael Barbosa:

—A felicidade é um conceito — um variavel ponto de vista, etc. etc. Prefiro continuar pensando que a Poesia é tão indefinivel quanto a própria felicidade.

Vera Rosa Monteiro:

— Sim; a Poesia é útil e necessaria á felicidade humana, pois não é nela que encontramos todas as belezas do universo?

Vila Lobos

— A Poesia, em sua expressão genérica, é útil à humanidade.

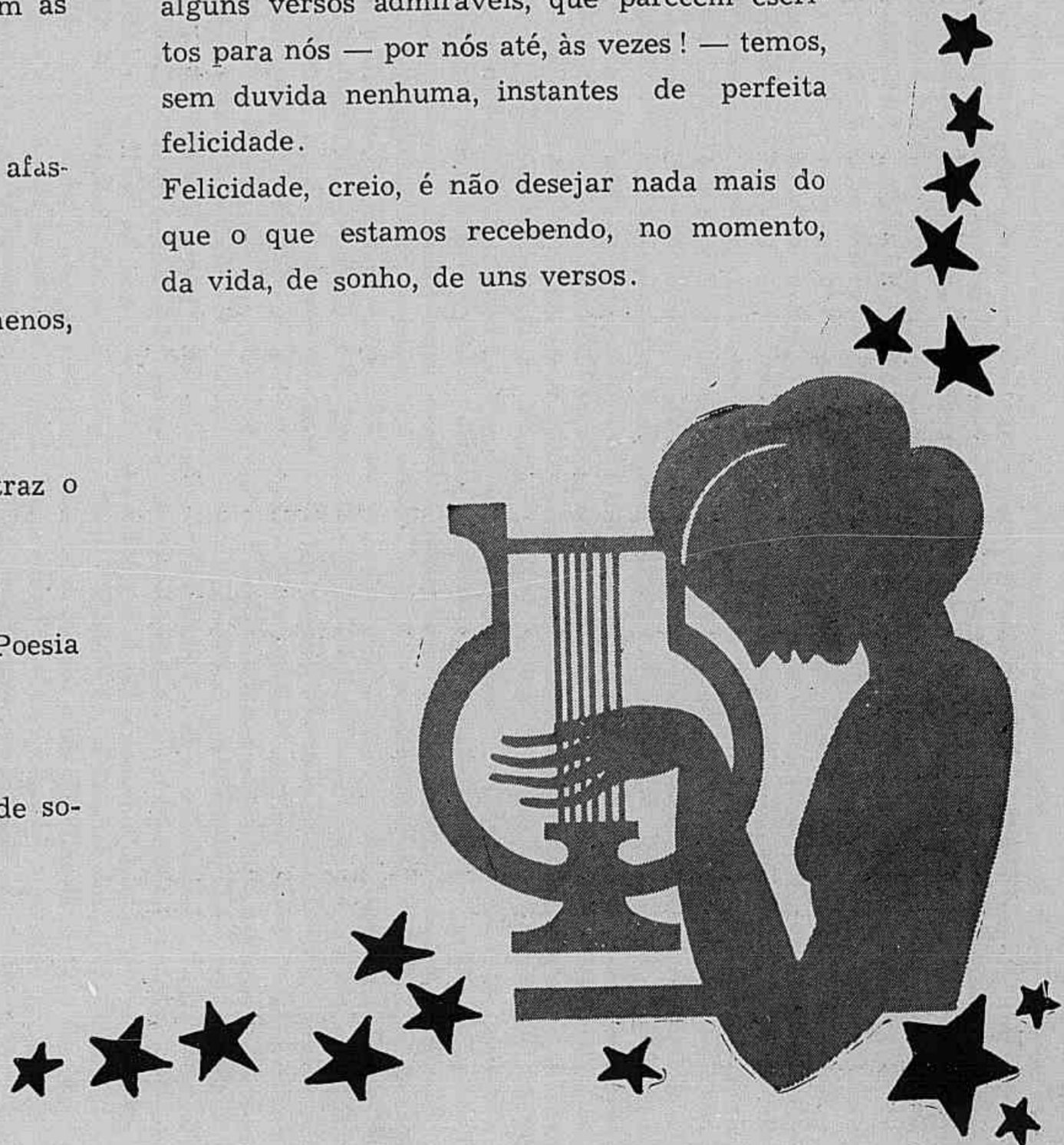
Violeta de Alcantara Carreira:

((Sra. Ladislau de Torok))

— Talvez a Poesia seja mais útil á felicidade humana do que a felicidade humana tem sido útil á Poesia, pois sua grande inspiração costuma vir do sofrimento.

Quando lemos um belo poema ou, num poema, alguns versos admiraveis, que parecem escritos para nós — por nós até, às vezes! — temos, sem duvida nenhuma, instantes de perfeita felicidade.

Felicidade, creio, é não desejar nada mais do que o que estamos recebendo, no momento, da vida, de sonho, de uns versos.



Esperemos, sim: esperar é a vida; alonguemos a vista pelo horizonte do porvir à porfia de quem anuncie o primeiro raio desse sol que ainda há de raiar, desse progresso de que ainda gosaremos e que alguém até em seus sonhos acordados julga descortinar, desde já, rebentando das larvas que se conservam por ora mudas e imóveis!

... a arte como religião tem tido os seus sacrifícios, as suas penas, as suas imolações.

Atormenta-me ainda a convicção de que por muito tempo em meu país será difícil de manter-se a posição do homem de imprensa na integridade de sua independência como eu entendo.

Hoje os povos e os literatos simultaneamente não de compreendido, que o teatro não é só uma casa de espetáculo, mas uma escola de ensino; que seu fim não é só divertir e amenisar o espírito, mas, pelo exemplo de suas lições, educar e moralisar a alma do público.

Por mais opiniões, que tenho lido em contrário, resta-se ainda a convicção de que o teatro é definitivamente uma escola, onde o povo conforme o gênero de espetáculos que lhes for oferecido, pode adquirir ou bons ou máos costumes, proficuas ou danosas lições.

como o teem pretendido alguns, este a refletir e compreender absolutamente toda a sociedade, e esta a receber constantemente do teatro a sua reflexão, contemplando-se a todo instante, nem mais nem menos do que como o fizera uma vaidosa elegante, que se não afastasse um momento do espelho, que lhe reproduzisse a imagem.

O ridículo pode agradar por momentos, pode mesmo chegar a conquistar a popularidade de um instante, enquanto o seu efeito atua sobre o espírito do público; mas não poderá jamais fortificar-se em sua lembrança, há de por força desaparecer tão breve como o risco que promove, há de por força morrer desde o instante em que o espectador volte as costas ao prosênio do teatro.

O que fica, o que se grava indelévelmente na alma do povo é aquilo que lhe chama a reflexão ou que lhe promove o afeto, aquilo que lhe fala à razão ou ao sentimento, aquilo que é filosófico, que é moral e que deve ocupar todo o empenho do poeta, para que a sua missão não seja iludida e para que seu nome seja inscrito com louvor e com respeito no livro das glórias, na simpatia de seus contemporâneos e na recordação da posteridade, que é um prêmio cujo valor não se pode estimar exatamente.

As revoluções são claros que se abrem na história do mundo, são abismos insondáveis que se rasgam

seu curso refletindo, não já as antigas ribas que percorria, mas outras inteiramente diferentes, de uma conformação toda estranha, para apresentar sempre a face verdadeira da situação que atravessa, para representar com exatidão e caráter da nova sociedade em que se acha, afim de não mentir à lei de sua criação, não iludir o destino que lhe coube. Ela não desaparece nunca, transforma-se; não morre, muda apenas de configuração.

O teatro acompanha sempre o movimento político das sociedades.

E, — singular aproximação dos gênios, — é quasi sempre à época dos grandes homens de estado que correspondem a época dos grandes literatos.

Sendo a sociedade, o lugar onde o teatro vai buscar os seus tipos para reproduzi-los na cena, esta, necessariamente, como fiel espelho, refletirá a face verdadeira, o caráter proeminente do período que decorre. Si a época é de glória, de conquistas e de grandeza, está seguros de que o teatro desse tempo será grande como as façanhas de sua história. Si pelo contrário é ela esmorçada, cética e

faculdades, eis o fim de todas as sociedades, de todas as nações.

As forças de sociedade como da natureza são todas sujeitas à mesma lei da atração.

As ideias predominantes de uma época são as mais fortes correntes de atração dos espíritos.

A paixão, como é uma força toda humana, como é finita e contingente, corre só enquanto pode, trasvariando-se na carreira, perdendo-se e escurecendo-se no remoinho fervente de seu próprio desejo, até fenece, até aniquilar-se no remoinho fervente de seu próprio desejo, até fenece, até aniquilar-se.

Bem sei que a época é climatérica, especial, anamala. Nem contra ela me revolto; aceito-a como um período histórico, com todas as consequências de sua necessidade.

Os gênios, quer em políticos, em ciência ou em literatura, são a encarnação das grandes ideias destinadas a fundar com a sua seiva robusta — o terreno da sociedade; são a alma das grandes revoluções destinadas



SELECIONADAS POR DE MATTOS PINTO

O que não se pode contestar, porque é patente a todos os olhos e sensível a todos os corações, é que o teatro exerce uma grande e decidida influência no espírito do povo. Sendo de todas as fórmulas de literatura a mais vigorosa e eficaz, porque é a que apresenta ao homem o espetáculo vivo de suas próprias impressões, sentidas e manifestadas, tais como ele sente que as sentiria e manifestaria nas mesmas circunstâncias, sua insinuação é a mais cafil, a mais imediata, porque não são os meios sobrenaturais que atuam em seu espírito, mas sim os órgãos próprios da natureza, são os olhos que choram, são os lábios que pronunciam, é a voz que acentua e entoa as impressões da alma, é enfim o homem que fala ao homem, são os sentimentos que falam aos sentidos.

Tragédia, drama ou comédia não concebo nenhuma obra dramática, que se possa eximir a esta lei geral da moralidade, indispensável a seus meios e a seus fins.

O teatro é e deve ser sempre a expressão da sociedade, sem que nem a sociedade nem o teatro se limitem,

para marcar a separação entre as épocas que se afundam e as que surgem, para abrir a distância que se deve interpor entre as sociedades que se formam, entre a civilização que cai e a civilização que se levanta.

Só uma cousa semelhante a um vasto oceano se estende e se alarga por sobre todos estes elementos em ruínas. Só um grande vulto se apresenta, que vem do passado, galga o abismo, faz-se presente, e alonga-se pelo futuro; é o povo, e com ele a literatura, porque esta, como já o disse alguém, sobrenada sempre. E é essa a sua força: é por isso que jamais morrerá.

curso, transportados de sua primeira Assim como os rios desviados de seu posição, e lançados por um poder invisível em uma nova situação, procuram e acompanham o declive que encontram para aí então assentarem seu leito; assim também a literatura, que é o povo, que é o grande rio de ideias, transposto pelas revoluções de uma época a outra, procura identificar-se com a nova natureza que encontra, acompanha a forma do novo terreno em que se acha, e continúa

receiosa de tudo, conta também que os passos do teatro serão vacilantes e tímidos.

A política é a vida das nações, o teatro a acompanha. Si sua vida é potente e robusta, si sua atividade se desenvolve no sentido de sua grandeza, podeis conter igualmente com a robustez e a potência da literatura e do teatro.

Os gênios, para servir-me de uma comparação que não é minha, como os cedros do Libano, nascem sómente nas alturas, crescem e fortificam-se ao embate das tempestades. E si acaso a política de um estado é mortecor e desanimada, débil e vacilante, como pedir criações? Como fazer apêlos aos gênios e à inspiração, si eles não encontram uma atmosfera que os pode alimentar e conservar?

A grandeza, isto é, o mais lato desenvolvimento de suas forças e as suas

pelo seu caráter e sua força a dar à sociedade uma nova face, e transformar em eu giro as cousas que existem substituindo-as por outras mais produtivas, próprias ao desenvolvimento social, à perfeição da humanidade.

A paixão como é homem, perde-se e some-se sem deixar após si mesmo o rumor de sua passagem, nem a recordação de sua individualidade.

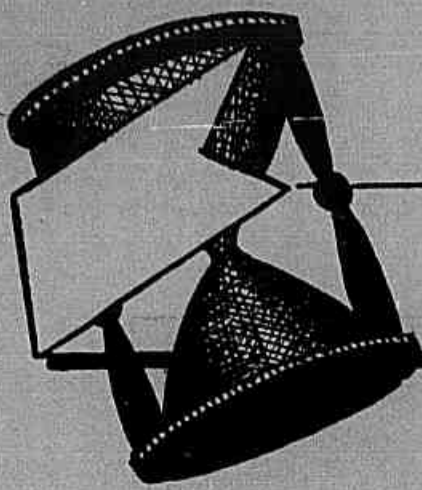
As novas lutas, as novas ilusões, os novos desenganos e as novas incertezas levaram ao cumulo a agitação dos espíritos, a impaciência de uma geração nova e ardente, que aparecia pálida e nervosa diante do futuro a conjurar as tempestades que no horizonte se desenvolvem já carregadas e sobranceiras. A inexperiência trouxe a confusão, e esta arrastou consigo a desordem na política, nas ciências, na literatura, nos teatros, e sobretudo no jornalismo.

QUINTINO BOCAYUVA



A VISITA

Tela de Eliseu Viscanti



ACONTECEU EM 30 DIAS

Vinha o bonde, em marcha regular, quando uma moça se atirou à sua frente, com visível disposição de matar-se. O motorneiro que estava atento freiou o pesado veículo, os ferros rangeram, e a que assim procurava a morte foi salva. A pericia do homem rúde que dirigia o carro realizou o milagre. Mas o motorneiro não se mostrou satisfeito com o dever cumprido, nem deu mostras de seu contentamento. Parou a viatura, desceu à rua e caminhou, zangado, para a desgostosa que ainda não compreendera bem a situação em que se encontrava. Estava de cara fechada, e desandou em improperios. Não tivera aquele gesto por pena. Era para não se aborrecer com a policia e com a companhia. Por que não bebeu veneno, formicida, lizol, acido fenico, o que quizesse? Por que não se meiu numa barca de Niterói e não mergulhou na Guanabara? Por que não se projetou do alto do Corcovado ou do Pão de Açucar, como tem feito tanta gente? Qualquer maneira servia, desde que não fosse debaixo do seu bonde. Por mais estranha que pareça a atitude desse motorneiro, ela traduz um estado de espirito perfeitamente logico. Preposto de uma depoderosa empresa de transportes urbanos, cabe-lhe imensa responsabilidade por tudo o que aconteça com o seu veículo. As vitimas de desastres ou os suicidas, têm sempre alguém que recorre aos tribunais para reclamar indenizações vultosas. No final das contas quem paga o pato é o motorneiro que acaba ficando sem emprego e por cima acusado de máo profissional. A revolta desse que teve a fortuna de evitar uma desgraça é, porisso, perfeitamente compreensivel e humana...

Eis um policial que procurou seguir à risca as lições dos mestres e viu-se em palpos de aranha por causa de seu excesso de zelo. Estava ele de serviço numa de nossas praias atlanticas, a vigiar os que por ali costumam aparecer para divertir-se transgindo as determinações das autoridades. Num bar dois cavalheiros em traje esportivo, um deles com a camisa aberta e no rigôr da moda de verão, começavam uma ligeira refeição. O agente olhou o grupo e achou que aquela indumentaria ofendia as determinações superiores relativas à decencia na via publica. Se os banhistas eram obrigados a cobrir-se quando saiam da agua e atravessavam as ruas, com maior razão devia quem entrasse num restaurante vestir-se de acordo com o lugar. Não lhe parecia justo que aquele cidadão ali

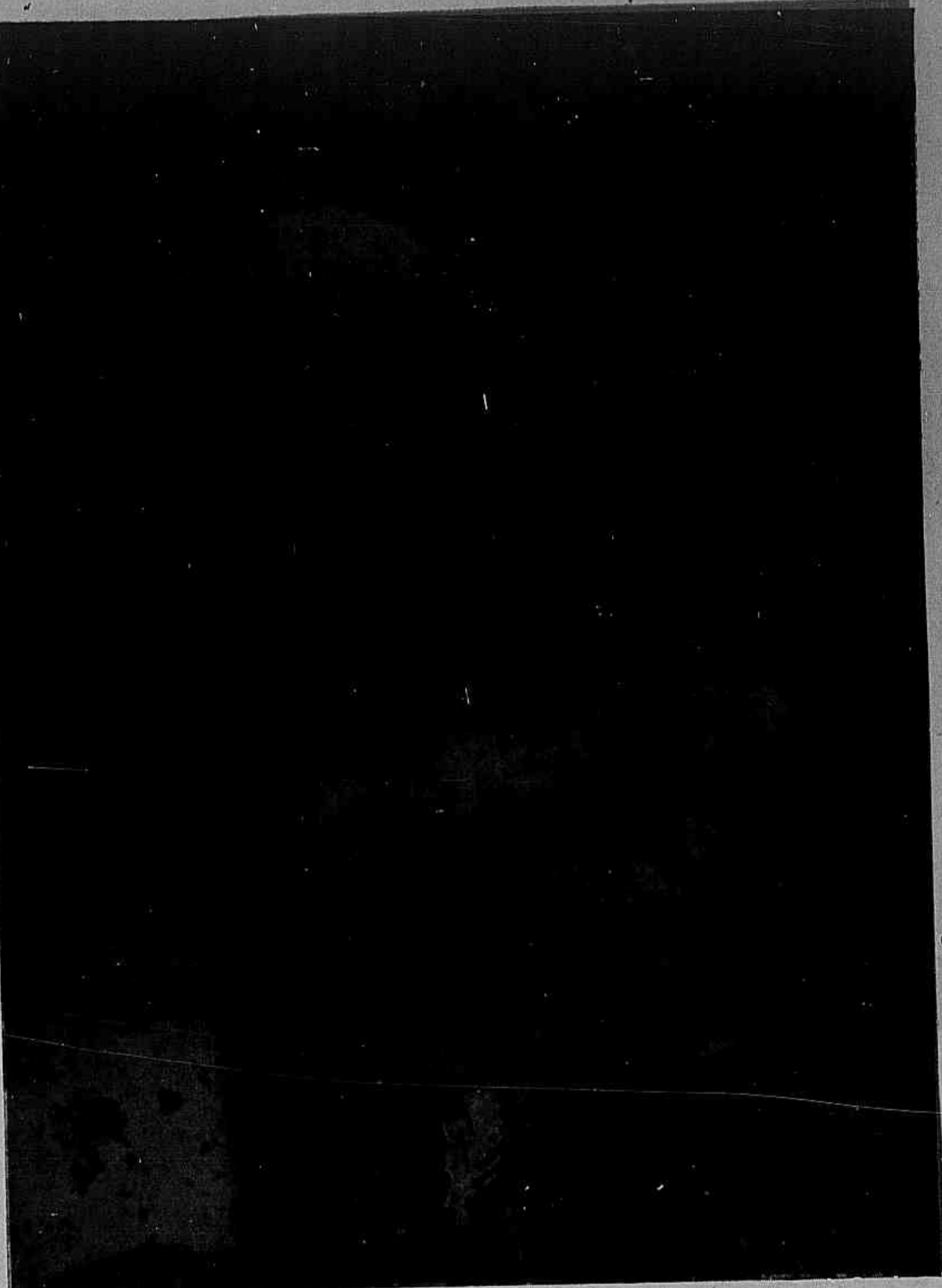
permanecesse sem gravata e tem mangas de camisa. E com esse pensamento adomoestou o transgressor da lei. Este com modos suaves não se deu por achado e pediu que o deixasse acabar o repasto, e em seguida não teria duvidas em acompanhar o policial à delegacia mais próxima. Passados momentos um e outro puzeram-se em marcha na direção do distrito. Uma vez aí o episodio tomou carater humoristico, porque o detido era apenas o comissario que teria de lavrar o proprio auto de flagrante. O detentor atrapalhou-se todo e quiz desculpar-se. O comissario achou muita graça no incidente, mas viu tambem que as medidas estapafurdias acabam frequentemente contra quem as engendra...

Andou mal orientado quem indicou para divulgação oficial através do Instituto do Livro a "História da Conjuração Mineira" de Joaquim Norberto. Trata-se de um livro escrito com propositos confessados pelo proprio autor, no tempo da monarchia, de reduzir as proporções de Tiradentes. Republicano fervoroso, o alferes revolucionario de setecentos e oitenta e nove não era pessoa que se glorificasse impunemente sob o regime que ele não desejava no Brasil. Alguem quiz promover a ereção de uma estatua ao pró-martir, e nessa altura Joaquim Norberto saiu a campo com a sua obra demolidora que, na quela epoca, encontraria ressonancia no ambiente monarchico. Exgotado ha muito esse trabalho só raros colecionadores o possuiam nas suas bibliotecas. Não havia motivo para reeditá-lo à custa do Estado, principalmente porque do ponto de vista da verdade histórica ele se ressentia da intenção pejorativa alvejando a idéia republicana. Ao publicá-lo Joaquim Norberto obedecia a um pensamento dominante e tambem cumpria o seu dever de sulico. Não nos parece que a Republica deve à monarchia tamanhas reverencias, ao extremo de custear reimpressões de libelos em que se amesquinha o merito de seus apóstolos e santos. Houvesse o Instituto executado uma edição critica, com prefácio de uma autoridade insuspeita como por exemplo e a de um Basilio de Magalhães, e poderia absolver-se do mau passo com essa justificativa. Assim, porem o seu ato é dos que o colocam entre os que se aproveitam das facilidades de que dispõem para desservir ao Brasil no setor da cultura.

Recentemente o desembargador Saboia Lima proferiu uma conferencia em torno do grave problema dos menores abandonados desta cidade. Velho conhecedor do assunto, desde os tempos em que exerceu com raro dscortínio o cargo de Juiz de Menores, o eminente magistrado e tambem um sociologo de forte envergadura, um patriota que procura resolver as questões que dizem mais de perto com a defesa da nacionalidade. No seu estudo Saboia Lima penetrou fundo no tema e mostrou os pontos fracos do metodo empregado pelos nossos serviços de assistencia social. Salientou, principalmente, a falta de um aparelhamento em condições de corrigir os vicios que os pequenos recolhidos pelo Estado nos seus raros reformatorios trazem dos meios de onde saíram, familias desorganizadas, contatos com elementos já contaminados pelo

microbio do desajustamento. Nada menos de oitenta mil crianças entregues aos azares da sorte ingrata existem no Rio de Janeiro, segundo a estatistica citada pelo desembargador Saboia Lima. A essas é que devemos dar o máximo dos cuidados para que elas um dia se integrem nas forças vivas do país e possam dar de si o que é obrigação de todos conceder à terra do berço para sua grandeza e prosperidade. Aliás, na sua esplendida conferencia a que nos estamos referindo o préclaro pensador patricio alude à necessidade de formar homens com a matéria plástica infantil e de acordo com os rumos mentais e morais da Pátria, e de preferencia a buscá-los já feitos, com as suas deformações de toda a ordem, e onde eles se encontram presos a um mundo de que dificilmente se desprenderão sem falhas.

O Redentor abraça o mundo... (Vezelay),
Bourgogns)



Afrescos que impressionam pelo patético da sua expressão.
(St. Martin de Fenouillard, Pyrenées Orientales).

Estátua da Virgem: simplicidade da expressão ar-
tística e dignidade bisantina. (Auvergne).

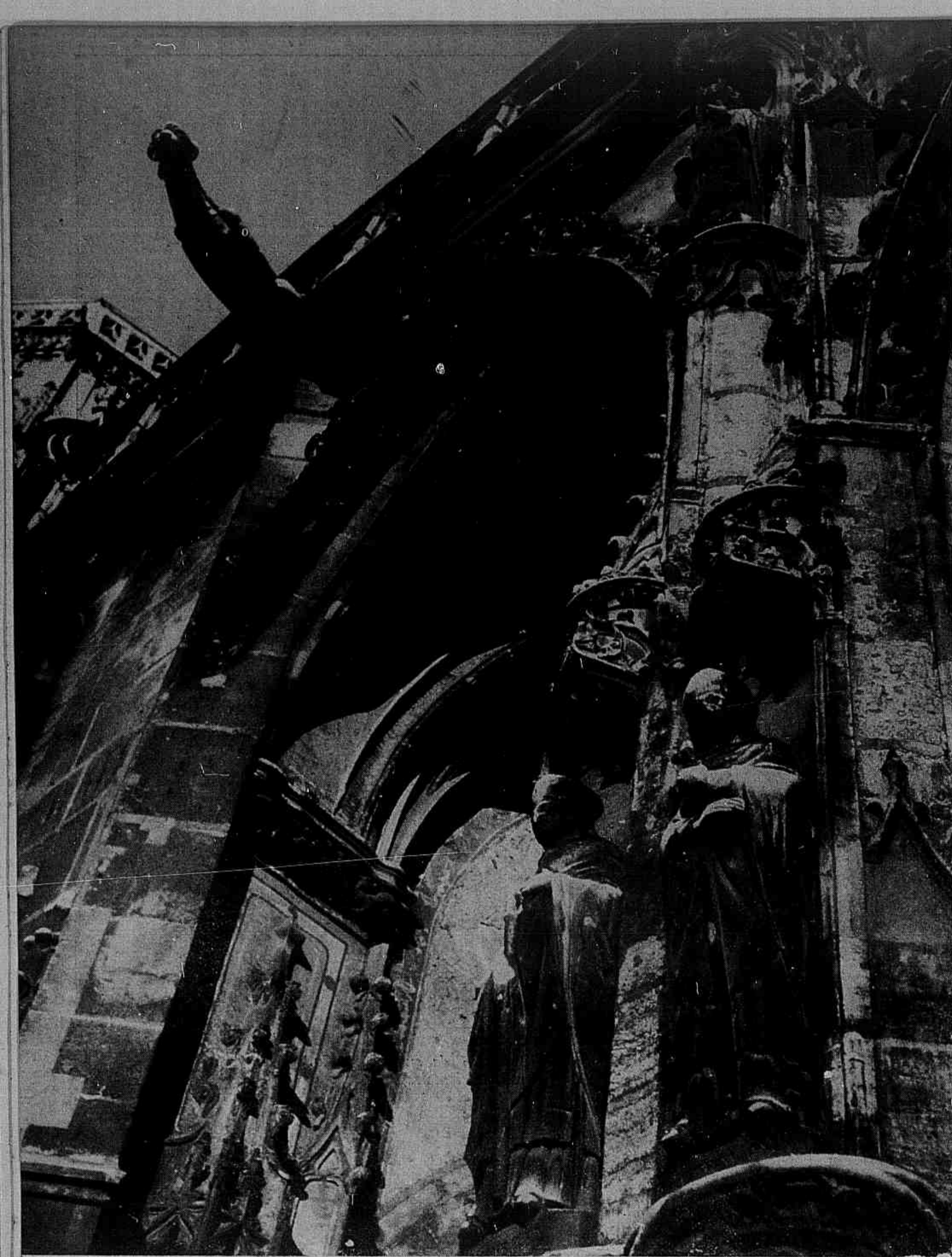


Arte e Religião

na FRANÇA

MICHEL B. KAMENKA
DO P. E. N. CLUB DO BRASIL

A França foi chamada a filha mais velha da igreja. Denominação bem merecida porque a fôça do sentimento religioso do povo francês é livre de qualquer formalismo ou constrangimento, é o resultado da necessidade íntima, de uma escolha espontânea, sincera. A França tem os seus mártires e os seus santos. Os problemas religiosos, as controvérsias da fé, ocuparam sempre os grandes espíritos da França, de São Luis a Pascal, de Peguy a Claudel, e as cruzadas partiram da França. Todas as ideias; as do pensamento livre, como as da fé mais profunda têm as suas raízes na França. Por todo o país se acham semeadas obras de arte religiosa: igrejas, mosteiros, abadias ou catedrais. Do norte ao Sul, do Leste ao Oeste, encontram-se estas testemunhas eloquentes daquela fé que faz a fôrça do espírito francês, desde a simples cruz na encruzilhada dos caminhos até a majestosa catedral. A arte religiosa é a mais alta expressão da fé, a sua cristalização completa e duradoura, que se projeta nos séculos. As formas desta arte alimentada pela fé são diversas, às vezes contraditórias; dependem das influências sofridas, do espírito da época ou de condições locais. No Sul da França e até às províncias centrais, sente-se a influência da arte mediterrânea e mesmo oriental, importadas diretamente, ou pelo caminho da Espanha vizinha, cuja cultura é tão incrustada de elementos orientais trazidos pelos árabes.



*Portal da St. Germain
d'Auxerrois, (Paris)*

Mas foi na Isle da França, sob o seu céu suave, que nasceu o estilo que representa o símbolo mais elevado, a forma mais pura que jamais encontrou o homem para exprimir sua fé por meio de pedras: as catedrais góticas como a de Chartres, Notre Dame de Paris, Reims e Amiens, que são as mais belos florões desta arte extraordinária onde divino e o humano se confundem.

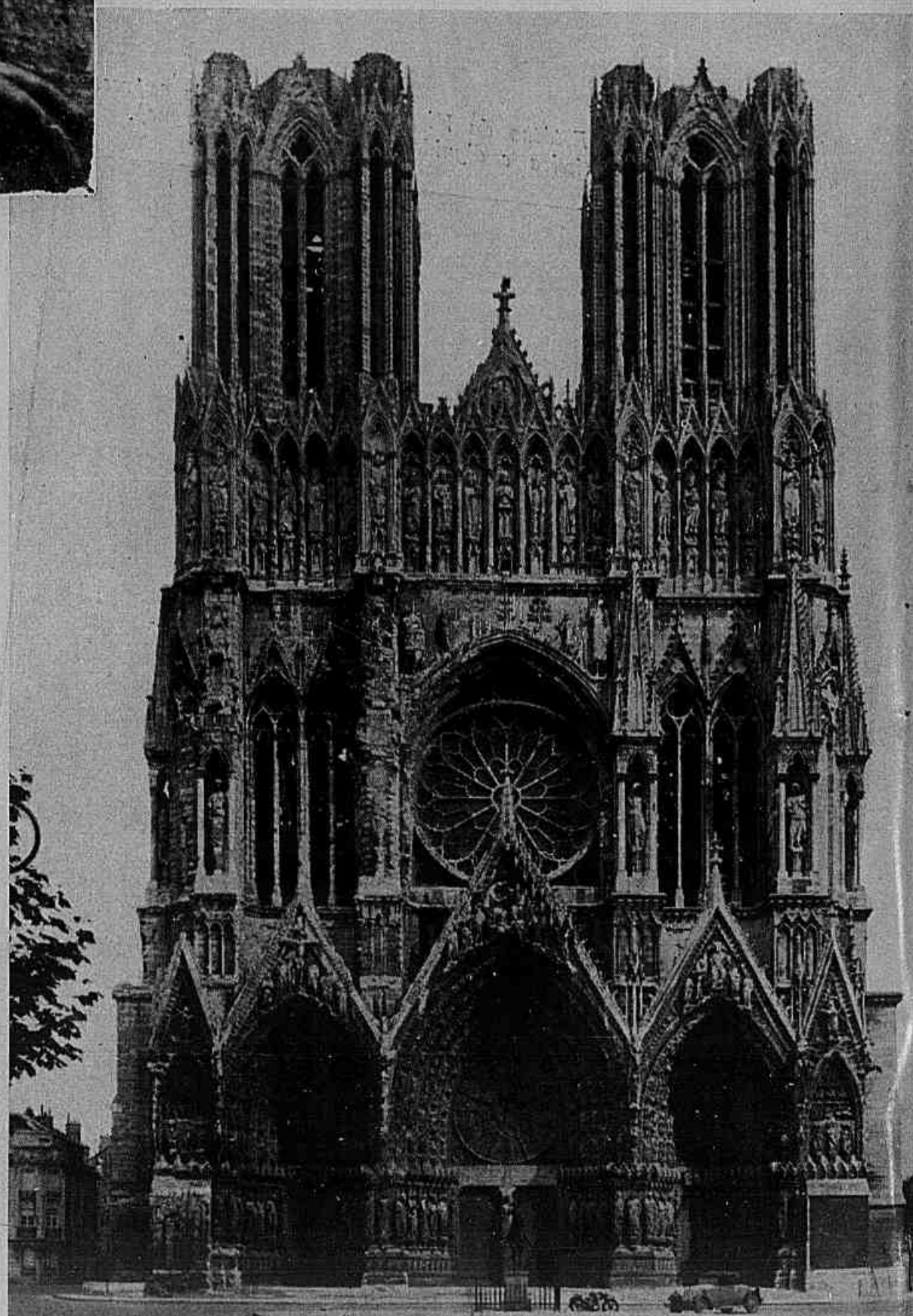
Fora destes monumentos, universalmente conhecidos, existem mil outras obras de arte que comprovam a fé ativa e criadora do povo francês.

Quem quiser perambular pelos caminhos e belas estradas da "douce France" poderá fazer, como eu, descobertas inesperadas e surpreendentes.

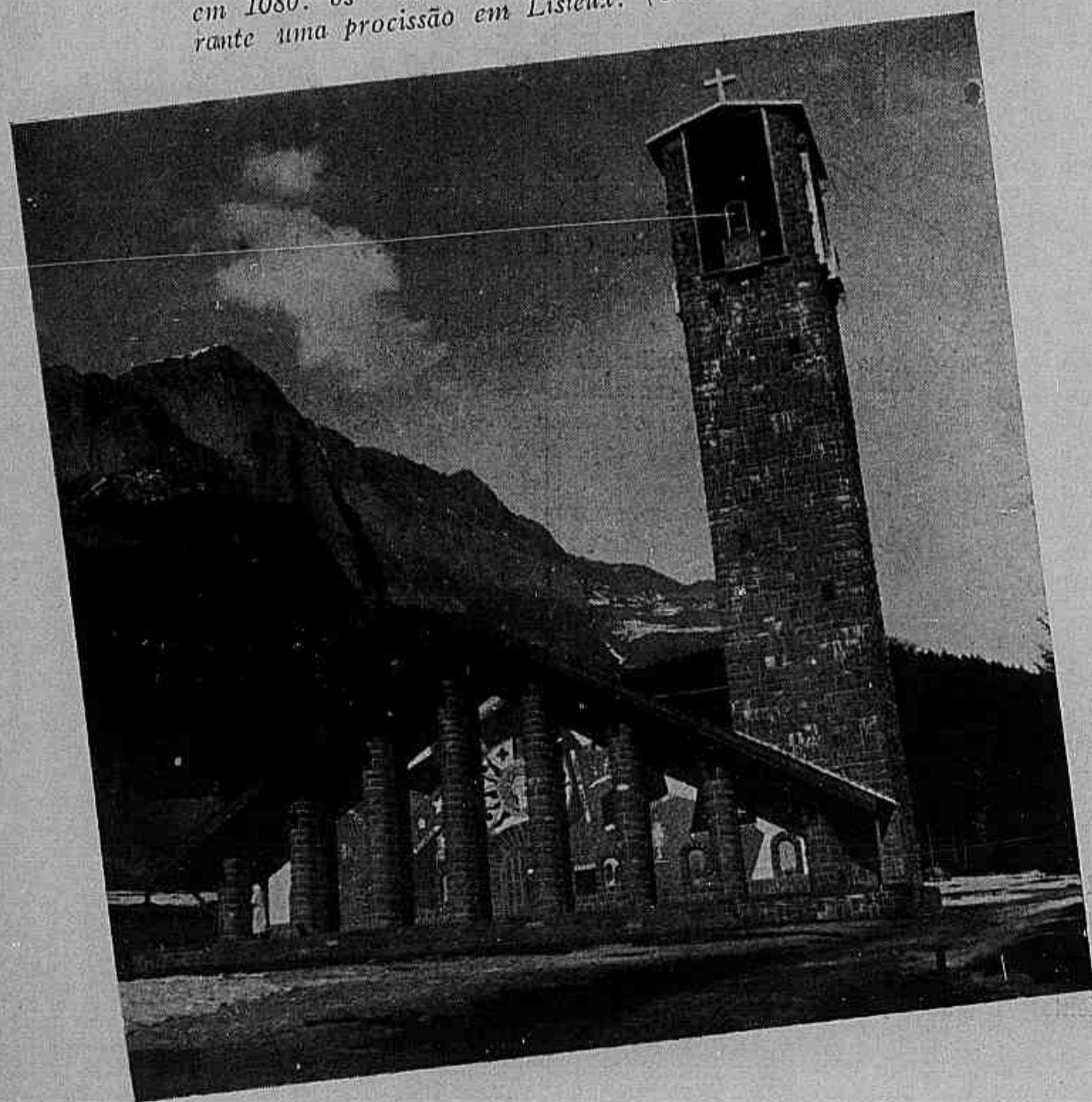
No extremo Sul, no Roussillon, perto da fronteira espanhola, nas igrejinhas desconhecidas, acham-se esculturas e frescos que impressionam pelo patético da sua expressão e pela estilização arcaica, que os aproxima extranhamente da arte moderna. A simplicidade de expressão que procuram os artistas modernos, esse "dépouillement" que é a finalidade suprema de um Matisse ou de um Rouault (que queimou algumas centenas de seus trabalhos por não os achar dignos do seu nome) — este "dépouillement" é encontrado pelos fresquistas do Século XII espontaneamente guiados pela força do seu sentido religioso.

Subindo pelo Norte, para a Auvergne, austera, vulcânica, a terra de Vercingetorix, centro religioso da França na Idade Média, e de onde partiu a primeira cruzada, encontramos um tipo de uma Virgem que remonta até o concílio de Ephés em 431, quer dizer ao início da Cristandade. O prototipo desta imagem santa, revestida de ouro, hoje desaparecida, era venerada em toda a Auvergne, tendo sido copiada em mil variantes. De um encanto todo mediterrâneo, de uma majestade

A Catedral de Reims (Champagne).



A mais antiga irmandade da França, fundada em 1080: os "Charitons de Normandie" durante uma procissão em Lisieux. (Calvados).



austera, estas estátuas reúnem a simplicidade da expressão artística a uma dignidade toda bizantina. Como os afrescos dos Pireneus, revelam certo parentesco com a arte moderna, e por isso nos encantam e nos agradam.

Ainda mais para o Norte, em Vezelay, na Borgonha, encontramos a famosa abadia dos Beneditinos, que viu São Bernardo pregar a segunda cruzada - monumento famoso, onde o estilo romano se encontra com o seu sucessor: o gótico.

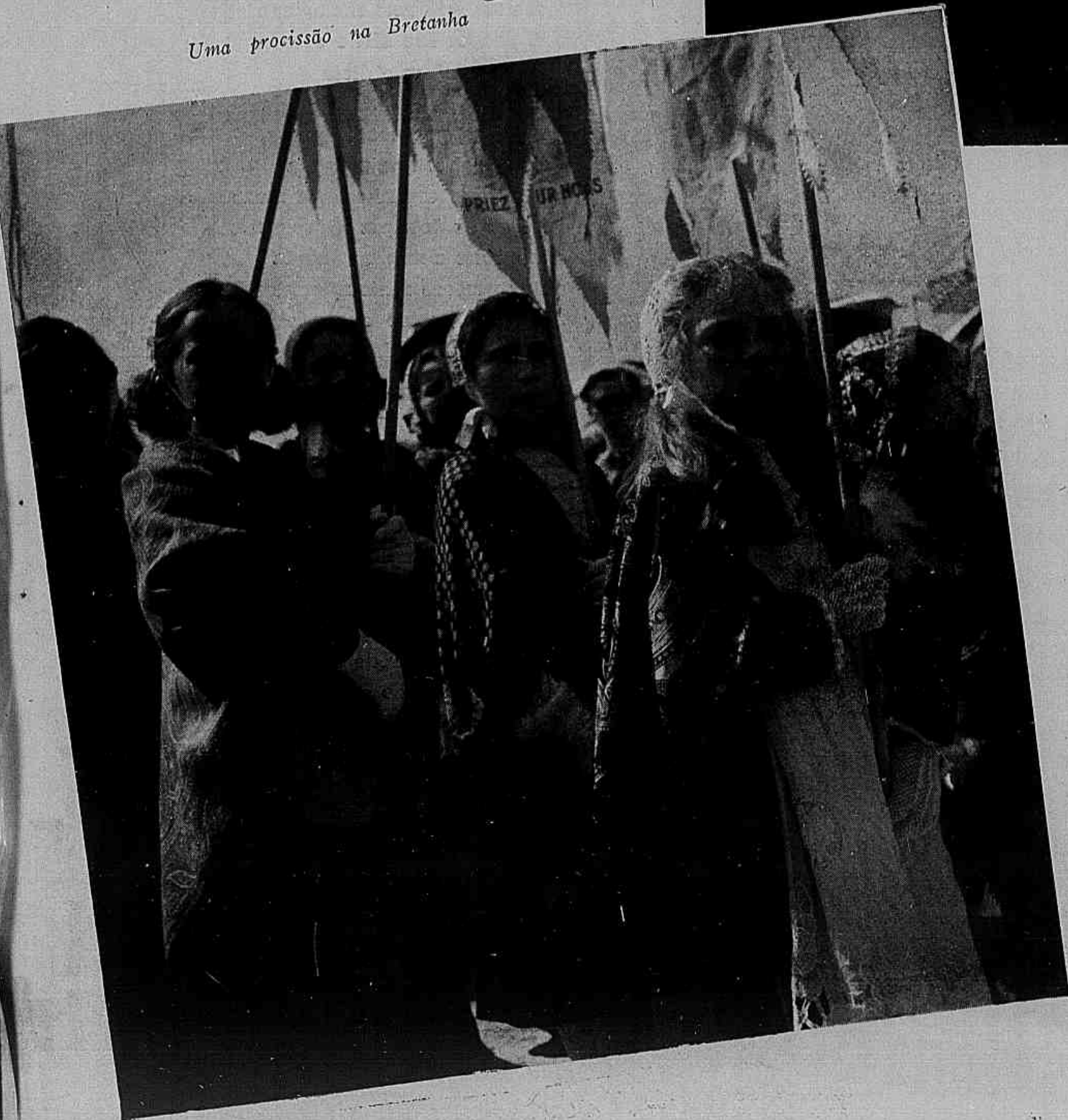
Na frente do santuário, dedicado à Sta. Maria Madalena, ergue-se um baixo-relevo do Redentor, que abraça o mundo num movimento patético e envolvente: obra extraordinária pela expressão de fé ardente.

Na Isle de France, as catedrais desabrocharam como flores magníficas. Décênios e às vezes séculos foram necessários para completar as obras. A vontade de vencer, a fé ardente animavam e transmitindo a chama sagrada. É uma sabedoria construtores, que se sucederam por gerações, que ainda hoje nos espanta. Durante a reconstrução da catedral de Reims, depois da primeira guerra mundial, os mais competentes engenheiros e arquitetos encontraram as maiores dificuldades para restabelecer, no seu estado primitivo, o monumento gravemente danificado.

Muitas idéias audaciosas e revolucionárias nasceram na França. Desde os tempos de Voltaire e da grande Revolução pensa-se que a França se afastou da Igreja. Grave erro. Hoje, como ontem, ela vive em plena fé, e os desastres da guerra e da ocupação aumentaram ainda a intensidade do sentido religioso.

Este sentimento nunca cessou de existir no seio do povo. As procissões, as peregrinações de Lourdes ou de Lisieux, o "grands perdons" na Bretanha, são momentos de um fervor acentuado e vibrante.

Uma procissão na Bretanha



Procissão das freiras.

Como nos tempos passados, a arte religiosa correspondia ao espírito do tempo, assim continua hoje. A Igreja compreendeu a necessidade de renovação. A diocese de Paris iniciou um programa de construção com as formas as mais ousadas e modernas. "As cem igrejas do cardeal arcebispo de Paris" são conhecidas. O movimento de renovação estende-se por toda a França, e os artistas procuram na simplificação moderna, conservar toda a dignidade da casa de Deus. Um Rouault, intensamente voltado para as coisas do espírito, encontra nos vitrais uma expressão de emoção profunda, que nada fica a dever aos afrescos de Roussillon, enquanto Matisse, realizando o seu velho sonho, está construindo e decorando agora em Vence, na Côte d'Azur, uma capela para os seus amigos, os Beneditinos. Este ano, que é o Ano Santo, quando os pensamentos se voltam para as coisas do espírito e da religião, parece oportuno lembrar que a França não é somente o país dos prazeres e do luxo, mas o país em que se trabalha e pensa, a terra onde se cria e onde a fé não morre.



Dais

Não demorou a resposta. Alberto de Oliveira que versejava com imensa facilidade e no mesmo estilo, mandou-lhe estas rimas a que intitulou de "Conta do medico:

Luiz Guimarães Filho, grande poeta brasileiro, cuja obra nos mostra uma das mais formosas sensibilidades da nossa literatura, era, em 1935, embaixador do Brasil em Roma. Na mesma época lá se encontrava, em idêntica missão de Portugal, Alberto de Oliveira, outro nome de fulgor das letras lusitanas. Os dois conheciam-se dos tempos da juventude em Coimbra onde ambos fizeram o curso jurídico. Um dia Alberto de Oliveira enviou um cartão de felicitações ao colega e amigo. Este imediatamente respondeu-lhe em versos e nos quais corrige um engano de data em que incorrera o outro. São estas as estrofes:

"Caro Alberto:

Diga ao Santo
Che io lo ringrazio tanto
De haver mandado o "imortal"
Ministro de Portugal
Trazer-me votos felizes
Por sermos ambos Luíses.
Mas, ai de mim!
Ele na perpétua glória,
Eu na vida transitória...
Ainda assim,
Estou certo, quási certo,
De que o Santo, ilustre Alberto,
Não lhe disse que viesse
Ontem trazer essa messe
De efusivos parabéns,
Ao seu xará Guimarães...
Você, caríssimo e doce
Confrade, precipitou-se...
Não vá repetir o engano:
Escreva do próprio punho:
S. Luís, 21 de Junho.

Até mui breve. Entretanto
A você, ao grande Santo
E à futura Embaixatriz
Sinceramente agradeço
Os votos que não mereço.
Saudades nossas.

Luís"

"O Senhor Embaixador
Sofria de certa dor
Sita na base do crânio.
Então, num gesto espontâneo,
Improvisei-me doutor
Sem seringa nem peruca
E disse assim: "Não, senhor,
Qual crânio, nem meio crânio!
Onde lhe dói é na nuca".
E, sem mais tirar nem pôr,
Com a simples medicina
De uma "cafiaspirina",
Tirei num instante a dor
Ao Senhor Embaixador.
No mesmo instante, contudo,
Notei que Sua Excelência
Sofre de mal mais agudo,
Rebelde à minha ciência:
Chamam-lhe alguns "muito mimo",
Outros lhe chamam "fartura",
E nem sei como me animo
A propor-lhe alívio e cura.
Vá lá: Jejum e dieta,
Penitência a tôda a brida
A quem, por nascer poeta,
Deve saber que na vida
Há mais espinhos que rosas
E que as doenças nervosas
São luxo e manha sabida
Das pessoas mais mimosas.
Procure meter o dente
No pão que o diabo amassa
E verá que, de repente,
Todo o quebranto lhe passa,
Fica animado e contente.
O preço desta receita,
? Quem só o pode pagar
Com um sorriso no olhar?
Quem há-de ser? A perfeita,
Bela e fina Embaixatriz,
Que melhor que eu, ó Luís,
Conhece o segredo e o xis
De o tornar são e feliz.

Roma, 30 de Junho de 1935.

Euculápio Júnior"

Zabney
1950

poetas divertem-se com rimas

O cantor das "Pedras preciosas" não se fez de rogado e enviou ao confrade novas estrofes, repassadas de lirismo e graça:

"Roma, junho, sexta-feira,
Caro Alberto de Oliveira:
Fer caritá, diga quanto
Lhe devo pela consulta
E pela "cafiaspirina".
Já folgo, passeio e canto,
Minhalma feliz exulta,
Meu triste olhar se ilumina.
A' você que nesta data
Deixa de ser diplomata
Para ser medico illustre,
Eu devo não ter morrido
De algum ataque no ouvido,
De alguma febre palustre.
Graças à sua experiencia,
Seus talentos e ciencia
Do torpe e humano organismo,
Foi que escapei (tive sorte)
Das negras unhas da morte,
Do fim, da treva, do abismo.
Você dispõe de feitiços...
Não há doutor mais esperto,
Fé maior nenhum me inspira.
Aqui tem por seus serviços,
Meu caro doutor Alberto,
Os acordes de... UMA LIRA!"

Houve então um jantar oferecido por Luis Guimarães Filho, e nele o homenageado sentiu o que havia de afeto no seio daquela família brasileira na Cidade Eterna. Após a refeição saiu-se Alberto de Oliveira com mais estes versos:

"DEPOIS DE UM JANTAR

O Alberto de Oliveira
Agradece penhorado
O vinho tinto "Figueira",
O soberbo frango assado.
A alface de mais sabor,
Mais fresca, que jamais vi,
E êsse novo fruto e flor
Que se chama "bacuri".
De tal banquete o segrêdo,
Sua ciência, sua arte,
Vou revelá-los sem medo,
Contá-los por tôda a parte,
Desde Carrasco à Abissinia,
Seja qual fôr a distância:
— ! Ordens de Dona Lavinia
Executadas por Sância!"

Como era natural, Luis Guimarães Filho ainda tangeu a lira mais uma vez e ela assim traduziu seus pensamentos risonhos:

"Se um pobre franguinho assado
Meigas estrofes te inspira,
? Que dirá a tua lira
Quando a puseres ao lado
De um bom Perú recheado ?

Se a um vinho tinto moderno
Consagras rimas tão ricas,
? Em que termos classificas
As autênticas barricas
Do velhíssimo "Falerno ?

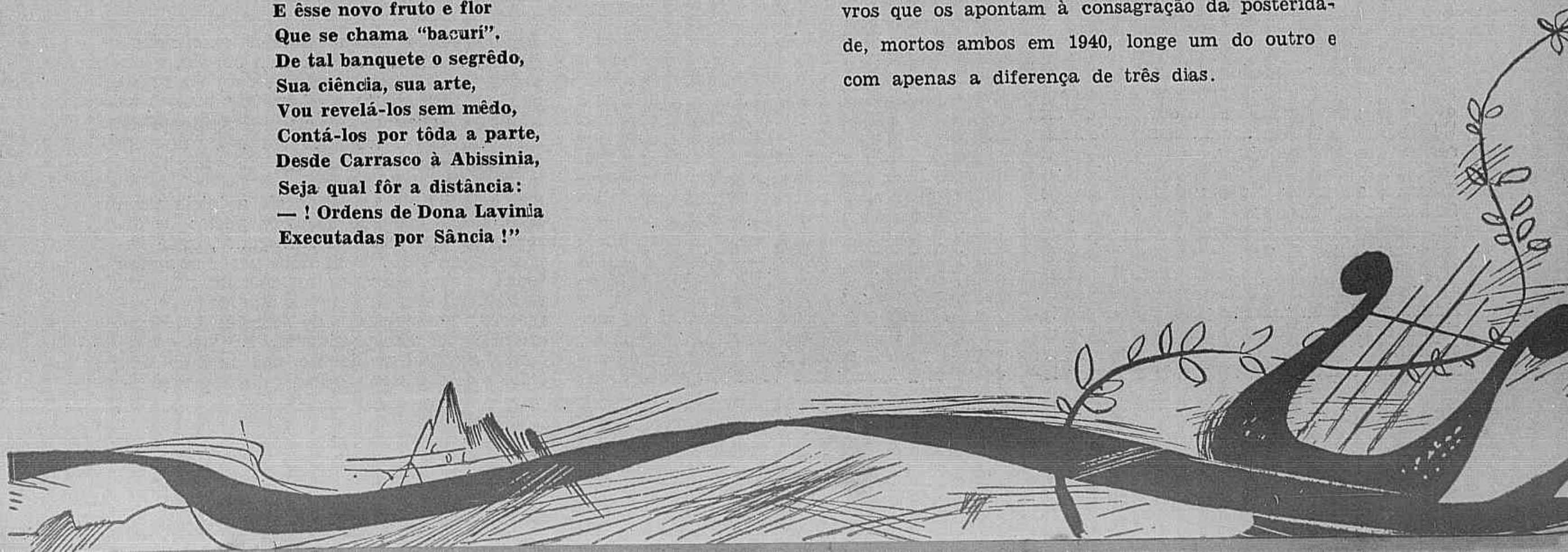
Se para a modesta alface
Tens frases de tal calor,
? Como será quando passe
Junto ao teu lábio amador
Um prato de couve-flor ?

Canções tão belas não li,
Nem nas línguas que aprendi,
Nem no doce guaraní,
Nem no suave tupí,
Como as escritas por ti
Em louvor do bacuri...

Oh ! fruta, flor e perfume,
Teu triplo braço resume
Toda a riqueza das selvas !...
Melhor que tu só conheço
— Acima de qualquer preço —
A verde azeitona de Elvas...

Viva, pois, entre os produtos
Da terra, viva entre os frutos
Da natureza fagueira.
Este que nasce na rama
De uma planta que se chama
Meu caro ALBERTO, — OLIVEIRA".

Desse modo amenizavam os seus dias em Roma esses dois grandes e luminosos espíritos que tanto elevaram o pensamento das suas patrias em livros que os apontam à consagração da posteridade, mortos ambos em 1940, longe um do outro e com apenas a diferença de três dias.



UM HOMEM REPRESENTATIVO DA POLITICA DE SENTIDO AMPLO

A recente reeleição para o alto cargo de Presidente do Conselho Superior das Caixas Economicas Federais, do illustre Dr. Edmundo de Miranda Jordão, proporciona-me o ensejo, sobremaneira agradável, de lembrar-me demoradamente de sua fecunda vida pública; o qual, apoderando-se intensamente da minha faculdade de atenção, nela desperta a idéia de divulgar o conhecimento desses dados, a que seu alcance patriótico dá eficiência. Para isso entretanto é preciso saber apelar para a atenção do leitor, a fim de que se torne concreto, como sentimento seu, aquilo que a pena de quem escreve pretende revelar. Eis o que sugere a respeito **Jean-Paul Sartre** em "Situations" (II). "Escrever é apelar para o leitor a fim de que ele faça passar para a existência objetiva a revelação empreendida por meio da linguagem escrita".

Fazer passar à existência objetiva é transformar o assunto narrado pelo prosador em motivo de vontades e causa de sentimentos. E' mover o leitor, abalando-lhe o espirito e levando-lhe o corpo à execução de atos, provenientes do abalo referido.

Seria uma ambição ideal, essa de transformar em fatos concretos, atuais, os de uma vida pública pujante de patriotismo e de humanismo, tal como a do Dr. Edmundo de Miranda Jordão. Quem maneja a pena recapitula uma lição edificante, mas um relato abstrato não basta; o que seria necessário é que ele se transformasse numa recapitulação cinematográfica, num filme cheio de colorido e movimento. Mas isto depende exclusivamente do leitor, desde que o autor não dispõe dos recursos analíticos e estilísticos de um Marcel Proust, tão preciosos e raros, que lhe permitam partir "à la recherche du temps perdu", a fim de o auxiliar na operação de perceber o passado como se ele fosse coisa do momento atual.

Mas, apesar disso, tomo o compromisso a que se refere o autor citado (Jean-Paul Sartre): — "O escritor que toma o compromisso sabe que a palavra é ação; sabe que revelar é transformar e que nada se deve revelar sem o projeto de provocar transformações".

Pretendo assim celebrar neste momento, em que surge uma oportunidade **representativa**, como diria Emerson, a carreira pública do Dr. Edmundo de Miranda Jordão. Refiro-me tanto à sua carreira profissional de advogado como a de homem político na acepção aristotélica do termo; ambas notáveis pelo otimismo característico da personalidade desse grande brasileiro e pelo brilho com que sua privilegiada inteligência as tem ornado. Seus discursos formam um colar precioso de rutilantes pedrarias verbais, cujo grande valor provem do fato de serem verdadeiras as suas palavras, sempre apoiadas em atos que são edificantes exemplos de patriotismo; e dir-se-ia, ao recordar uns e outros, que tem tudo em mira provar a exatidão da doutrina cosmica do otimismo, concebida pelo grande Leibniz, e com tanta verve escarnejada por Voltaire, ao crear o famoso Dr. Pangloss. Sua carreira pública não é, apenas, a de um profissional, nem tampouco é a de um político partidário. É, sim, de caráter humanístico e sua política é de sentido amplo, alheio às permanentes disciplinas sistemáticas. Nunca se deixou marcar pelo cunho profissional e soube colocar, acima de sua vasta cultura especializada, uma inapreciável massa de conhecimentos gerais e humanis-

ticos. Um conjunto de circunstâncias felizes fez dêle o homem que não adquiriu, somente, os conhecimentos sobre estradas a trilhar, necessários à sua viagem, a ser feita dentro de uma profissão; e que, ao fim dessa viagem, se vê desamparado, sem preparo para aguentar as dificuldades a resolver nos dias futuros.

Feita a viagem é necessário que o viajante se acomode na vida sedentária a encetar. O preparo para a viagem é concernente a uma coisa transitória; mas a habilitação para satisfazer os objetivos da vida subsequente se refere a uma tarefa definitiva da vida.

No caso aludido, o preparo necessário ao alcance de objetivos transitórios, é o que obteve no curso jurídico, feito com a nota de distinção; e essa "connaissance des routes" a que se referiu Leibnitz, se evidenciou de maneira exímia, numa longa carreira de advogado e jurisconsulto, que lhe valeu o diploma de Sócio Benemérito da Ordem dos Advogados do Brasil e de Presidente Honorário do Instituto da Ordem dos Advogados, bem como lhe proporcionou inúmeras outras honrarias a que mais abaixo me referirei. Igualmente brilhante é, entretanto, a sua carreira de objetivos definitivos: a sua carreira de homem político mas não partidário; de político no sentido amplo do termo e não de objetivos particulares ou político profissional (isto é, nem classista nem partidário).

Essa ausência de sectarismo, característica de seu espirito profundamente liberal, estabelece uma diferença sensível entre ele e a grande maioria de nossos contemporâneos, que se agitam na cena política do mundo inteiro. Tal diferença consiste em que sabe despir-se das vestes de profissional e envergar, em seu lugar, as elegantes roupas da mais alta condição humana. A classificação vigente, pelos uniformes de trabalho, não existe para a sua visão de político da pátria e da humanidade. Afasta de sua ação política qualquer mesquinha idéia própria das ciúmidas técnicas, dos que pretendem substituir a condição humana pela condição profissional, e catalogar os cidadãos merecedores dos cargos públicos segundo a anacrônica hierarquia de ofícios. Cada um pretende um alto cargo público porque é mais ou menos excelente em seu ofício profissional, como se houvesse alguma relação obrigatória entre ele e os trabalhos da administração pública. Não é por ser bom professor, nem médico proficiente, ou advogado brilhante, ou policial arguto, ou excelente marroeiro, ou pedreiro, ou ferreiro, ou carpinteiro, etc. que alguém faz jus às tarefas de natureza administrativa e política, que só os homens de ampla visão, ou de cunho profissional, podem desempenhar a contento. E' um erro muito lamentável que domina o mundo contemporâneo, em consequência principalmente das duas últimas catastróficas guerras mundiais, que cada homem que conhece bem o seu ofício se julgue capaz de desempenhar o ofício filosófico de homem político ou de administrador das coisas públicas. Essa classificação pela especie trabalho, dividida nas várias famílias profissionais formando hierarquia, é também consequência do atrazo mental que sobe das massas proletárias, com os olhos voltados para um país de civilização política muito atrasada, como é a Rússia.

Acima dessa especie de cidadãos, há o genero a que ela e outras especies pertencem; genero que é a condição humana. Concebendo-se esta idéa geral vê-se o quanto é ta-

canho o critério de uma hierarquia de ofícios para os pretendentes ao governo em bases liberais; hierarquia que estabelece, no campo da política, um universo oligarquico, tão militarizado como o das várias camadas sociais na Alemanha de antes das duas ultimas guerras.

E' preciso que se difunda esse critério de genero e que, para a maioria dos cidadãos ele substitua o de especies, em que a do trabalho prevaleça, dividida numa hierarquia formada pelas famílias de ofícios. E que dessa expansão do conceito liberal resulte o devido apreço por homens como o Dr. Edmundo de Miranda Jordão, para os mais eminentes cargos eletivos da politica nacional.

Qualquer individualidade, sob tal aspecto intelectual, é uma personalidade que se distingue pelo engrandecimento. Possui um cerebro de mil habilitações, capaz de aplicar-se a qualquer serviço sem considerar barreiras profissionais; um cerebro de ótima qualidade, que traduz os pensamentos de todos os profissionais no que têm de essencial, e lhes acresce aquilo que eles não sabem e é proprio de sua inteligência pessoal, de alcance filosófico.

Católico praticante, exemplar chefe de família, exímio profissional do Direito, amigo pessoal do General do Exército Eurico Gaspar Dutra, insigne Presidente da República, de quem é fiel correligionário político, merece o Dr. Edmundo de Miranda Jordão, pelo seu senso político liberal, por sua cultura filosófica, pelo seu longo tirocinio na politica de amplas dimensões, a grande soma de prestígio de que gosa em todos os meios sociais e políticos, bem como o entusiasmo que desperta nas massas desprotegidas o seu otimismo, que nelas gera as mais justificadas esperanças.

Desse conjunto de circunstancias, imanente à sua personalidade, de tanto poder moral irradiante, surge naturalmente a indicação de seu nome para os altos cargos representativos, de preferência tanto popular como das élites. Merece ser lembrado o fato de haver sido o seu nome designado para Prefeito do Distrito Federal nas cogitações para o quadriênio a seguir ao do Exmo. Sr. Dr. Washington, e frustrado pelo advento da revolução de outubro de 1930. Sua vida politica obedece a condições internas, proprias de sua personalidade, e externas, adequadas às primeiras e delas inseparáveis. Sua trajetória obedece às mesmas circunstancias que determinam, nas cordilheiras, a do condor... E' obrigado a voar nas alturas e a manter-se nelas.

* * *

Reconhecendo as capacidades excepcionais do Dr. Edmundo de Miranda Jordão, o então Presidente da Corte Suprema do Brasil, que era o eminente Ministro Edmundo Lins, saudou-o, quando foi eleito Presidente do Instituto dos Advogados em 1935, dizendo em eloquente discurso, ser ele "the right man in the right place".

Sua carreira de advogado ele a iniciara em 1906, tendo ocupado todos os postos de direção no Instituto dos Advogados, onde ingressou em 1910. Tem feito parte de quase todas as comissões técnicas, colaborando com trabalhos juridicos notáveis e cuidadosos pareceres. Foi suplente de secretário, 1.º secretário, 2.º vice-presidente, 1.º vice-presidente, e afinal presidente, nos anos de 1935 e 1936, do mencionado Instituto dos Advoga-

dos; e foi reeleitos para esse alto cargo em 1940, sendo sucessivamente reeleito até 1944. Na ocasião de deixar a presidência foi eleito Presidente Honorário e Membro Benemerito dessa instituição, que é centenária.

Devo observar que não faço mais do que uma enumeração de fatos e não uma biografia. A própria enumeração, que apenas está em início, excede os limites de um desprezioso artigo de jornal. O caso do Dr. Edmundo de Miranda Jordão, para a biografia, é semelhante ao de alguns outros homens eminentes, que se excederam em trabalhos e lutas. Seu biógrafo, para reconstituir sua vida pública com acerto, teria de seguir o método de Carlyle ao escrever a vida de Cromwell. Como se sabe, o plano de Carlyle consistiu em recolher as próprias palavras do biografado emitidas em discursos e cartas, fazendo-as seguir de um comentário detalhado. Tal comentário, que é a metade da obra que dá a cópia dos autênticos discursos e cartas de Cromwell, é uma narração continua e um relato dos tempos e das mais importantes circunstâncias da Revolução da Inglaterra.

A obra de biografia do Dr. Edmundo de Miranda Jordão deveria igualmente ser apenas um comentário ininterrupto dos seus **Discursos e Correspondência**. Lendo-os ter-se-ia uma história do Brasil contemporâneo e das suas revoluções, como lendo os de Cromwell se trava conhecimento com a Revolução da Inglaterra, e ao mesmo tempo, com uma completa biografia de Oliver Cromwell.

Vou abreviar essa parte, citando fatos uns após outros, e em seguida voltarei à sua carreira jurídica.

Em 1932 e 1933 foi membro da Comissão Legislativa que substituiu o Congresso Nacional. Foi o Representante do Instituto dos Advogados na Primeira Assembléa Nacional das Classes Liberais, que elegeu três deputados e dois suplentes para representar as profissões liberais na Assembléa Nacional Constituinte, que elaborou a Constituição do Brasil promulgada a 16 de julho de 1934.

Quando Presidente do Instituto dos Advogados intensificou a política interamericana e bateu-se pela entrada do Brasil na guerra ao lado das Nações Unidas. Realizou e presidiu a 2.ª Conferência Inter-Americana de Advogados e o Congresso Jurídico Nacional. Assumiu as iniciativas e construiu o Mausoléu do Advogado e o monumento a Clovis Bevilacqua. Promoveu a campanha de idéas em prol do batismo, com o nome de Lidice, de uma cidade fluminense, e da ereção, nela, de um monumento simbólico de bronze e granito.

Ainda mais, a par de grandes serviços prestados à Justiça, ao Direito e à República, a sua última presidência no Instituto dos Advogados se notabilizou pelos serviços de natureza social prestados à classe dos advogados. Destaco entre eles o que consistiu na obtenção de Decretos do Governo Federal, criando e regulamentando a Caixa de Assistência dos Advogados em todo o Brasil.

* * *

A grande lição que o espirito extrai da consideração de uma atividade política como essa, de grande molde sociológico, é que o verdadeiro político só transitoriamente pode exercer sua atividade dentro de um quadro partidário. Tal político deve ter seus movimentos livres, desde que é republicano, uma vez que só na República é possível ser alguém político sem subordinar-se a imposições partidárias. Com efeito, a grande política visa governar dando felicidade ao povo; e que é que o povo quer em última análise? O povo quer Justiça; isto é, Liberdade igual para todos, determinada dentro dos sentimentos de Fraternidade de modo permanente e com a possível perfeição. Em suma, o povo quer Liberdade condicionada pela Justiça, ao passo que qualquer partido político tem como objetivo primordial a conquista do Poder. Para o homem político no sentido amplo, o objetivo é a Liberdade do povo dentro da Justiça, e o meio para atingi-lo é o Poder. Mas, para o partido político o objetivo é o Poder e o meio de consegui-lo é a luta com

outros partidos. Os interesses políticos de qualquer partido político são fundamentalmente diversos dos interesses simplesmente humanos de um povo. A conclusão é que os partidos, enquanto forem necessários, devem ser flexíveis e de vida curta, formando-se e desfazendo-se sem formalidades jurídicas como simples agrupamentos ocasionais de pessoas com a mesma opinião sobre assuntos fugazes do momento que passa. E que o verdadeiro político deve ser individual em seu pensamento; deve ser como o Dr. Edmundo de Miranda Jordão — um homem bom, espécie de máquina movida pelo coração, que é uma força motora espiritual agindo sobre sua inteligência; a qual é um farol a iluminar-lhe o roteiro a trilhar no seio das multidões. Inteligência viva, cultivada e infatigável.

A êle se poderá aplicar a frase do escritor inglês Landor, visitado em Florença por Emerson, quando fez sua primeira viagem à Inglaterra, precedida de uma rápida excursão à Sicília, à Itália e à França: — “Um grande homem, disse Landor, deve resignar-se a fazer grandes sacrifícios e a sacrificar os seus cem bois sem se preocupar em saber se eles vão ser a carne que nutrirá deuses e heróis, ou se apenas servirão de pasto às moscas”.

O Dr. Edmundo de Miranda Jordão, como se verifica pela rápida enumeração acima feita, prodigalisou os seus esforços de política humanística e patriótica; sacrificou “os seus cem bois”, e não se preocupou em obter qualquer espécie de recompensa no cenário da política eleitoral. Nunca foi candidato a Senador ou a Deputado ou a Governador de Estado.

* * *

Dessa recapitulação de duas atividades paralelas, exercidas simultaneamente pela mesma pessoa, a de advogado e a de político, conclue-se que uma delas tem sido exercida desinteressadamente (a de político), ao passo que a outra (a de advogado) tem sido uma profissão honesta, brilhante e rendosamente exercida.

Dr. Edmundo de Miranda Jordão



Os fatos análogos são bastante numerosos no mundo inteiro. O apreciado novelista e jornalista francês Pierre Mille, em seu livro “L’Ecrivain”, alude com espirito ao fenómeno da vocação e das duas profissões paralelas, citando o caso de um filósofo francês do começo do século passado, que era, ao mesmo tempo que pensador e escritor, um simples condutor de ônibus. Eis como se refere ao fato: — “Nos péres ont proféré des choses excessives sur la vocation, et le terme même, je le reconnais, y engage. Il suggère un appel irrésistible et secret, un démon furieux, un dieu sublime, ailé, qui vous emporte... que sais — je encore! La vérité est que la vocation est un autre nom pour le principe du moindre effort qui régit de l’univers entier jusqu’aux plantes, jusqu’aux minéraux. La vocation consiste à faire ce qui vous donne le moins de mal, qui vous est le moins désagréable. Toutefois l’on peut admettre qu’elle se confond, dans certains cas, avec l’instinct du jeu, c’est-à-dire la recherche d’un plaisir qu’on se donne gratuitement. Un philosophe distingué, au début du siècle dernier, était conducteur d’omnibus pour gagner sa vie, et faisait de la philosophie pour se reposer”. (Pags. 8 e 9).

As duas carreiras podem assim formar um conjugado de esforços, de modo que uma forneça os meios de sobrevivência necessários para que a outra aproxime, seus fins, da vitória. No caso do Dr. Edmundo de Miranda Jordão a sua profissão de advogado lhe proporcionou amplamente os meios necessários para se entregar aos seus objetivos de advento, no Brasil, da Política de sentido amplo. Como advogado e cultor do Direito em todos os seus aspectos tem colhido as mais brilhantes vitórias. Seu nome goza de merecida fama. E’ de esperar que igualmente obtenha vitórias, ainda que muito mais árduas, no terreno da regeneração política nacional.

* * *

Atingir a perfeição na maneira de viver em companhia de todos os demais membros da

(Continúa no fim do número)

A MINHA VIA-LÁTEA

Aquela via-látea que se abria
-espuma de astros - pelo céu, amor,
era muito menor e mais sombria
do que tu, que me segues a onde eu tôr.

E nunca, além da noite êrma e vasia
da condição terrena, hás de supor
que, ante a marcha dos sóis que se estendia
sôbre o mundo, eu buscava outro fulgor.

Eu não via o estelário que se adensa,
ligando nebulosa a nebulosa,
e que vai para as sombras de onde vim.

Eu buscava a tua alma eterna e imensa,
essa outra via-látea silenciosa
que principia em Deus e acaba em mim.

PADUA DE ALMEIDA

SINFONE

Por VIOLETA DE ALCANTARA

Se não tivessem retirado o film do cartaz, creio que teria ido ver "An Ideal Husband" pela terceira vez... A beleza do colorido, com excepção de um céu tipo cartão postal (quando um cartão postal não é bem feito) bastaria para explicar esse interesse em quem como eu, tem um gosto pelos quadros da vida quotidiana "pintadas" com arte. E a vida quotidiana dos fins do século passado, nos salões e nos parques de Londres tinha deliciosas "nuances"!

O cinema, com a conquista da cor, adquiriu mais uma forma de definir os caracteres. "Lady" Chiltern e Mrs. Chevely, os personagens de Oscar Wilde, aparecendo lado a lado na tela, sem dizerem uma palavra, sem terem feito ainda um gesto — a primeira com aquele seu trajo de passeio todo em tons de cinzento e de névoa doirada — e a segunda com o seu vestido e o seu chapéu vermelho da cena da visita, já estariam afirmando opostas personalidades. Quando são usadas por alguém com quem realmente se harmonizam, essas cores vestem menos do que revelam. A finura e a discreção a audácia e o brilho da formosura que se sabe devastadora, confessam-se pela escolha das sedas, perolas e rubi...

Mas, além da beleza, da significação do colorido, que sedução de atualidade nesse "Ideal Husband" antigo! O dialogo de Oscar Wilde, apesar de todas as modificações sociais dos ultimos 60 anos, ainda parece de hoje, pela oportunidade da ironia sobre fatos e preconceitos, sobre festas e pretensões, perguntas e respostas, mentiras e verdades!

* * *

Uma das coisas que me encantaram nes e film inglês — que perfeito "Lord" Goring tivemos em Michael Wilding! — foi a elegancia das atitudes de cada personagem. Elegancia que deveria persistir em todas as épocas, embora convenientemente adaptada, mas que hoje persiste pouco... No entanto, se uma esguia e lustrosa "limousine", um faiscante "convertível" — mesmo de série! — demonstram a continuação do respeito humano pela perfeição da linha, a par de conforto e a par dos prodigios de velocidade, a maioria dos seus donos parece bastante indiferente ao proprio estilo! Mas não há razão — refletindo... — para que as nossas atitudes se apresentem, na questão da linha, inferiores aos nossos automoveis...

Um pintor de alta classe, um pintor que faz honra ao seu paiz — Carlos Alisérís, o artista e diplomata uruguayo tão conhecido entre nós — fixou na tela os finos traços e a encantadora figura da Sra. Yvonne Daumerie Ramos, em cujas mãos o violão é uma joia de onyx e madreperola, posta em relêvo pelo tafetá azul — lilaz e "pailleté" do seu vestido. Yvonne Daumerie — Sra. Alípio Ramos — que acaba de regressar de Buenos Aires, onde ela e seu marido foram tão amavelmente recebidos, conseguiu reavivar, nos meios elegantes do Rio, como nos de S. Paulo, a moda de aprender a cantar ao violão. Cantando, ensinando e compondo, ela renovou o gosto por essa arte bem brasileira. E quando algumas das suas muitas alunas — esposas e filhas de diplomatas, intelectuaes e "businessmen" estrangeiros — tocam violão e cantam em português, nos salões de Paris, de New York ou de Buenos Aires, o nosso "folk-lore" está tendo uma preciosa expansão.



De um "Carnet"

MUNDANO

O EMBAIXADOR DA FRANÇA E O MINISTRO DA NORUEGA... O "CARNET" E OS LIVROS

...convidaram a sociedade carioca para assistir, no dia 9 de março, à "avant-première" de um filme sobre a luta que se travou pela posse da bomba atômica. E esse filme foi exibido, logo em seguida, no "Pathé". A "avant-première" conseguiu reunir no Auditorium da A. B. I. uma verdadeira multidão, embora estivesse ainda tanta gente fóra do Rio — a gente que faz parte das listas de convites das embaixadas e legações.

Importante publicação do mês passado: a *Proustiana Brasileira*, edição da Revista Branca. Uma edição que nós devemos a Saldanha Coelho e em cujo prefácio ele agradece a cooperação do Ministério da Educação e a dos seus companheiros de trabalho, citando os nomes de Braulio do Nascimento, Haroldo Bruno, Rocha Filho, Linneu Sellos e Octávio Alecrim, da Divisão de Estudos do *Proust Club*. A *Proustiana*

Senhorinha Maria Elisa Eberle, da Sociedade Caxiense, filha do industrial Julio Eberle, em traje característico dos colonos italianos, por ocasião da "Festa da Uva", recentemente realizada na cidade de Caxias, Rio Grande do Sul.



— que certamente vai ter uma grande repercussão e que bem merece ser conhecida no país de Marcel Proust — reúne ensaios e artigos de Tristão de Athayde, Roberto Alvim Corrêa, Octacílio Alecrim, Augusto Meyer, Evaristo de Moraes Filho, Jayme Adour da Camara, Lucia Miguel Pereira, Rocha Filho, Otto Maria Carpeaux, Eustáquio Duarte, Josué Montelo, Alcantara Silveira, Sergio Buarque de Holanda. Raymundo Souza Dantas, Gastão de Holanda, Violeta de Alcantara Carreira e Henrique Maron. Dinah Silveira de Queiroz — essa romancista e cronista, essa escritora consagrada em plena mocidade e que tanto está fazendo pelo exito dos escritores novos do Brasil — e José Guermantes apresentam dois modelos de tradução proustiana, abrindo o volume.

"Raizes de Proust", "Relendo Marcel Proust", "Depoimento sobre Proust", "Proust e Chateaubriand", "Lição de Proust e o teatro", "Carta ao novo leitor de Proust", "Tempo e verdade" "Proust, os humildes e a paisagem" são os titulos de alguns do seus estudos sobre o escritor que nos deu sobre a vida social do seu tempo dezenas e dezenas de paginas de uma genial observação.

"THE FOUR HUNDRED FOR 1950"

Quem quizer saber quem são os "Quatrocentos" — socialmente falando — nos E. U., este ano, deve ler o artigo de Igor Cassini publicado pela "Cosmopolitan" de março. Asseguro que vale a pena, quando mais não seja para constatar — uma vez mais — como as leis mundanas se parecem, como, sendo mutaveis, são eternas e são de todos os paises.

"CROQUIS"

A Sra. Iolanda Penteado Matarazzo teve a idéia de organizar, em São Paulo, uma curiosa festa "costumée" que se chamou "O triunfo do mau gosto". E' o que se chama entrar no jogo do ininigo, pois a Sra. Iolanda Matarazzo e o mau gosto nunca se entenderam bem. Elegante e original, é uma das pessoas que melhor sabem representar um gosto requintado na sociedade em que vive. Mas aquela festa — uma grande festa de beneficencia artistica — foi o triunfo da ironia e da critica retrospectiva da moda. Na moda de cada época, existe sempre "o que não se deveria escolher"

— e foi o que, por convite expresso, os convidados da Sra. Iolanda Penteado Matarazzo escolheram nessa ocasião, realmente... excepcional para elas e a sua anfitriã.

* * *

A Sra. Aloizio Muniz Freire — nascida Terezinha Alencastro Guimarães — não adotou a moda do cabelo curto. Alta, loira, esguia, singelamente simpática (as consagrações do seu "glamour" não mudaram as suas qualidades) continua com o seu penteado estilo pagem. E um estilo que fica bem deve ser conservado.

* * *

Realçando os seus bonitos, risonhos e sinceros olhos claros, a Sra. Austregésilo de Athayde trazia um vestido de verão estampado de verde vivo, como se fossem grandes folhas sobre a neve. E em volta do salão tão confortável da sua residência do Cosme Velho, cintilava o cenário de folhagens de uma "jardin sous la pluie", aliás quasi um parque.

Fazia frio, por momentos, nessa tarde de verão e, a par dos sorvetes, a Sra. Austregésilo de Athayde serviu licores. As amigas que a visitaram puderam ver, assim, uma preciosa "cave à liqueurs" trazida da França pelo casal Athayde.

* * *

A Sra. Joel Monteiro, com um nitido vestido e um bolero de linho "brique", otimamente combinado com a sua esbelta silhueta e o seu curto cabelo escuro. Um "croquis" da moda em movimento!

* * *

A jovem Monique Arvengas, filha do novo embaixador da França, tem uma cabeleira cor de cobre simplesmente magnífica sob os reflexos do sol carioca. Jovem e despretenciosa nas atitudes e na maneira de vestir, não parece consciente da maravilha que é tão rara totalidade.

* * *

A Sra. Afonso de Moura Castro fica muito bem de cinzento peróla, usando, ao mesmo tempo, joias modernas — brincos, por exemplo — em tons de vivo azul.

* * *

PRAZER DE PENSAR

"E' quando falamos a uma pessoa dela própria e não de nós mesmos que essa pessoa pode começar a conhecer-nos melhor — pensou alguém. Alguem que pensava como quem está escrevendo estas notas.

* * *



A Sta. Marita Vinelli Baptista — que em 1948 publicou um livro de poemas que já recebeu da critica muitos desses elogios cuja significação, indiscutivelmente, não é a da simples amabilidade. "No vale verde do meu sonho" — que titulo feliz! — tem uma dedicatória da jovem poetisa a seu avô, o saudoso Prof. Benjamin Baptista. Com o seu talento e a graça da sua presença, Marita Vinelli Baptista, embora seja tão jovem, já é uma figura de realce no nosso meio.

(Fóto Studio Venus)

JEAN LOUIS BARRAULT

Contamos com a visita do actor francês logo no começo da estação. Quem não o viu representar em Paris, decerto já o viu em algum filme. Jean Louis Barrault — mais do que um interprete de grande talento! Há nele centelhas de genio, e o seu personagem de Pierrot em "Les enfants du paradis" era uma criação da mais penetrante poesia.

* * *

MUSICA, MAESTROS!

Depois das férias de verão, como se tem saudades da musica! Volta-se ao Rio com uma intensa curiosidade pelos pro-

gramas de concertos da estação. Musica, maestros! Muita e excelente musica.

* * *

ARTE DE APLAUDIR

E' um erro julgar que seja elegante aplaudir pouco, nos teatros. Elegante, autenticamente elegante, é saber aplaudir com tanto entusiasmo quanto conhecimento e sem agitar os braços, concentrar bastante energia nas palmas. Aplaudir sem tirar as luvas é um desperdicio que devemos evitar. Gastam-se as luvas — e os artistas não "recebem" dos aplausos senão uma pequena percentagem!

O GENERAL MENDES DE MORAIS E A CONCEPÇÃO DA ARTE

ALVARO LADEIRA

Creemos que o humanismo, quando bem pregado na condição da vida, é a principal característica no organismo social, como função de Beleza, Amor e Justiça, constituindo a esperança em todos os sentidos.

A obra do seu saneamento moral ilumina as gerações e dá um sentido de Verdade, provando a existência onipotente.

Ser precisamente dirigido pela consciência, o homem alcança a verdadeira imortalidade, se em suas convicções enfeixa esta lei soberana, que congrea a espiritualidade suprema da razão. Sua linguagem se inscreve no bronze de Ariel triunfante.

Romain Roland, Buda, São Francisco de Assis, Remarque, Sweig, Gandi e tantos profetas clarividentes, notáveis capitães da fé, através das suas ideologias, deram-nos a mensagem gloriosa. Imolaram Caliban com a vigorosa destreza da alma, na expressão mais pura.

"Há penuria de bondade no mundo", escreveu André Maurois, desencantado, vendo a França combalida. E o imenso Bach, tão religioso, um dia nos disse que, para alcançarmos o céu, necessitamos de fazer a nossa candidatura na terra.

Relendo "Jean Cristofe", numa dessas noites em que a insonia nos parecia o CORVO, de Poe, gemendo o "Nunca Mais", deparamos com aquele admirável pensamento de Romain Roland acerca da Bondade, definindo a grandeza do sentimento, numa época de egoísmo marcante. Esclavendo esta página, ficamos recordando no panorama do materialismo atual, a personalidade do maior amigo dos artistas, o General Angelo Mendes de Moraes, cujos gestos de benemerência em relação aos operários sonhadores tem sido uma elevação sem par.

Raros homens públicos do nosso tempo puderam compreender os problemas fundamentais duma classe destavorecida, dando-lhes um lugar ao sol, com tamanha visão, para que pudessem amar ainda mais o seu ideal, fervorosamente.

Enquanto funda escolas e hospitais de Norte a Sul, rasga túneis desafogando o trânsito, embeleza jardins e praças, consorcia avenidas e estradas, faz erguer o monumental ESTADIO MUNICIPAL, num dinamismo espantoso, esse homem singular, dotado de sensibilidade delicada, é um apaixonado intransigente da arte, preocupando-se, dentro do elemento humano, em favorecer aqueles que procuram dar à vida o colorido de espírito, protegendo Instituições e Artistas. Voltando, certa vés, da A.B.I., em companhia do nosso querido amigo Bastos Tigre, sempre tocado de otimismo, numa palestra que se prolongava pela tarde clara de verão, ele nos afirmou, com a sábia experiência: — "Acima do grande Pereira Passos, cujas realizações na época foram arrojadas, a obra do General Angelo Mendes de Moraes em relação ao saudoso prefeito me parece superior, tais as diversidades aos problemas a serem resolvidos".

A concepção artística do General Angelo Mendes de Moraes é, dessa maneira, uma expressão da vida.

A inefável Beleza está diante dos seus olhos, como sutil ornamento da emoção, participando na sequência dos seus dias.

Convivendo na Capital do Mundo pode sentir o coração eterno da Arte, passejando pelo Louvre, onde a imortalidade adormeceu nas obras primas, que fazem tumultuar o sentimento, quer no sorriso enigmático da Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, quer no Retrato de Felipe IV, de El Greco, supremas formas da pintura.

Adorou na Opera de Paris as harmonias suas do Bailado, da Opera, da Música Sinfônica e o cortejo célebre dos pianistas, violinistas e violoncelistas.

Intelectual, portanto, não deixaria de amar as cousas superiores, alargando na sua administração os conceitos da Arte, que ele coloca num plano distinto, procurando incentivá-la zelosamente, como tributo de humanismo.

Relacionou-a na Música, na Pintura, na Literatura, no Teatro, na Escultura. Através de leis protetoras, que muito dignificam a estrutura cultural do Brasil, nasceu um amparo capaz de sustentar, indelevelmente, a sua ascendência na "condição humana".

Esses benefícios ficarão plasmados no quadrante do tempo e assinalados pelo êxito da sensibilidade, pois, o General Angelo Mendes de Moraes com a sua formação moral tornou-se num legítimo precursor da Arte, ganhando popularidade e estima entre as camadas dos artistas.

Não nos esqueçamos que a confraternização é um traço magestoso de Bondade dentro da espécie humana e, somente um verdadeiro idealista poderia modificar, dessa forma, a estrutura econômica das suas existências. Hoje em dia, uma bailarina, um músico ou uma cantora, vivem com dignidade. Pintores, que lutavam pela vida, sem o apoio oficial, encontraram um padrão monetário, que situa o artista à altura do homem.

Recordaremos aquele que, em tempos remotos, percebia um ordenado infimo como bailarino. Depois, tendo descoberto verdadeira vocação na pintura, agora pode desenvolver amplamente as suas intenções artísticas.

Eis a razão porque escrevemos sobre uma personalidade deveras magnífica, envolta de verdadeira Bondade. O General Angelo Mendes de Moraes deve ter lido John Huss, frequentemente, tomando como observação a sua serena confiança espiritual-humanista, de preceitos profundamente elevados. Geralmente os governistas só pensam em política e olvidam anseios coletivos; os quais estão ligados aos deveres patrióticos.

Realizando essa obra de proteção às artes, o Governador da Cidade, além de prestar serviços eminentemente subjetivos, que recordam os filantropos abnegados, guardou para sempre no coração o crédito de gratidão dos contemporâneos, sob o pensamento de Eça de Queiroz:

— "A Arte é tudo porque somente ela tem duração — todo o resto é nada! As Sociedades, os Imperios são varridos da terra com seus costumes, glórias e riquezas: e, senão passam da memoria fugidia dos homens, se ainda para eles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque delas ficou algum vestigio de Arte, a coluna tombada dum palacio, ou quatro versos num pergaminho".



A CANTORA LETICIA DE FIGUEIREDO EM PORTUGAL

Dona de uma voz privilegiada, cheia de personalidade, que lhe permite cantar sem imitar qualquer escola — como bem acentuou o "Diário de Notícias", de Lisboa, — a sra. Leticia de Figueiredo, que é, aliás, uma das nossas melhores artistas do canto, está realizando uma série de recitais na capital portuguesa. Ali, acolhida com os maiores louvores pela critica independente e criteriosa, a cantora brasileira tem obtido triunfos verdadeiramente ruidosos na execução de páginas admiráveis dos nossos melhores compositores. Entre esses se podem destacar Ernani Braga, Heckel Tavares, Francisco Mignone, Lorenzo Fernandez, Camargo Guarnieri, Alberto Nepomuceno, Waldemar Henrique, etc. A sra. Leticia de Figueiredo tem interpretado, outrossim, musicas de propria autoria. Seu recente concerto no Circulo Eça de Queiros constituiu verdadeiro acontecimento, social e artistico. Mas não é só na ribalta que a nossa talentosa cantora vem brilhando. O rádio também a atraiu e ela já realizou duas audições, prometendo outras mais antes de deixar Portugal para prosseguir sua brilhante tournée artistica através dos demais países da Europa.



BRAILOWSKI

Brailowski é, sem duvida, o maior artista do teclado do mundo na atualidade. Grande virtuose, o publico brasileiro já o aplaudiu varias vezes em concertos memoráveis realizados aqui no Municipal, e com programas variados e atraentes. É um mestre que sabe transmitir aos ouvintes a sua sensibilidade através da interpretação magistral das mais difíceis partituras. O que há de admirável na arte pianistica do un-verso tem em Brailowski um executor magnifico. Mas uma vez, dentro em breve, teremos ensejo de ouvi-lo numa temporada que vem sendo carinhosamente organizada para que nada lhe falte em atrativos. A empresa Viggiani, que por diversas vezes proporcionou à platéia carioca a boa fortuna de se deliciar com esse magico do piano, está de novo empenhada em trazê-lo ao Brasil. E assim, graças a essa organização que tantos e tão destacados serviços tem prestado à nossa cultura artistica, teremos muito breve a oportunidade de ouvir o maravilhoso transfigurador do som, em programas soberbos nos quais o que há de melhor e mais alto na música figurará com o devido relevo.

parece caminhar para uma fase de resgate definitivo. É o que prenunciam as atividades da Comissão organizadora dos festejos a Carlos Gomes, constituída por iniciativa da Camara Municipal campineira e presidida pelo vereador Floriano Azevedo Marques.

Entre as comemorações planejadas figuram a realização de concursos literarios e musicais, concertos sinfonicos e paradas escolares.

O programa definitivo ainda não foi organizado, pois a comissão está na dependência da votação das verbas de 300 e 500 mil cruzeiros, em andamento, respectivamente, na Camara dos Deputados federal e na Assembléa Legislativa do Estado. É obvio que si essas verbas forem aprovadas a tempo, as referidas comemorações assumirão outra magnitude, possibilitando o assentamento dos alicerces para a ereção do Museu Carlos Gomes, sonho de quantos aspiram ver o nome e a figura do nosso genio musical colocados no seu verdadeiro pedestal.

AS HOMENAGENS DE CAMPINAS A CARLOS GOMES

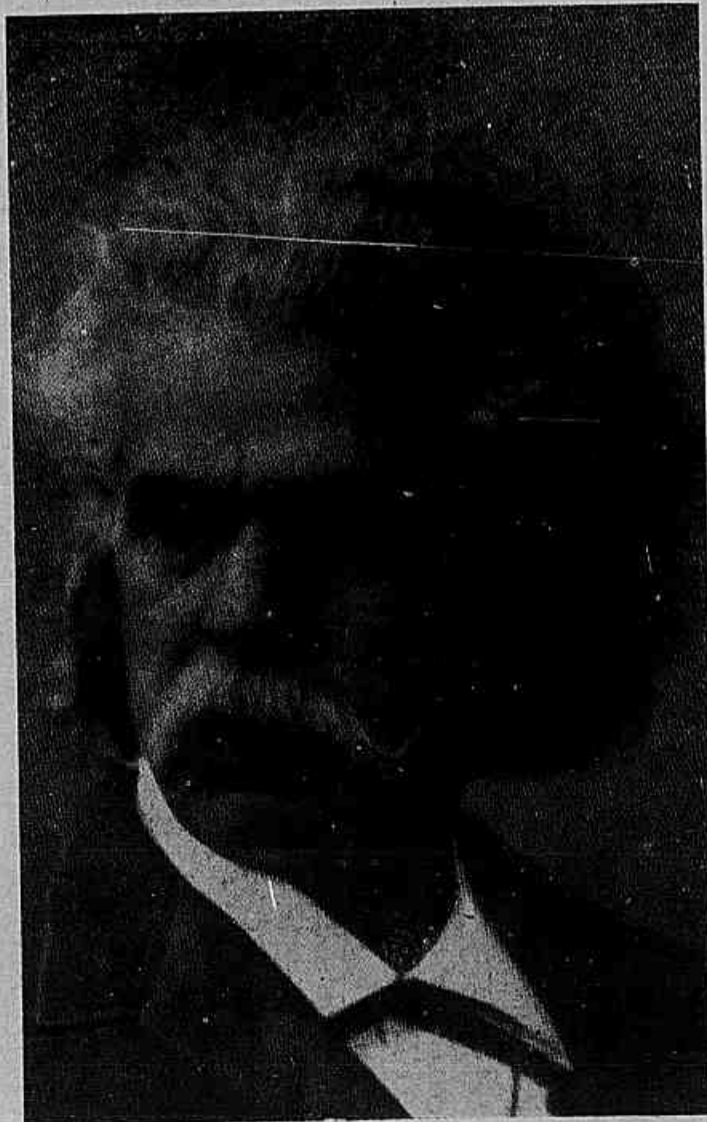
Carlos Gomes é, indubitavelmente, o filho mais ilustre de Campinas. Nem por isso, entretanto, o culto ao grande músico tem correspondido à dignidade e projeção de sua figura na historia das nossas artes.

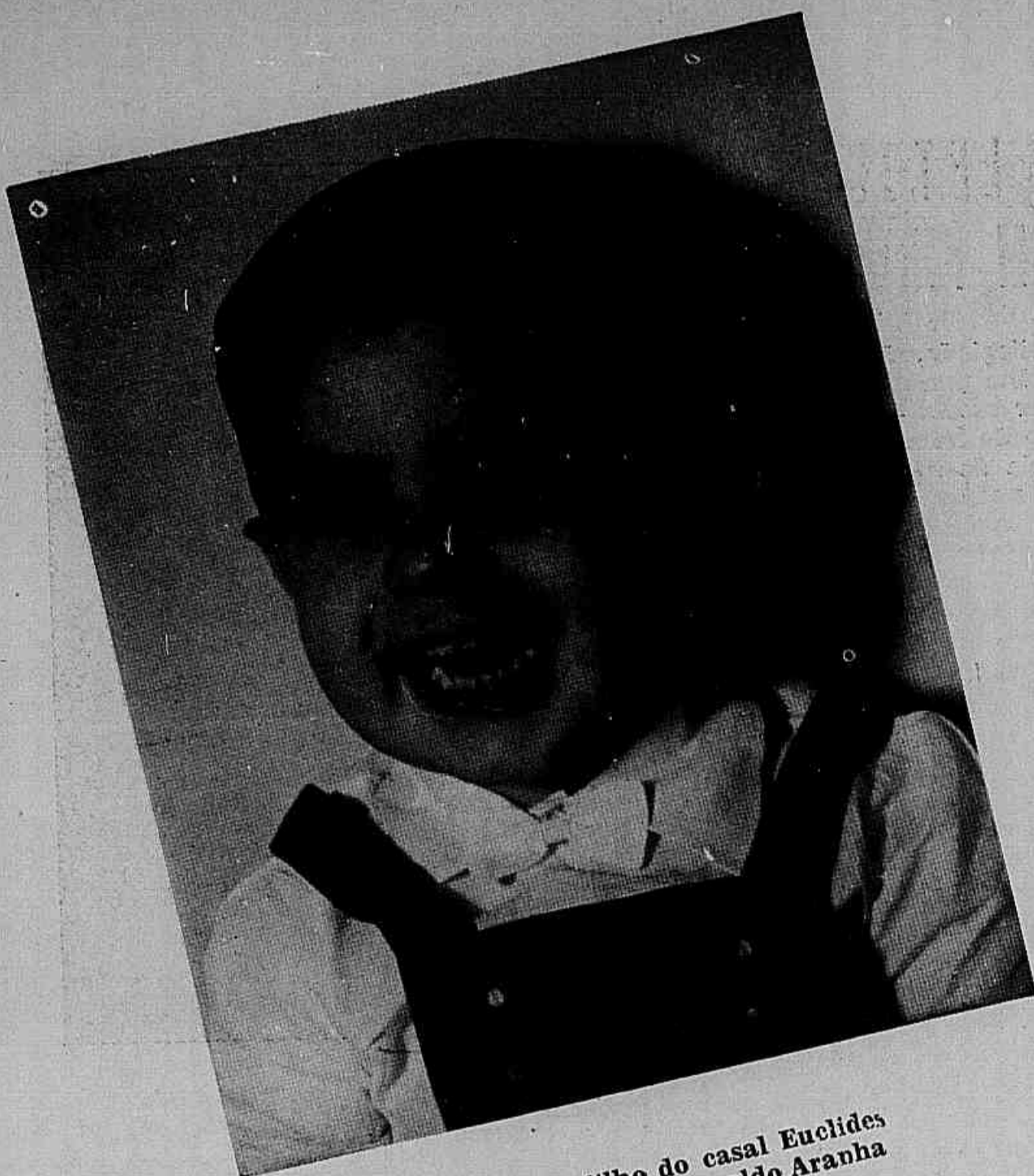
Campinas, através dos anos, vinha olhando para o seu filho ilustre com a mesma indiferença e despreocupação de sempre — indiferença e despreocupação que levaram o grande maestro, já gravemente enfermo, a procurar, longe do seu berço — no Estado do Pará, pela mão amiga e generosa do Lauro Sodré, — um posto de onde pudesse tirar o necessário para o seu sustento diário, pois era extremamente pobre. Ali, como sabemos, veio pouco depois a succumbir, esquecido pelos seus conterraneos. Desse triste episodio, Rodrigo Otavio, outro campineiro ilustre, nos faz um relato emocionante no segundo volume do seu primoroso "Minhas Memórias dos Outros".

Na Prefeitura de Belem, há um quadro notavel — a Agonia de Carlos Gomes — exposto permanentemente aos que queiram contemplar uma verdadeira obra de arte. É uma tela de 5 x 4 mets., em que se vê o grande maestro, já às portas da morte, rodeado de altas personalidades da época, inclusive o governador Paes de Carvalho, o Bispo do Pará, os senadores Lauro Sodré e Antonio Lemos, jornalistas, autoridades civis e militares e os dois autores da obra — Domenico De Angelis — este grande amigo do moribundo — e Giovanni Capranesi, — que ali estão auto-retratados. É uma autentica obra de ficção, composta com originaes de retratos remetidos do Pará para a Italia. Além desse quadro, o piano de Carlos Gomes, seu instrumento de estimação, está no Rio; outros objetos de seu uso pessoal andam, por aí, esparsos.

Entretanto, já era tempo de Campinas reuni-los num museu, onde fosse estabelecido o culto a Carlos Gomes, em homenagem aos meritos excepcionais do maior de todos os seus filhos e como exemplo para os nossos homens de amanhã.

Meio seculo depois da morte do grande músico, essa imensa dívida de gratidão





EUCLIDES OSWALDO, filho do casal Euclides Aranha e neto do Embaixador Oswaldo Aranha



OSWALDO NETTO, filho do casal Oswaldo Aranha Filho e neto do Embaixador Oswaldo Aranha.



ELIZABETH HELENA, filha do casal Dudley de Barros Barreto.

FOTOGRAFIAS TIRADAS NOS STUDIOS DE FOTO PREUSS. (SÓ CRIANÇAS) RIO NITERÓI.

MARIA HELENA, filha do casal Dr. Aloisio Ribeiro de Paiva

IMAGENS DO FUTURO



Ilustração Literária

○ Cochicho Consagrador

-- Já leu "O Tempo e o Vento" de Erico Verissimo? Essa a pergunta que ouvi varias vezes. E a minha negativa diziam:

— Precisa ler. E' um grande livro.

Estranhei que uma obra assim falada não houvesse despertado os rumorosos bandos que distribuem a gloria nos suplementos das gazetas e possuem um bem organizado aparelho de publicidade a seu serviço. Mas compreendi a parcimonia de louvores ao novelista gaúcho logo que percorri as primeiras páginas desse volume: é que ele fazia sombra às plantas rasteiras que tomaram conta do campo literario e tentam impedir que as árvores de vulto possam abrir as frondes opulentas.

Na realidade o escritor dos pampas nos ofereceu qualquer cousa de extraordinário em materia de romance no Brasil. São séculos de distória que revivem naquelas paisagens e naqueles tipos marcados em forma miguelangelesca. Mal penetramos os capitulos iniciais sentimento-nos integrados na atmosfera em que se agitaram as personagens, conversamos com elas, ouvimo-las nos seus dialogos, vemos e tocamos as suas carnes e participamos de suas lutas e de todos os atos da sua existencia. E' um mundo morto que renasce na plenitude da sua vitalidade e das suas audacias, e são as guerras que periodicamente dizimavam milhares de seres como se cada geração trouxesse do berço o destino de oferecer em holocausto aos deuses mavorticos as flores da sua juventude. Há um fundo imenso de melancolia e de revolta contra o sacrificio de sangue imposto ao povo da campanha em cada período da sua evolução. E que figuras assombrosas de mulheres nos aparecem, brotando de Ana Terra — um nome simbolico com algo de telurico — e através de uma descendencia maravilhosa de energia e de bondade! Em torno da noite de guerra no sobrado, nos idos de noventa e três, os fantasmas de uma estirpe valorosa que pelejou na Cisplatina, que entreverou com os bugres, que suportou as acometidas sinistras e monstruosas dos castelhanos, ressurgem e se mesclam a outros que andaram em Caseros e no Paraguai. E no meio de tudo isso os começos da colonização estrangeira e a vila a formar-se ao redor da estancia perdida na vastidão da planicie de horizonte ilimitado.

Grande livro esse, que se lê com o mesmo assombro provocado pelo "Os sertões" de Euclides da Cunha e com os arrepios que nos percorrem o espirito na floresta de espantos da tragedia shakespeareana.

CARLOS MAUL

TEATRO AO AR LIVRE

○ Ilustre academico Levi Carneiro lançou, recentemente, conforme tivemos ensejo de salientar oportunamente, uma idéia que precisa ser levada em consideração pelo nosso serviço nacional de teatro. Referimo-nos à criação de teatro ao ar livre, nos moldes do existente em varios países e onde se representam peças de grande espetaculo destinadas ao povo. Nos já tivemos uma experiência feita aqui com raro sucesso por um grupo de artistas do porte de Alexandre de Azevedo, Apo-

lonia Pinto, Italia Fausta, João Barbosa, mas não em carater de obra para permanencia. Em todo o caso o seu êxito ultrapassou as expectativas e deixou claro que o nosso povo tem receptividade para o alto teatro classico. Levi Carneiro, diante do que se fez no passado, sugeriu que se voltasse ao assunto desta vez porem para uma fundação solida e definitiva. O serviço nacional de teatro poderia perfeitamente, tomar a peito a tarefa que é, além de tudo, de facil execução, pois não exige dispendios como os dos teatro fechado.

PERFIL DA MULHER BRASILEIRA

Recentemente o nosso brilhante patricio, Dr. José Bettencourt Machado, proferiu num dos mais importantes hotéis de Nova York uma interessante conferencia sob o título de "Perfil da mulher brasileira" e na qual percorreu sobre as mais destacadas personalidades femininas da historia do Brasil. O orador que é também diretor assistente do Escritorio de Expansão Comercial do Brasil falou para um auditorio escolhido e interessado vivamente no estreitamento das relações culturais brasilo-norte-americanas. Entre as figuras de relevo presentes notavam-se as sras. Olga Prager Coelho, Henriqueta Chamberlain, Isene Amar, Regina Cardoso, Alteia Alimonda, Sylvia Carneiro Leão, Helena Figueiredo, Sra. John Normano e Delora Bueno, consagrada cantora e artista de televisão, esta ultima a que aparece na fotografia que acompanha estas linhas e que dá uma idéia de um lindo perfil de mulher brasileira. Desde Joana de Gusmão, a primeira peregrina, passando por Clara Camarão, Maria Quitéria, Nisia Floresta, Tereza Margarida, Stela Sezefreda, Anna Nery, Damiana da Cunha, Chiquinha Gonzaga, até referir-se a algumas representativas em diversos setores como Anezia Pinheiro Machado, Nair de Tefé e Bertha Lutz, foram citadas varias patricias, cada qual no papel que desempenhou na nossa historia. Nos intervalos do discurso, a guiza de ilustração, fizeram-se ouvir as declamadoras Margarida Barros e Edna Jansen de Mello, a cantora Delora Bueno e a pianista Maria Oliva.



LITERATURA BRASILEIRA

Nunca se escreveu tanto no Brasil como atualmente. E nunca, também, como nos dias que correm, os escritores cuidaram mais dos temas da terra. Prova melhor não há desse interesse extraordinário do que um rápido exame dos suplementos literários das folhas cariocas, edições domingueiras, em cujas páginas pontificam as unicas individualidades que merecem a etiqueta de intelectual neste país. Vale a pena citar alguns, ao acaso. Abriamos o primeiro: colaboração de: W. P. Langstone, James Bullington, Pierre Denoyer, Otto Maria Carpeaux, John Hackett, V. S. Pritchett, Analia Cardenas, Paul Guth, Sim Regor, Jean Moindrot, e poucos mais. Assuntos principais: um inventor de aperfeiçoamentos em automóveis, um rei da Índia está preso, homens e coisas da política americana, a esperança dos mutilados da última guerra, marinheiros modernos, as aventuras de Blaise Cendrars, a epopeia de Charcot, atrás de uma coroa, o amor proibido. Agora o segundo: Henri Tosti Russel, Pierre Descaves, André Delacour, e mais meia dúzia que tratam de Cirano e o Kremlin, de Pierre Mac Orlan na Academia Goncourt, de Robert Kemp e a crítica do Belo de Goethe sobre Lawrence Sterne, do Renascimento e terceira força, Bernanos, de Walter Pater, de Antonio Nobre no cinquentenário de sua morte, dos estudiosos de Proust, de Amiel. O terceiro: alguns estrangeiros como Gilberto Frei-

re, Tristão de Athayde, Rachel de Queiroz, A. Fonseca Pimentel, Daniel Caetano, Mozart Monteiro, escrevem sobre a crise do Direito, caixeiros viajantes, Hamlet e Electra, a morte misteriosa de D'u Clerc e estímulos aos prêmios literários. Mais um: nacionais e alienígenas discorrem em torno de Pasteur, Rockefeller, Pedro II, Laplace, T. S. Eliot. Finalmente um que dá notícia desenvolvida sobre um congresso de filosofia, o primeiro do gênero no Brasil, e que se regosija com a possível presença do filósofo do incesto, da sodomia, e de outras virtudes do homem moderno; pequenas notas em que se fala de nossos compatriotas Baudelaire, Brunetiére, Paul Claudel, Jean Cocteau, e outras miudezas. Como se vê da resenha acima, o Brasil trabalha para engrandecer-se nos campos do espírito graças aos esforços desse punhado de inteligências corajosas que enfrentam a indiferença do meio. Nesse andar passaremos em breve à frente da Inglaterra, dos Estados Unidos, da França, e de quantos povos pretenderem meter-se conosco em matéria de conhecimentos...

OS LIVROS DO DIA

Lago Burnett é um poeta novo do Maranhão. Tem apenas vinte anos. "Estrela do céu perdido" é a sua coleção de versos agora publicada. Trata-se de obra fora da craveira comum, poesia pura e alta, nascida de uma alma vibrante e que se emocina diante dos espetá-

culos da vida. Lago Burnett não se prende a preconceitos estéticos, e é tanto poeta nos temas desenvolvidos dentro nas formas clássicas quanto nas composições que obedecem ao desalinho dos ritmos modernos. Mas os seus sonetos é que o recomendam à admiração dos que sentem e compreendem a beleza nas suas linhas verdadeiras. "Lírico", "A esmola de Deus", "Sombra da dor", são páginas magníficas que asseguram a esse adolescente um lugar na primeira linha dos melhores poetas contemporâneos de nossa terra.

"Rio de Janeiro, ciudad de hechiceria", é uma linda coleção de poemas em louvor da nossa metropole. Escreveu um ilustre poeta uruguaio, Gastón Figueira, figura de destaque nas modernas letras hispano-americanas. Quando por aqui passou há tempos Gastón Figueira ficou em estrofes formosas as suas impressões dos aspectos da nossa cidade, as praias e as montanhas, os parques e os jardins, a grandeza da obra humana e os esplendores da natureza tropical. Esse seu volume faz parte, abre uma serie de cantos subordinados à epigrafe de "Maravilhosa America", de um grupo de hinos intitulados "Estampas de Bahia", "Orquídeas del Amazonas" e "Visiones de Paraná, S. Paulo y Minas Geraes". Seguem-se os que cantam os encantos do resto do Continente. Gastón Figueira é um grande espirito que trabalha em sua patria por um verdadeiro intercambio cultural com o Brasil, e o realiza com um esforço digno da nossa maior estima.

"Os párias da cidade maravilhosa" é o romance com que Dilermando Cox nos dá uma visão da vida desgraçada de um dos morros da cidade. Escritor vigoroso, observador agudo, ele nos pinta com as cores da tragedia a existencia dos miseráveis que vegetam nas encostas de uma das colinas cariocas e aí passam os dias como bichos, abandonados de tudo, sem instrução, sem higiene, entregues à ociosidade e ao vício, e abrindo caminho para o crime. As figuras de mulheres que trabalham para os malandros, as crianças que patinham na lama como porcos, nós as vemos nesses quadros impressionantes que Dilermando Cox soube pintar como se os houvesse transposto para a tela. É evidentemente um romance, mas romance inspirado na contemplação de fatos que deveriam ser vistos pelos dirigentes do país. Eles precisam às vezes sair dos gabinetes amáveis e meter-se nos antros onde se deterioram milhares de entes que também têm direito a um pouco do que Deus ofereceu ao mundo para a alegria de seus filhos.

Fernando Guerra Duval vem dos tempos em que o simbolismo flo-

rescia e nos dava um Alphonsus de Guimarães, um Cruz e Souza, um Saturnino de Meireles um Felix Pacheco, um Mauricio Jobim, um Castro Menezes. Mas a sua musa não se perdia nos excessos do nefelibatismo.

É que Fernando Guerra Duval era um lírico de profunda sensibilidade, e transfundia nos seus versos a imensa ternura da sua alma. Agora, temo-lo de novo num esplendido livro "Sursum Corda", versos que cantam as doçuras do coração, as saudades de uma juventude que soube viver magnificamente e não se perdeu nos desvarios nem nos caminhos do mal.

Abre o volume um soneto em que Guerra Duval exalta a nobreza da esposa excelsa. Fica-se a pensar naquele admirável canto de Machado de Assis à sua Carolina, com a diferença de que o autor de "Sursum Corda" tem a ventura de contar ainda a seu lado a companheira a sentir com ele as alegrias e as dores deste mundo.

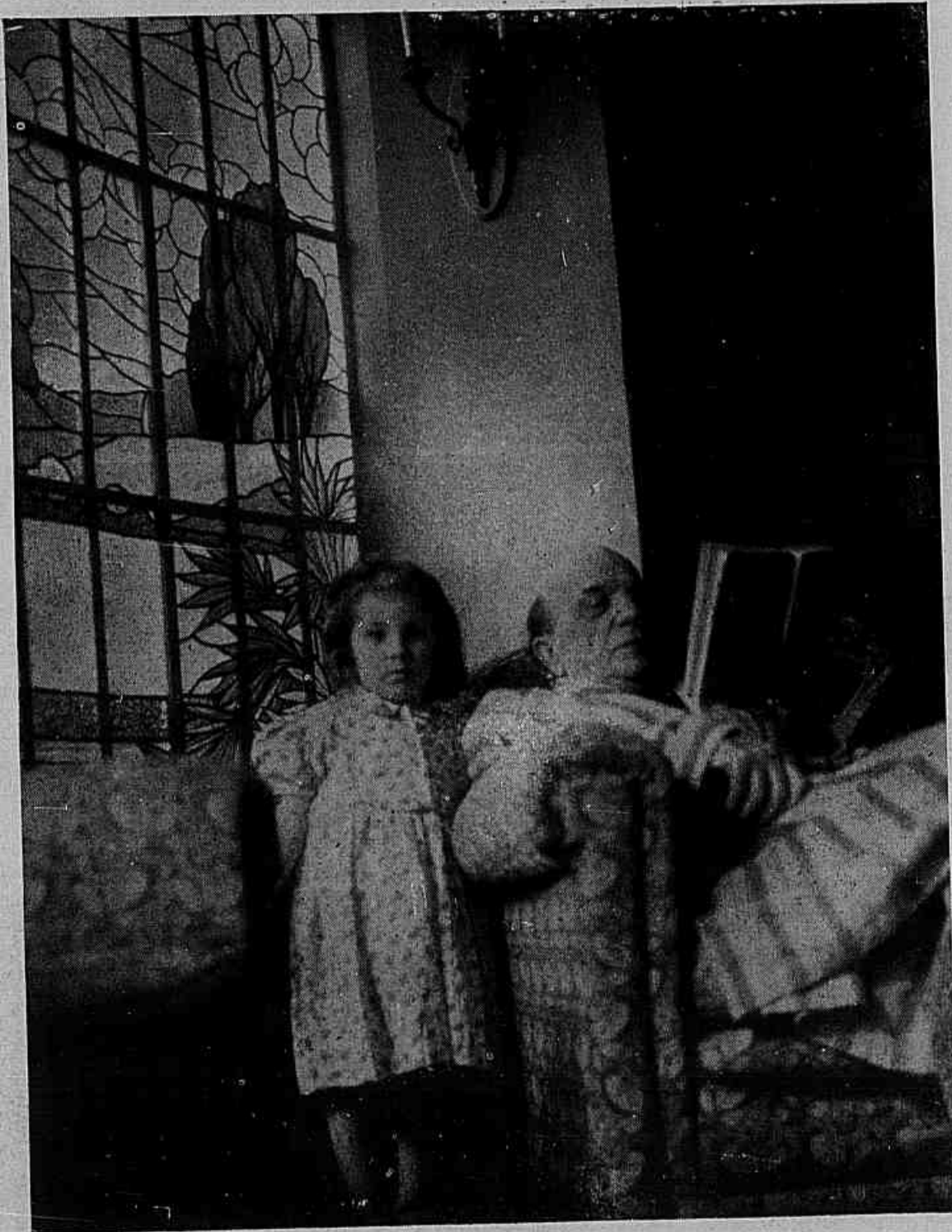
O sr. Altino Flores, jornalista e escritor catarinense, um dos nossos autenticos valores intelectuais, é o autor de um estudo que ele intitulou "Goethe — os "novos" e os "velhos".

Prestando assim, homenagem ao genio alemão, por ocasião do seu bi-centenário, o autor nos conta alguns episodios da vida de Goethe, salientando sua fidelidade à literatura classica e à arte de bem escrever.

Entrando a analisar sua influencia nos meios brasileiros, o autor — que é um verdadeiro purista — faz uma critica severa dos nossos modernistas, sobretudo daqueles que, não dispondo de meritos naturais, insistem em procurar "um lugar ao sol" na nossa literatura. Alguns, no dizer do autor, são figuras inteiramente inadaptadas ao culto das letras por falta de preparo basico imprescindível à familiarisação do homem com os rudimentos da gramática. Mas há — e isto é que é sinceramente de lamentar — os que, conhecendo embora os segredos do idioma, se obstinam entretanto, em escrever de forma claudicante, com deficiências até de simples pontuação.

O autor clama contra essa "assombrosa baixa de nível de cultura do vernaculo", já denunciada, aliás, por antigos expoentes do chamado movimento modernista, e acentua, categorico: "Há uma dignidade de sintaxe como há uma civilisação de maneiras".

A obra do sr. Altino Flores, a despeito da linguagem apaixonada que caracteriza determinadas páginas, é materia de permanente atualidade. Estamos certos de que ela atrairá, por isso, a atenção de quantos fazem das letras motivo de estudo ou de deleite espiritual.



VERÃO EM PETROPOLIS — O escritor Claudio de Souza e a menor de suas admiradoras em sua casa de verão de Petropolis.

A PRIMEIRA LIGAÇÃO AÉREA RIO-BUENOS AIRES



Paul Vachet, Edu Chaves, Com. Roig, Cap. Lafay, Victor Hamm e Gautier, num flagrante colhido em 14 de janeiro, antes da partida dos dois aviões.

Os nossos meios aeronáuticos vêm de comemorar uma data altamente expressiva, qual seja a passagem do 25.º aniversário da primeira ligação aérea entre Rio e Buenos Aires. Essa histórica façanha teve lugar em princípios de 1925, por dois aviões que partiram desta capital, pilotados pelos aviadores franceses Lafay e Paul Vachet, sem rádio a bordo. Eram monomotores e tinham sido montados em cinco dias, no Campo dos Afonsos, chegados que eram, desmontados, em caixotes, pelo vapor "Le Hoedic".

A partida se deu precisamente a 14 de janeiro e ambos os aparelhos escalaram, recebidos festivamente, em S. Paulo, Florianópolis, Porto Alegre, Pelotas e Montevidéu. A volta foi menos feliz, pois um dos aviões sofreu um acidente. O outro, entretanto, alcançou a sua meta, e ficou dessarte provada a possibilidade da referida ligação, plano da Missão Latecoère, animada pelo grande construtor do mesmo nome e che-

Cel. Av. Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, Comte. da Escola Técnica Marquez de Barral, representante da Air France no Brasil e o escritor Snr. Jean Gerard Fleury, no almoço comemorativo ao 25.º aniversário da 1.ª ligação aérea Rio-Buenos Aires.

fiada pelo príncipe Charles Murat, que para cá viera integrada por pessoal capaz e cheio de determinação. Entre os brasileiros que acolheram com entusiasmo a idéia de Latecoère, figurava o então comandante Armando Trompowsky, o capitão Fontenelle e outros, como Edu Chaves, Lineu de Paula Machado e Antonio Lartigau Seabra.

Aquela travessia foi o ponto de partida para novas e mais arrojadas realizações e Latecoère teve o seu idealismo apoiado pelo entusiasmo de Marcel Bouilloux Lafont, que deu grande impulso à Companhia de Navegação Aérea que então se fundou, a "Compagnie Generale Aéropostale" cujo primeiro diretor no Brasil foi o dr. Edmundo d'Oliveira.

Hoje a AIR FRANCE é a continuadora da tradição que esses homens de larga visão lhe legaram, encontrando-se à frente dessa organização, como diretor Geral para a America do Sul, aquele mesmo Paul Vachet, — hoje coronel, coberto de glórias, — o homem que pilotou o primeiro avião na primeira travessia. Quem poderia em 1925 pensar que a mala postal, quasi simbólica, que o Almirante Gago Coutinho remetia a Vachet no seu avião, bem como a que Edu Chaves entregava a Lafay, iria transformar-se um dia nessa enorme torrente de tráfego postal, de transporte de passageiros e mercadorias, que numerosas empresas aéreas de diferentes nações transportam hoje, de continente a continente?

Em comemoração à passagem daquela grata efemeride, a AIR FRANCE ofereceu ao mundo aeronáutico um almoço, na A.B.I., ao qual compareceram o almirante Gago Coutinho, Coronel Paul Vachet, Marquez Jean de Barral representante da AIR FRANCE no Brasil; Ten. Brig. Armando Trompowsky de Almeida, Ministro da Aeronautica; Dr. Herbert Moses, presidente da A.B.I.; Snr. Marc Rousseau, presidente da Camara de Comercio Francesa; Cel. Av. Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, comandante da Escola Técnica de Aviação; Comt. Av. José Garcia de Souza; Snr. Antonio Lartigau Seabra; Snr. Assis Chateaubriand; Snr. François Brière, encarregado dos negocios da Embaixada da França; S. S. Gilbert Arvengas, embaixador da França; Brigadeiro Henrique Dyott Fontenelle, Inspetor Geral do Estado Maior da Aeronautica; Coronel Albert Buchalet, adido militar e aeronautico da Embaixada da França; escritor Jean-Gérard Fleury; Dr. Moacyr Sampaio; Dr. Edmundo d'Oliveira; Major Brigadeiro Amílcar S. V. Pederneiras, Ministro do Supremo Tribunal Militar; Consul J. Closterman; Eng. Cezar Grilo, diretor geral da Aeronautica Civil.

O ministro da Aeronautica, Brigadeiro Armando Trompowsky, discursando no almoço comemorativo do 25.º aniversário da 1.ª ligação Rio-Buenos Aires.



O HOMEM, AS INCERTEZAS DO MAR E O SEGURO

Muito curiosa e atraente é, sem dúvida, a história do seguro marítimo, desde as suas origens. No princípio, foram um tanto obscuras as suas finalidades, pois alguns aventureiros gananciosos se aproveitavam das incertezas do mar para levar a efeito transações mais ou menos desonestas. Naturalmente, observando essa tendência para as operações excusas, o Papa Gregório IX, no ano de 1234, resolveu proibir negócios nesse sentido. Entretanto, a utilidade do seguro marítimo era evidente, e, desse modo, os navegantes e mercadores da época reagiram contra a iniciativa do Sumo Pontífice, tentando reorganizar a instituição que serviços tão apreciáveis lhes havia prestado. Mas, seus esforços foram em vão; não conseguiram coordenar, eficazmente, os vários elementos esparsos em consequência da pressão papal. E assim se passaram séculos.

Na antiguidade, existiam várias formas de previdência no comércio marítimo que se assemelhavam ao contrato de seguro, ainda que muito mais primitivos, certamente. Os navegantes do Golfo Pérsico mantinham um acordo em virtude do qual, na hipótese de um deles perder o navio, os demais se comprometiam a mandar construir-lhe outro semelhante. Temendo, porém, a fraude, eles exigiam que as embarcações não se afastassem da rota prevista e que a marinhagem estivesse sempre atenta em seus postos. Os hebreus adotaram, também, essa espécie de organização de previdência.

Quanto aos romanos, tão práticos em tudo, não podiam deixar de ter uma instituição dessa natureza. Apenas, em seu sistema, se limitavam ao alijamento da parte da mercadoria de todos para salvar o resto da carga ou, simplesmente, o navio. Como se vê, não era uso, na antiguidade, fazer-se um contrato prévio com pagamento de prêmio nem responsabilidade individual, que são as características atuais do seguro.

Os genovezes instituíram outra modalidade de seguro, no crepúsculo do século XII, o "Officium Robaris", cuja finalidade era resguardar o comércio contra os prejuízos causados pelos ataques dos piratas, que se multiplicavam pelos mares a esse tempo. Numa das salas do Palácio Municipal de Gênova havia um cofre sob os cuidados de três comissários. Qualquer viajante que fosse assaltado pelos piratas genovezes seria indenizado, bastando, para isso, que depusesse na urna a sua queixa, indicando o nome dos ladrões. De vez em quando, abria-se o cofre, e então os bandidos eram chamados pela justiça a fim de devolver os bens subtraídos às vítimas. Se não atendiam às ordens, as autoridades despojavam-nos de seus haveres para indenizar os prejudicados. Esse sistema era duplamente prático, nas circunstâncias, visto que, além de combater a pirataria, reduzia os perigos do mar e incentivava o comércio.

Não se conhece, com exatidão, em que época e em que país surgiu, inicialmente, o seguro. Há, todavia, estudiosos que sustentam a tese de que se poderá considerar a Itália esse país, porquanto a denominação do instrumento de contrato deriva, claramente, do italiano: "polizza".

Na Idade Média, as primeiras apólices eram registradas pelos escrivães públicos, principiando sempre com uma invocação religiosa: "Em nome de Deus", "Em nome de Deus e da Virgem Maria" e outras. As apólices florentinas do século XIV iniciavam-se com os seguintes termos, geralmente: "Os segurados assumem os riscos provenientes de Deus, do mar, das gentes, do fogo, alijamento..."

Essas normas correspondiam, naturalmente, à mentalidade daqueles dias nebulosos em que o misticismo dominava todos os setores da vida humana.

A noção moderna de seguro marítimo começou a se definir e a se cristalizar com o aparecimento,

na Inglaterra, de uma organização importantíssima: o "Lloyd's London".

A gênese dessa interessante sociedade foi cheia de pitoresco. Na falta de um local em que pudessem fazer as suas propostas, capitalistas e armadores de navios daquela capital reuniam-se em um café pertencente a Edward Lloyd. Em 1710, aquele estabelecimento chegou a ser o verdadeiro ponto de concentração dos negócios de tal natureza. Com a morte de Lloyd, em 1713, a propriedade do café passou a um seu sobrinho, que, dotado de grande senso comercial, aumentou o prestígio de sua casa, editando um pequeno periódico o "Lloyd List", que prestava aos interessados informações recentes sobre transações de caráter marítimo. Esse jornal ainda existe.

As operações cresciam, reclamando um lugar mais adequado, onde os contratantes se entendessem com mais largueza e maior liberdade. Os seguradores, em número de 79, construíram, então, uma sede, criando, para esse fim, um fundo cooperativo. A organização passou, desde essa época, a denominar-se "New Lloyd's Coffee House", um notável empório de seguros, que nenhum ponto de contacto possui com o antigo estabelecimento do velho Edward Lloyd.

Na falta de apólices, os segurados descreviam os diversos riscos em listas chamadas "slips", nas quais os seguradores apunham suas assinaturas seguidas das importâncias subscritas, fato esse de que se originou o nome de "underwriters", dado aos Lloyd's.

Na atualidade, a cooperação conta com um número de 1800 subscritores e chama-se "Lloyd's Buildings". Os **underwriters** possuem agentes — os **underwriters agents**, encarregados de realizar os negócios que lhes são propostos pelos corretores oficiais, não pertencentes à corporação. Sob o ponto de vista público, Lloyd's é uma entidade abstrata, e os próprios subscritores, cujas assinaturas constam das apólices, como aceitantes, nada mais são que símbolos de garantia dado pelo selo de "Lloyd's", aposto a um canto da apólice, sem a qual ela não é válida. É tão grande o crédito desse título que o Banco da Inglaterra e qualquer outro banco inglês o aceitam como garantia de todas as espécies de operações bancárias.

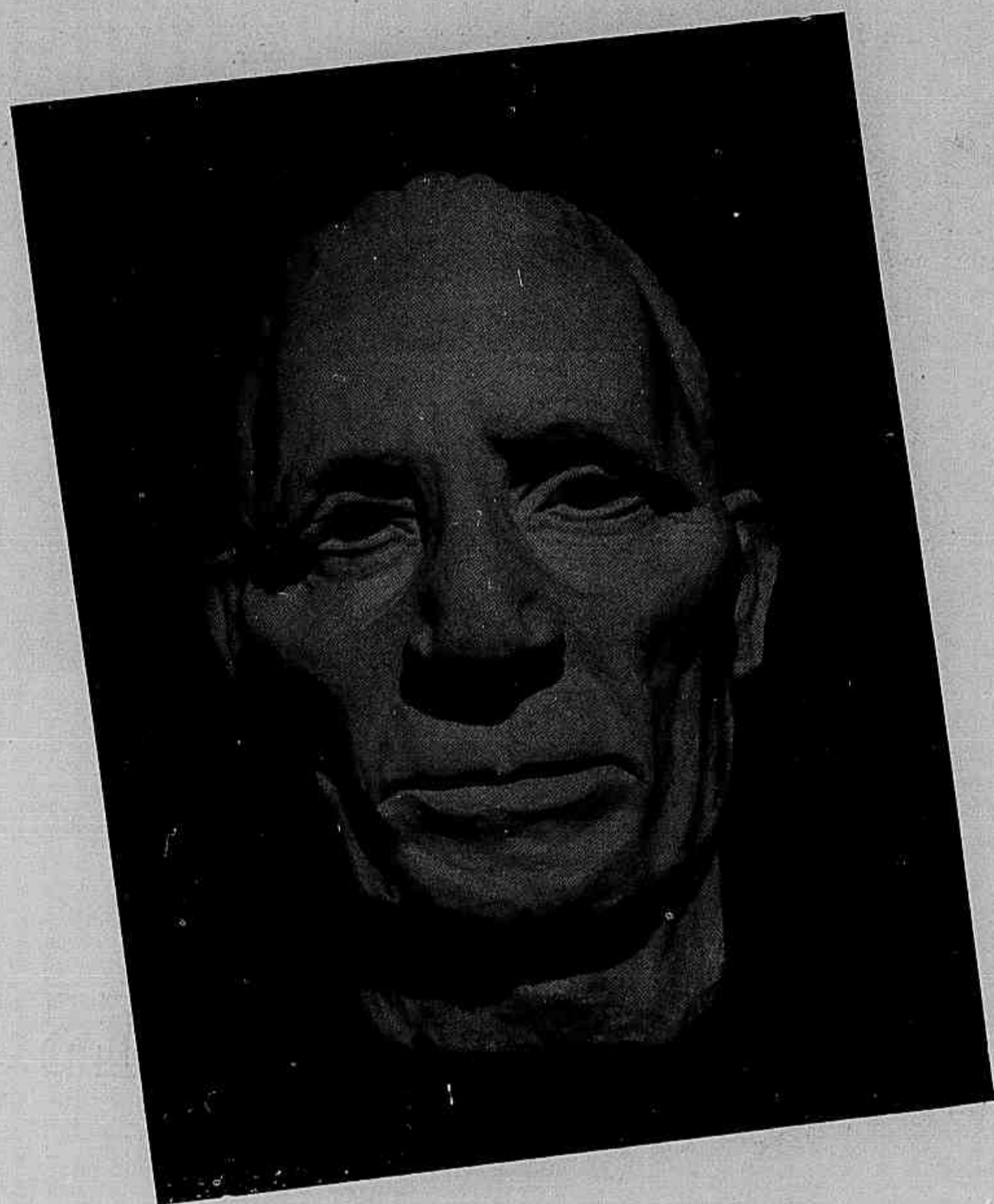
Responsabilizando-se pelos mais perigosos riscos e aceitando as mais amplas operações, Lloyd's tornou-se a mais célebre instituição seguradora do mundo. Para dar uma idéia da sua grandeza e da sua capacidade financeira, citaremos fatos como o do incêndio do circo "Ringling", do afundamento do "Titanic", da explosão do "Hindenburg", em que foram gastas somas fabulosas em indenizações. Lembraremos, também, o caso da fragata "Lutine", afundada em 1799, com um milhão e meio de libras esterlinas. A essa fragata pertencia a sineta que, atualmente, anuncia, na sala dos pregões, as boas e más notícias.

Na história pitoresca daquela organização, há alguns acontecimentos interessantíssimos, ainda, como o extravagante seguro feito por William Dorrington, que solicitou e obteve cobertura para o risco da captura e morte de Napoleão Bonaparte antes de 21 de maio de 1813, e o do vapor "Egipt" abalroado e afundado a caminho das Índias, quando transportava um milhão de libras esterlinas em ouro e prata. Paga a indenização, Lloyd's recuperou, mais tarde, grande parte do carregamento, tendo, afinal, conseguido um lucro respeitável com a alta que atingiram os metais preciosos.

Comparando o seguro antigo com o dos nossos dias é que podemos avaliar as profundas modificações que lhe trouxeram os séculos. Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que a alma é a mesma, naturalmente amadurecida, e que, desde os primórdios da civilização, já se tinha em alta conta o valor do seguro.



DE ESCULTURA

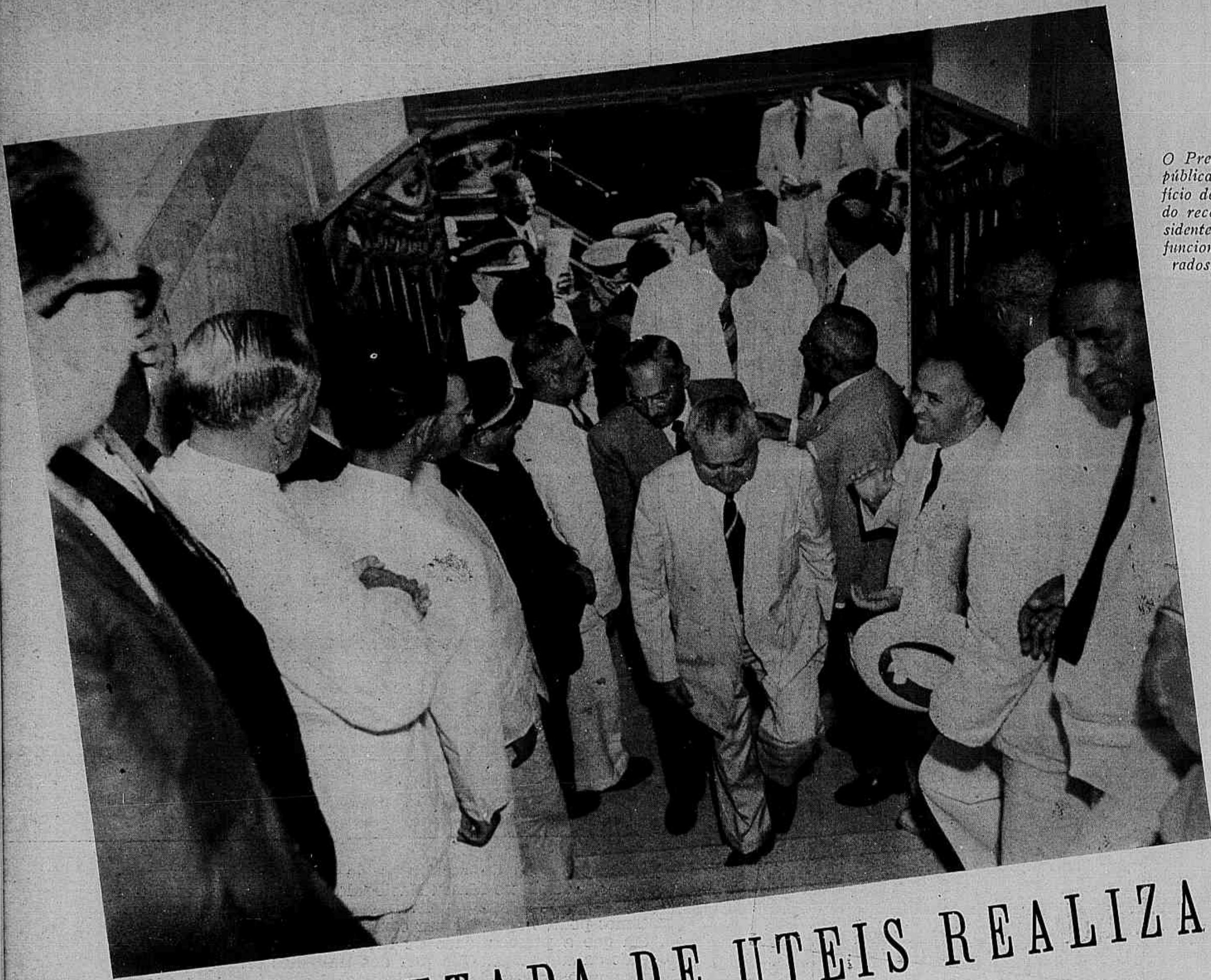


A exposição de esculturas da sra. Marion Armack-Zwetsch no Museu Nacional de Belas Artes constituiu um brilhante acontecimento artístico. Poucas vezes temos podido apreciar um conjunto de peças tão sugestivas em que a personalidade do artista se manifesta na plenitude da sua força. Qualquer dos trabalhos ali expostos merece uma referência encomiástica. Mas há alguns que se devem destacar pelo arrojado da técnica e grandeza da concepção. Assinalem-se, excepcionalmente, o magnífico busto do general Rondon, obra-prima de modelado e de um profundo caráter nos traços da fisionomia do glorioso soldado sertanista patricio; o torso de uma figura tragica que nos faz instintivamente pensar na mascara do Laoconte; uma cabeça dolorosa, a mão cobrindo a face, revelam uma enorme amargura interior.

Setenta trabalhos apresenta a sra. Marion, muitos de natureza científica e estudando elementos etnograficos dos indigenas brasileiros de diversas tribus, como os Xavantes Carajás, Boca-Negra, Bororó, Kalapalo, Juruna, dos quais nos oferece mascaras perfeitas. Alguns mitos indigenas tambem sugerem à ilustre artista motivos interessantes de interpretações. É, em suma, uma exposição que deixou no espirito dos que a viram um profundo sinal de simpatia pela autora de tantas maravilhas.



Marion Armack — Zwetsch.



O Presidente da República chega ao edifício do hospital, sendo recebido pelo presidente do Instituto, funcionários e segurados.

ULTIMA ETAPA DE UTEIS REALIZAÇÕES

Na viagem que o General Eurico Gaspar Dutra fez ao Rio Grande do Sul, para assistir à Festa da Uva e à empolgante Parada da Vindima, teve a oportunidade de verificar que o Presidente do I.A.P.T.E.C., Sr. Hilton Santos, cumpre fielmente o programa de assistência aos trabalhadores, que ele traçou para o seu governo. S. Excia. já mais comungou com o modo de proceder, dos privilegiados da sorte, que, ao contemplarem a penúria do proletariado, limitavam-se a repetir o proverbio: "Que beba e esqueça sua pobreza e não se lembre mais de sua miséria". Compreendeu a tendencia do mundo moderno. Encontrou nos fatos da vida humana o elemento fundamental que serviu de base à orientação da sua politica social. Proporcionando ao trabalhador boa morada, boa alimentação e assistência médica, o go-

O SR. HILTON SANTOS COMPLETA UMA OBRA DE ALTO ALCANCE SOCIAL—O EDIFÍCIO DO I. A. P. E. T. C. NO RIO GRANDE DO SUL—A VISITA DO GENERAL EURICO DUTRA, PRESIDENTE DA REPUBLICA.

O General Dutra acompanhado do Sr. Hilton Santos e do Dr. Gildo Russowsky percorre o modelar estabelecimento.



O majestoso edifício do hospital do I. A. P. E. T. C. domina a cidade de Porto Alegre.

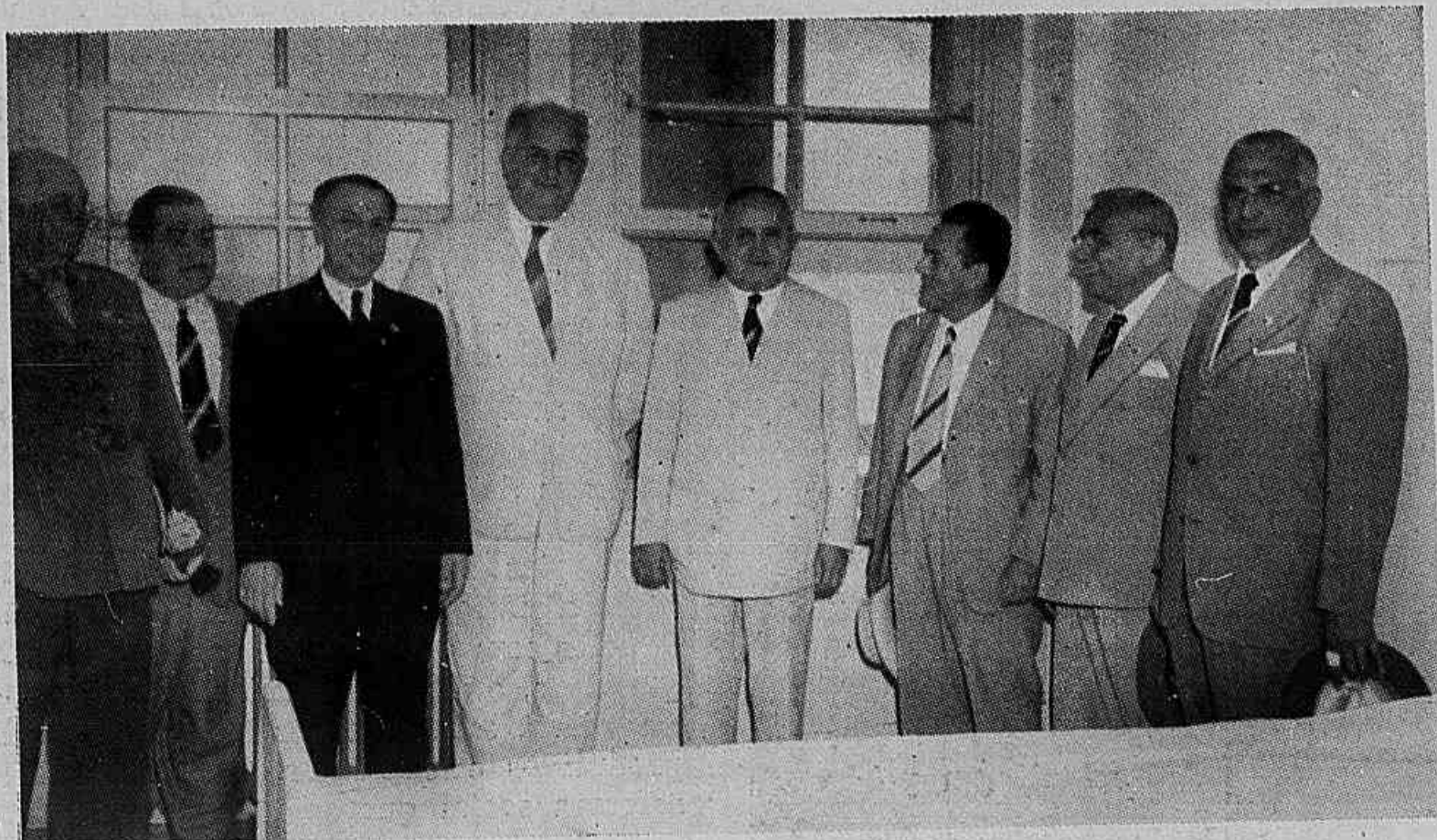


verno o habilita para o cabal cumprimento dos seus deveres para com a pátria. Eis porque a atual administração do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas deu ampla solução ao problema da casa e da assistência hospitalar. Construiu vilas numerosas e uma rede de hospitais modelares nas capitais de grandes Estados — Recife, Salvador,

Rio, São Paulo e Porto Alegre — e de ambulatórios e postos de serviço médico em todas as cidades onde há contribuintes, que lhes assegure pronta e completa assistência em qualquer emergência. A última etapa desse notável plano de realizações objetivou-se no extremo sul. Foi adquirido, com o propósito de abreviar a instalação e o funcionamento do hospital, prédio com 13 andares, es-

pecialmente construído para isso na Avenida Independência, dominando toda a cidade de Porto Alegre. Na parte da frente será instalado o ambulatório que há muito atende os segurados naquela capital.

O Sr. Hilton Santos e membros da alta administração do Instituto tomaram posse do edifício em 28 de Setembro último, estando presentes o General Eurico Dutra, presidente da República, Drs Adroaldo Mesquita da Costa, ministro da Justiça, Clovis Pestana, ministro da Viação, Walter Jobim, governador do Estado, General Falconiere da Cunha Cmt. da 3.^a Região Militar, Dr. Hildo Meneghetti, prefeito de Porto Alegre, e outras altas autoridades. Após percorreram as dependências do moderníssimo nosocomio, enfermarias e quartos confortáveis para 170 leitos, conjuntos cirurgicos e obstetricos, gabinetes radio-diagnosticos e radio-terapia, deixando patente a preocupação de instalação



S. Excia. com o Governador Walter Jobim, ministros de Estado e outras autoridades numa das enfermarias.



O Presidente da República, o Governador do Estado e comitês ouvem a oração de um operário.

adequada a uma perfeita assistência médica. Pode então observar outras instalações: de água quente, aquecimento central, lavanderia a vapor; cozinhas amplas, higienicas, otimamente aparelhadas; lavagem de louça automática, enfim a ultima palavra no assunto. Foi servido na sala principal ao presidente da Republica, sua comitiva e convidados um *cock-tail*. Nesse ocasião usou da palavra o operario Osvaldo Leopoldo de Oliveira, presidente do Sindicato dos Estivadores, que agradeceu ao presidentes da Republica e do I. A. P. T. E. C. os inestimáveis beneficios que vêm prestando aos trabalhadores de todo o Brasil e que agora levaram até aos do Rio Grande do Sul. Assim terminou sua oração:

“E’ com efeito, motivo de jubilo para os associados do I. A. P. T. E. C., ver concretizado neste colosso de cimento e aço



O General Dutra e o Dr. Pereira Lira, com o Presidente Hilton Santos e o Dr. Gildo Russowsky, examinando os modernos aparelhos de Raios X.

Os Presidentes Eurico Dutra e Hilton Santos congratulam-se pelas realizações do I. A. P. E. T. C. em território nacional.



Não pode, contudo, a mais bem intencionada das administrações realizar um plano preconcebido, se lhe falarem executantes. Vossa excelencia soube escolher para o I. A. P. T. E. C. o executante dinamico e capaz, inteligente e empreendedor que é o presidente Hilton Santos, e o resultado disso aqui está. Aqui está uma amostra do tanto que sabemos e temos visto o I. A. P. T. E. C. realizar em todo o território nacional.

Ao assumir a presidencia da Republica, o General Gaspar Dutra, como soldado e como homem acostumado a todos os embates da vida, tinha a louvavel concepção de que em terra simples, sem privilegios tradicionais e ostensivos, como a nossa, não seria dificil assegurar áqueles com que conta a nação para sua grandeza, e a suas familias, tranquilidade e bem estar, que os tornassem mais produtivos e eficientes. Consolidando a reforma social que se precisava, traçou

e vem realizando o atual governo plano de assistência que alija do espirito do operariado nacional possível temor pelo futuro. Vejamos que fez por intermedio desse eficaz administrador, Hilton Santos, cujo insueto espirito não repousa enquanto não vê concretizada a obra que idealizou. Ai estão cinco gran-

O Presidente da República cumprimenta o Presidente do Sindicato dos Estivadores por sua oração.



O Presidente Dutra troca impressões com o ministro Clovis Pestana, enquanto o Sr. Cilon Rosas aprecia o "champagne"...



des hospitais, sendo que o do Rio é o maior e um dos mais bem aparelhados da America do Sul, ambulatórios e postos médicos nas cidades do interior. vilas residenciais, além das modalidades de seguros de acidentes e pensões, que são das mais perfeitas e vantajosas para os contribuintes. Essa obra, cumpre reconhecer, constitue sem duvida intransponível barreira à ação nefasta dos derrotistas e dos patricidas a soldo estrangeiro. E' a prova mais eloquente da compreensão, pelo governo da Republica e pela presidencia do Instituto, das necessidades prementes de uma grande classe trabalhadora e util ao país.

IMPORTADORA PAULISTA DE APARELHOS MEDICOS LTDA.
Praça Ramos de Azevedo, 209 -- São Paulo


SIEMENS

CASA BLACK
Rua Dr. Flores, 197
PORTO ALEGRE

Distribuidores exclusivos dos afamados aparelhos para eletro-medicina **SIEMENS REINIGER — ALEMANHA.**
Microscópios **ZEISS WINKEL**
INSTRUMENTOS CIRURGICOS — MÓVEIS ASSEPTICOS

Aparelhos para cinemas "KALEE"

Assistencia técnica para os estados de S. Paulo, Paraná, Goyaz, Matto Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

CARLOS STAIGER

Instalou no edificio do Hospital do I. A. P. E. T. C., na capital gaucha, a água quente, o aquecimento central e a lavanderia a vapor.

TELEFONE 3061 - TELEGR.: "SOLSTA" - CAIXA POSTAL 3005
RUA CONSELHEIRO TRAVASSOS, 87
PORTO ALEGRE


• CALDEIRAS
• MÁQUINAS
• RADIADORES
• VENTILADORES
• INSTALAÇÕES
• FUNDIÇÃO

AQUI ESTÁ O TALHER QUE V.ª S.ª PROCURAVA
EM PRATA DE LEI 900
MODELO 1212



EBERLE

METALÚRGICA ABRAMO EBERLE S. A.
CAXIAS DO SUL — R. G. SUL

RIO GRANDE DO SUL

UM PEQUENO NÚCLEO DE PORTUGUESES REALISA UMA NOTAVEL OBRA DE PATRIOTISMO E DE SOLIDARIEDADE. — CURIOSAS INFORMAÇÕES SOBRE A BENEFICENCIA PORTUGUESA DE PORTO ALEGRE. — AS INICIATIVAS DA "CASA DE PORTUGAL". — FIGURAS QUE SE DESTACAM NA COLÔNIA LUSA.



Dr. Heitor Pires

Quem viaja pelas fertilíssimas e encantadoras terras do Brasil, encontra sempre, por mais distante e pequena que seja a cidade encontra alguns portugueses trabalhando na indústria, no comércio, na agricultura, nas letras e nas artes, usufruindo, pela sua tenacidade e honradez, o conceito e a estima de todos, fato que deve constituir natural orgulho, pois traduz um publico reconhecimento pelo seu caracter.

No Rio Grande do Sul — terra onde as melhores tradições possuem profundas e inabalaveis raizes, torna-se ainda mais notavel essa participação lusa, em face do cosmopolitismo que ali se manifesta em fortes correntes imigratórias de outras origens.

Merecem, portanto, ficar gravadas as realizações da colônia portuguesa deste Estado, não só pelo formoso exemplo revelador dos seus sentimentos patrióticos, mas também pela contribuição dada ao progresso em todas as atividades, numa afirmação de inteligência e de amor á terra em que se encontram.

Nestas páginas ficam assinaladas algumas das suas maiores realizações, indicando aos vindouros

quanto pôde a força de vontade, animada pelos nobres propósitos de solidariedade.

BENEFICENCIA PORTUGUESA DE PORTO ALEGRE

Dentro de quatro anos completará esta instituição um Século de existencia, pois foi fundada a 26 de Fevereiro de 1854.

E' curioso recordar que o preço de joia de inscrição de sócio, nessa época, foi fixado em DEZ MIL RÉIS, sendo a quota mensal de QUINHENTOS RÉIS.

Seu principal fundador e principal presidente foi o Vice-Consul de Portugal, Sr. José Maria do Amaral Ribeiro, acompanhado de um pequeno grupo de patriotas entusiastas. No fim do primeiro ano de trabalhos haviam conseguido um capital de 5.920,680 réis.

Quem, hoje observa as grandiosas instalações da Beneficencia Portuguesa, com seus belos jardins, enfermarias, apartamentos, salas de operações, laboratório, farmácia, lavanderia, etc., com uma organização modelar e um patrimônio, em balancete, de Cr\$ 14.464.184,30, mas que na realidade deve aproximar-se dos oitenta milhões de cruzeiros, pela valorização dos imoveis que possui, está longe de supor os sacrificios feitos nos primeiros anos de sua existencia, em que diretores e associados, movidos pelo idealismo de tão nobre cau-

cidade Portuguesa de Beneficencia de Porto deve ser lembrada com respeito a figura de Manoel de Souza Fraz, que chegava a andar de sacola pedindo, a amigos e conhecidos, contribuições para a grande obra.

Rendendo leal e justa homenagem a todos quanto trabalharam para o esplendor e utilidade da Sociedade Portuguesa de Beneficencia de Porto Alegre, justo orgulho da colônia e da própria cidade, devemos citar alguns dos presidentes que lhe deram maior expansão, que foram os seguintes: — José Pereira Rojão, poveiro, que foi comerciante nesta cidade; Antonio Francisco de Castro, tambem poveiro e comerciante, que fez construir a alas ligadas ao primeiro edificio José Pereira de Matos, que executou uma grande reforma e mandou levantar um Pavilhão destinado á Maternidade.

Mas, sem duvida, todos reconhecem que a atual Diretoria, presidida pelo Sr. Dr. Heitor Pires, está realizando a mais notavel das reformas, dando um impulso sem precedentes, á prosperidade da instituição. Com efeito, já antes de ter sido eleito presidente, S. S. vinha incentivando a solução de diversos problemas que considerava de capital importancia para a renovação dos serviços internos da Beneficencia.

Deve registrar-se que as eleições de 1949 foram as mais agitadas de toda a história da instituição, comparecendo 1462 eleitores, sendo eleita a seguinte Diretoria, por 128 votos de maioria:

Dr. Heitor Pires, Francisco José Matoso, Dr. Carlos Alves Pacheco, João de Oliveira Castro, Manoel Gomes Alves (que há 42 anos presta serviços á Beneficencia), Manoel Alexandre da Silva, Aventino Pinto Vilarinho, Roberto Brandão Marques e Silvério de Vasconcelos Pinto.

Se a opposição tivesse vencido, talvez que tão bela obra perdesse sua legitima expressão lusiada.

Uma vez empossado, o sr. Dr. Heitor Pires, que há 20 anos é consultor juridico, gratuito, da Beneficencia, membro do Conselho Deliberativo desde 1935, e sócio bemfeitor desde 1932, deu novas diretrizes a todos os departamentos, modernizando os serviços de contabilidade e outros, orientando a conclusão do novo edificio anexo e que virá beneficiar extraordinariamente a utilidade publica da instituição.

Seu dinamismo impressionante, aliado a uma forte cultura de advogado e jornalista vibrante, animado pelo entusiasmo próprio de sua mocidade, fazem de S. S. um elemento de invulgar mérito, que muito contribui para o pleno êxito de todas as iniciativas a que liga seu nome.

Apesar do aumento de encargos provenientes de alteração de salários e das obras em andamento, o balancete relativo ao primeiro semestre da atual gestão acusa uma receita de Cr\$ 4.667.371,90 e uma despesa de Cr\$ 2.982.785,20, — cifras que revelam o valor administrativo.

Incontestavelmente, a Beneficencia Portuguesa de Porto Alegre, primorosa organização hospitalar



Sr. André Santos



Sr. João Duque



Sr. José Diôgo Freiria Alvarez



Sr. Manoel Alexandre da Silva



Sr. Domingos Marques



Sr. Joaquim Lopes

e de assistência social no Rio Grande, citada como glorioso padrião das atividades lusitanias no Brasil.

“CASA de PORTUGAL”
— OBRA DO MAIS PURO
IDEALISMO

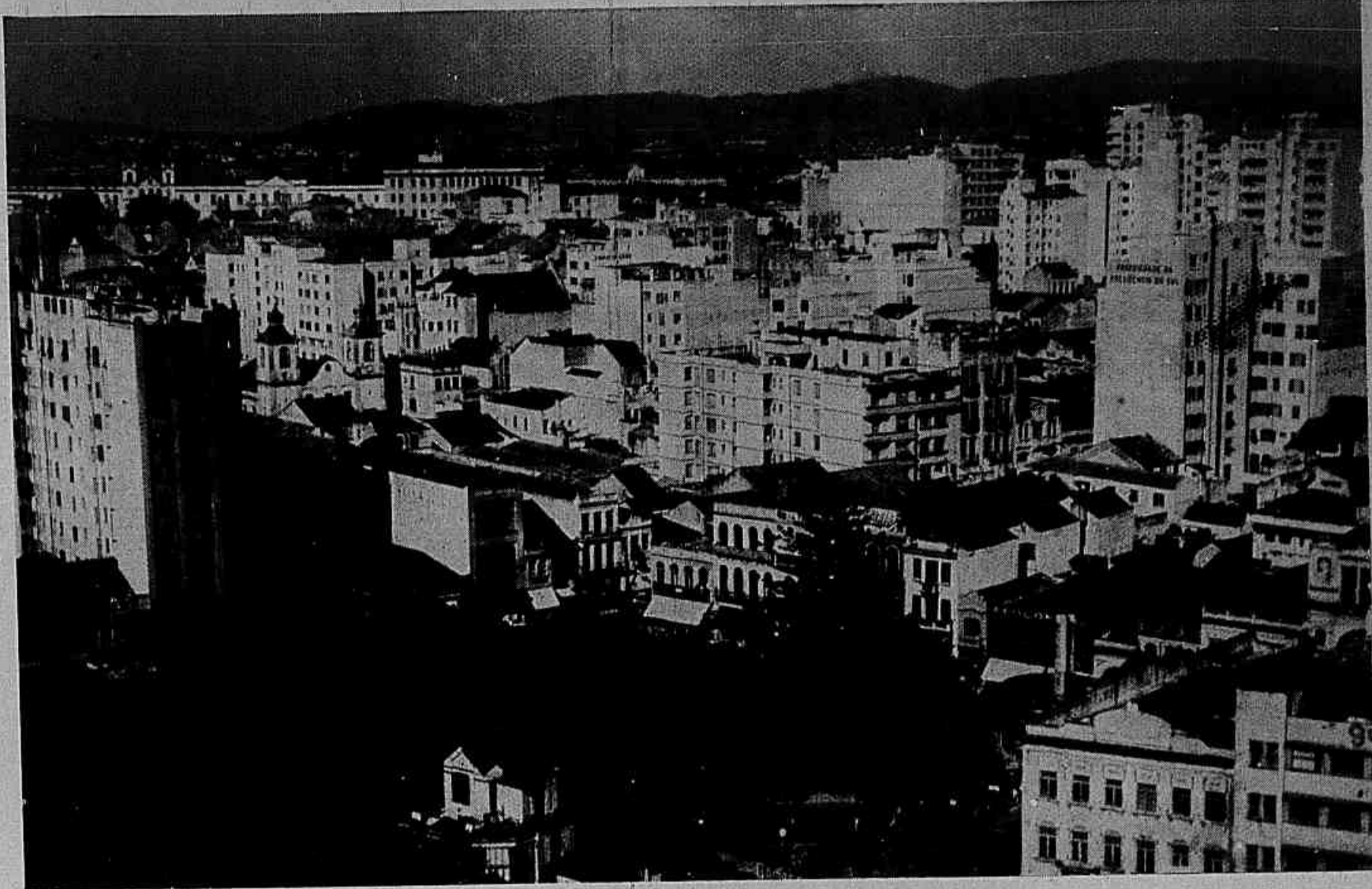
Uma das mais simpáticas iniciativas que está sendo concretizada em Porto Alegre, é a instalação condigna da “Casa de Portugal”, com um vasto plano que bem traduz o idealismo da pequena colônia, constituída por elementos dignos de todo apreço.

Em Porto Alegre, a “Casa de Portugal”, propõe-se a realizar uma grande tarefa de unificação espiritual, intensificando os motivos culturais, promovendo uma ligação verdadeiramente fraternal e que abrange os mais variados aspectos. Obra de aproximação, de interesse pela Pátria distante, de sociabilidade lusa, de solidariedade moral e material a todos os empreendimentos capazes de elevar cada vez mais o grande conjunto português.

A’ frente desta instituição, encontra-se um homem que, por sua ponderação, bondade e evidente amor aos planos traçados, bem merece ser considerado um “líder”. Trata-se do Sr. André Santos, importante comerciante e espírito aberto às boas iniciativas.

A “Casa de Portugal”, fundada em 1934, que teve como primeiro presidente o saudoso Dr. Antonio Portas, já adquiriu a propriedade que vai ser transformada de acordo com o belo projeto para a futura sede, do qual foi enviada cópia ao governo português por intermédio do Sr. Consul Dr. Antonio Ramos de Paula Coelho, que seguiu para Lisboa, em férias. A Comissão Executiva pró “Casa de Portugal”, tendo à sua frente o incansável Dr. Heitor Pires, procura manter o entusiasmo em todos os corações, de modo a que esse projeto se torne uma breve e bela realidade.

Eis os nomes que integram a Diretoria: André Santos, presidente; Manoel Alexandre da Silva, vice-presidente; Amandio da Silva, 1.º secretário; Aventino Pinto Vilarinho, 2.º secretário; Domingos Marques, 1.º tesoureiro; José Maria Simões, 2.º tesoureiro; Artur Salgado, Departamento Cultural; Dr. Diniz Campos, bibliotecário; Dr. Heitor Pires, consultor jurídico.



Vista panorâmica parcial de Porto Alegre

VULTOS QUE SE DESTACAM NA
COLÔNIA LUSA.

Da colônia portuguesa de Porto Alegre fazem parte nomes que tiveram singular projeção na vida social lisboeta, como, por exemplo, a grande cantora exma. sra. D. Cacilda Ortigão, e seu filho Paulo; o distinto e culto ex-oficial do exército português Artur Salgado; Francisco da Cunha Rêgo, co-proprietário da Praça de Touros de Algés, antigo amador tauromáquico, hoje dedicado ao ramo de automóveis como diretor da “Auto Sul Brasil Limitada”, José Diôgo Freiria Alves, antigo aluno da Escola Politécnica de Lisboa, espírito brilhante e entusiasta co-operador de todas as iniciativas luso-brasileiras, tendo exercido a presidência da Beneficência Portuguesa de Pelotas, marcando magnífica trajetória administrativa. José Diôgo Freiria Alves é principal sócio da ERIC LTDA, a maior organização distribuidora de máquinas de costura para todo o Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, à Rua Marechal Floriano, 272.

Merece também destacar-se o nome de João Duque, diretor da Companhia BRAHMA, um incontestável valor social, figura distinta e estimada nos melhores meios da cidade.

Na indústria, no comércio e nas mais variadas profissões, são inúmeros os portugueses que se destacam pela prosperidade alcançada e, sobretudo, pela nobreza de carácter, podendo citar-se: Manoel Alexandre da Silva, proprietário, com seu irmão Antonio, da grande PADARIA TRÊS ESTRELAS, que se encontra no Brasil desde 1912, sendo natural de Aveiro; José d’Oliveira, “Puzreza”, um dos mais populares elementos

do comércio de Porto Alegre; Alberto Fernandes dos Reis, do Conselho Deliberativo da Beneficência Portuguesa, proprietário da grande PADARIA UNIVERSAL, a maior instalação no gênero, nesta cidade; João Amado Venancio, de indiscutível prestígio no comércio portalegrense; Manoel Silva, da PADARIA AURORA LTDA.; Domingos Alberto Lopes da Costa Marques, figura de diplomata com o dinamismo próprio dos homens de negócios, industrial, sócio-proprietário da FABRICA DE SABÃO “ROLA”; A. Martis de Melo, da Comissão Executiva da “Casa de Portugal, proprietário da PADARIA AVENIDA, espírito dos mais equilibrados ao serviço da coletividade; Augusto Ferraz de Mendonça, português que acompanha com excepcional interesse todos os acontecimentos de sua Pátria, sócio da firma FERRAZ & MONTEIRO, tendo por sócio o Sr. José Pinto Monteiro, brasileiro não menos entusiasta pelos assuntos portugueses, aos quais está profundamente ligado; Antonio Landureza, uma das mais simpáticas e uteis figuras sociais; José Maria Simões, participante de todas as iniciativas lusas, honesto e inteligente proprietário do ARMAZEM CENTRAL; Amandio Silva, um idealista, guarda-livros e organizador do programa radiofônico da colônia; o artista pintor José de Brito Cunha, chanceler do Consulado de Portugal; e Joaquim Lopes Dias, chefe de importante firma, cidadão prestimoso e que usufrue excepcional conceito nas altas esferas de Porto Alegre e do próprio Estado.

Neste ligeiro resumo espelha-se o valor parcial do conjunto português que honra as tradições da raça e contribui para o desenvolvimento econômico do Brasil através de um trabalho útil e honrado.



UM ALTO SENTIDO PATRIÓTICO INSPIRA OS TRABALHOS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA GAÚCHA

INTERESSANTES CONCEITOS DO ILUSTRE DEPUTADO NUNES DE CAMPOS,
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

“AS IDÉIAS SÃO COMO AS ÁRVORES, NÃO FLORESCEM NEM FRUTIFICAM EM
TODOS OS CLIMAS” — DIZ S. EXCIA.

Qualquer observador, imparcial e atento, tem de reconhecer que os trabalhos da Assembléa Legislativa do Rio Grande do Sul decorrem num ambiente que espelha nitidamente o caráter da gente gaúcha: sinceridade, franqueza, patriotismo e humanidade.

A divergência política não consegue apagar o traço fundamental do homem emotivo, cujas lutas são sempre orientadas pelo bem comum. A História indica o valor da gente gaúcha em todos os grandes episódios da nacionalidade.

Interessante e útil é este contacto com alguns dos maiores valores da atualidade política, entre os quais fomos encontrar o Deputado Nunes de Campos, estudioso dos complexos problemas econômicos, eleito pela unanimidade de todos os partidos para presidente da Comissão de Finanças e Orçamento. S. Excia. que é, também, 2.º Vice-Presidente da Assembléa e Vice-líder da bancada trabalhista, assim se expressou, ao apresentar as conclusões da comissão a que preside, em magistral discurso, do qual destacamos os seguintes tópicos:

“O mesmo espírito patriótico e construtivo, que tem inspirado a ação dos parlamentares nesta Casa, preside a exposição que vou fazer aos meus nobres colegas e ao povo da minha terra.

“Não existem situações irreconciliáveis!

Todas as aspirações poderão ser satisfeitas, sem obstar o ritmo administrativo do programa governamental nem perturbar o desenvolvimento crescente da economia riograndense.

“Em finanças, sou nacionalista, porque considero, como consideraram os estadistas norte-americanos para o seu país, em fase idêntica à nossa, ser esta a melhor doutrina para solucionar os problemas econômicos e financeiros nacionais.

“Reputo esse sistema, como mais salutar pois, não pretende, como preconizam os teóricos e o dilettantismo da mentalidade predominante, impôr teorias alienígenas, à cultura e à ação dos nossos estadistas.

“As idéias são como as árvores: não florescem, nem frutificam em todos os climas.

“A situação do meu Estado é das mais promissoras do País, e se maior não tem sido o seu desenvolvimento devemos atribuir exclusivamente, aos

precalços, aos entraves, e à errada orientação da política financeira do Governo da República, aos nos profligar aquelas injustas medidas de execução, a que devemos a estagnação e dificuldades do transitório período que atravessamos.

“Seu homem de partido e da oposição, mas, sr. Presidente, sem executá-la de maneira sistemática e impatriótica.

“No exercício do mandato parlamentar represento o povo do Rio Grande, para defender seus interesses e nesse sentido, o meu partido, não estabelece restrições, assim como também, aos demais senhores deputados, meus colegas de bancada.

“De maneira, sr. Presidente, quando formulo aquela acusação, o faço como Riograndense do Sul, como também o fizeram representantes da Federação das Indústrias, do Comércio, do Ruralismo gaúcho, e também os senhores deputados Raul Pilla, Flôres da Cunha, Pedro Vergara, Bitencourt de Azambuja, Daniel Faraco, Senadores Salgado Filho e Ernesto Dornellas, nas casas do Congresso Nacional.

“Examinando a situação financeira do Estado, devo destacar como preambulo, a autorizada afirmativa do exmo. sr. Governador quando em junho do corrente ano, enviou à V. Excia. sr. Presidente, o balanço geral relativo ao exercício de 1948:

“A situação do Estado não é folgada, mas é sólida” — e demonstrando a evolução da receita do Estado nos últimos seis anos excluídos a renda da Viação Férrea faz ressaltar de análise detalhada, que aquela receita, nos últimos exercícios financeiros, vem acusando um desenvolvimento bastante pronunciado.

E, mais adiante, depois de lidos os quadros demonstrativos da situação financeira do Estado, o sr. Deputado Nunes de Campos teve, ainda, estas esclarecedoras expressões:

“Não creio, como já afirmei, nas possibilidades de uma crise eventual que, em data aproximada, venha ou possa perturbar o ritmo ascensional da riqueza econômica do Rio Grande.

“Abram-se os diques para a exportação riograndense, libertando-a da burocracia e dos vexames portuários, do abuso do poder econômico e da ditadura nefasta e trágica do Banco do Brasil e assistiremos o Rio Grande dar mostras da sua vitalidade e do valor dos seus homens, não só como celeiro do país, mas, como uma de suas unidades mais progressivas, mais sadias, a cooperar no fortalecimento da economia nacional, e isto, sr. Presidente, graças ao estoicismo, à energia indômita e irrefreável da proscritinada iniciativa privada.

“É latente e dolorosa a ação abusiva que se tem inflingido a economia gaúcha com medidas coercitivas às necessidades do consumo carioca, por preços escorchantes ao produtor.

“A sinceridade dos argumentos reivindicantes não encontrou acolhida na prepotente Comissão Central de Preços, que parece utilizar no presente as

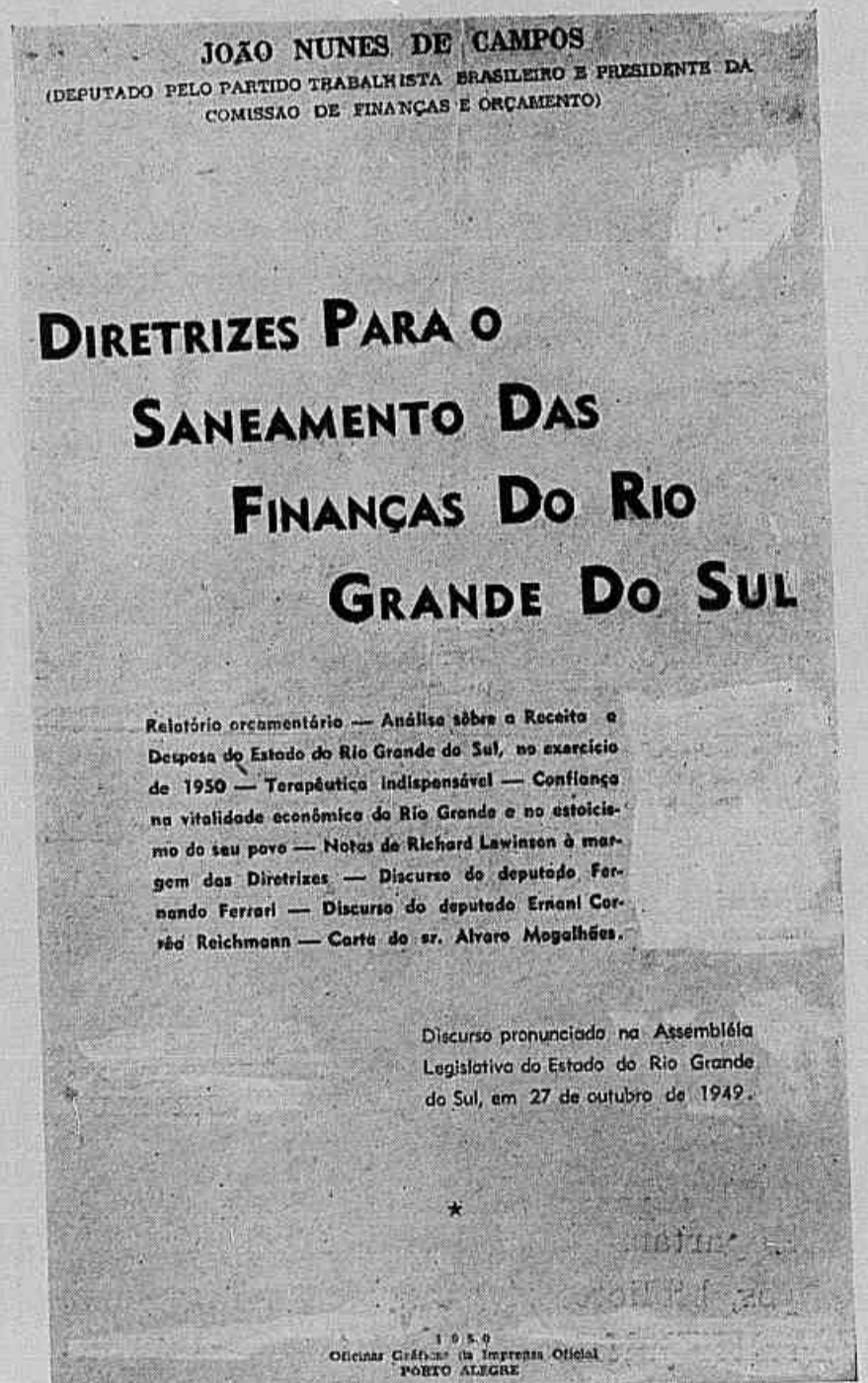
grilhetas do passado, juguladas pela epopeia épica dos Farroupinhas.

“Ressoa ainda, aos nossos ouvidos, o eco das vozes aflitivas do comércio, da indústria e da agricultura, vítimas das martirizantes medidas violentas e injustas daquele órgão petrificado e arbitrário.

“Acresce, que o bem intencionado estímulo e amparo à produção, já mencionados nos discursos que tive ensejo de pronunciar neste recinto, secundado pelo então, meu vigoroso líder, que foi V. Excia., sr. Presidente, quando nas mesmas funções que estou exercendo advertia — “É indispensável que fomentemos a produção, se realmente quisermos manter este regime de saldos orçamentários”. Parecia que estava a ver aquela pléiade de autores romanos do grupo de “scriptores de re rustica” onde se destacaram Catão, Calumelo e Virgílio, a entoar um hino bucólico que celebrava o retorno à terra, como meio único de reencontrar a prosperidade material e o equilíbrio normal.

A longa e bem fundamentada exposição do ilustre Deputado Nunes de Campos mereceu as mais elogiosas e sinceras referências de todas as correntes políticas da Assembléa Legislativa.

Fac-simile da capa



A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL OFERECE UM NOTÁVEL EXEMPLO DE TRABALHO QUE SE TRADUZ EM DIGNIDADE E PATRIOTISMO



Mesa da Assembléia Rio Grandense durante uma sessão solene

Aqueles que ainda descreem dos ideais democráticos e da eficiente ação parlamentar, em sua tarefa fiscalizadora e construtiva, se outras razões não tivessem para exaltar e reconhecer a alta função de um regimen de cujos trabalhos o povo participa através de seus representantes, encontrariam nesta ligeira síntese uma positiva demonstração de quanto se produz de útil numa Assembléia, sobre cujos ombros pesa a responsabilidade do futuro da nação.

A própria agitação e violência dos debates, por vezes criticados e incompreendidos, nada mais representa do que o interesse pelo bem coletivo que a divergência de opiniões conduz ao esclarecimento, na ânsia de alcançar a perfeição.

A Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, a cujas belíssimas tradições estão ligados alguns dos maiores nomes da política nacional, ao findar o período legislativo de 1949, apresentou uma honrosa exposição de seus trabalhos. Pela leitura efetuada pelo seu Presidente, o digno Coronel Dr. José Diogo Brochado da Rocha, verifica-se que, durante esse período, foram discutidos e votados nada menos de 484 projetos, dos quais 41 foram rejeitados.

449 projetos de lei foram enviados ao Sr. Governador do Estado, sendo 427 promulgados e 22 vetados. O plenário da Assembléia, no uso da faculdade que lhe é concedida pelo artigo 62 da Constituição de 8 de Julho de 1947, rejeitou 14 vetos opostos pelo Sr. Governador, aceitando 5 e retirando 3 dos projetos.

Também o Sr. Presidente da Assembléia Legislativa, nos termos do artigo 64 da Constituição Estadual, promulgou 4 projetos de lei sancionados pelo silêncio do Sr. Governador, no decurso do decênio. Foram aprovados pelo plenário, 134 decretos legislativos, e mais 475 indicações e requerimentos versando variados assuntos de interesse para a coletividade rio-grandense.

O Sr. Presidente da Assembléia Legislativa promulgou 30 resoluções relativas a diversos assuntos da economia interna da Casa.

Dos algarismos expostos conclue-se que o plenário apreciou e votou, em 1949, 1.123 processos devendo registrar-se que apenas ficaram pendendo de discussão e votação 99 projetos e 13 requerimentos.

O movimento geral da Secretaria da Assembléia, orientada pelo indiscutível mérito do digno Deputado Dr. Rodrigo Magalhães indica o imenso trabalho efetuado, pois o protocolo acusa o registro de 3.037 expedientes recebidos, além dos seguintes serviços: 1768 officios e circulares expedidos; 618 telegramas e fonogramas; 170 ates-

tados; 18 certidões; 30 portarias; 27 credenciais; 65 atos da Mesa.

Torna-se interessante mencionar os ilustres deputados que tiveram maior número de intervenções em plenário: Fernando Ferrari (P. T. B.) 366; Leonel Brizola (P. T. B.) 195; João Lino Braun (P. T. B.) 101; Nestor Joet (P. S. D.) 160; Tarso Dutra (P. S. D.) 153; Mem de Sá (P. L.) 127; Henrique Fonseca de Araujo, 112. Todos os outros intervieram menos de 100 vezes, embora alguns tivessem destacada atividade. As comissões trabalharam com inextinguível dedicação.

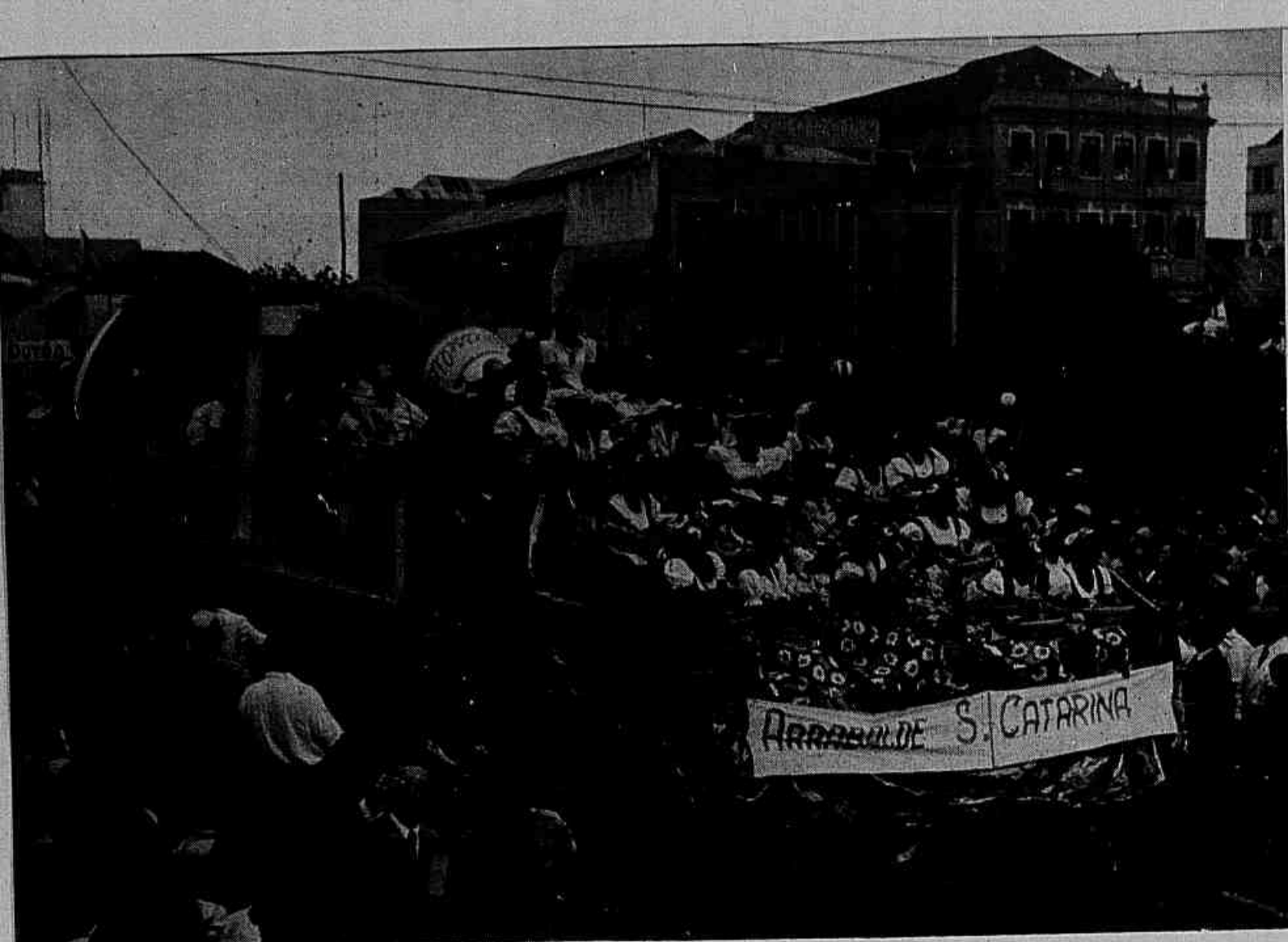
Eis, em síntese, a importante contribuição dada pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul a inúmeros problemas destinados a promover o progresso local, prestigiando o República.



O presidente da Assembléia, cel. Brochado da Rocha ao tomar posse.

Aspecto de uma sessão da Assembléia Estadual





Eis um maravilhoso conjunto, em que o trabalho e a beleza se harmonizam!

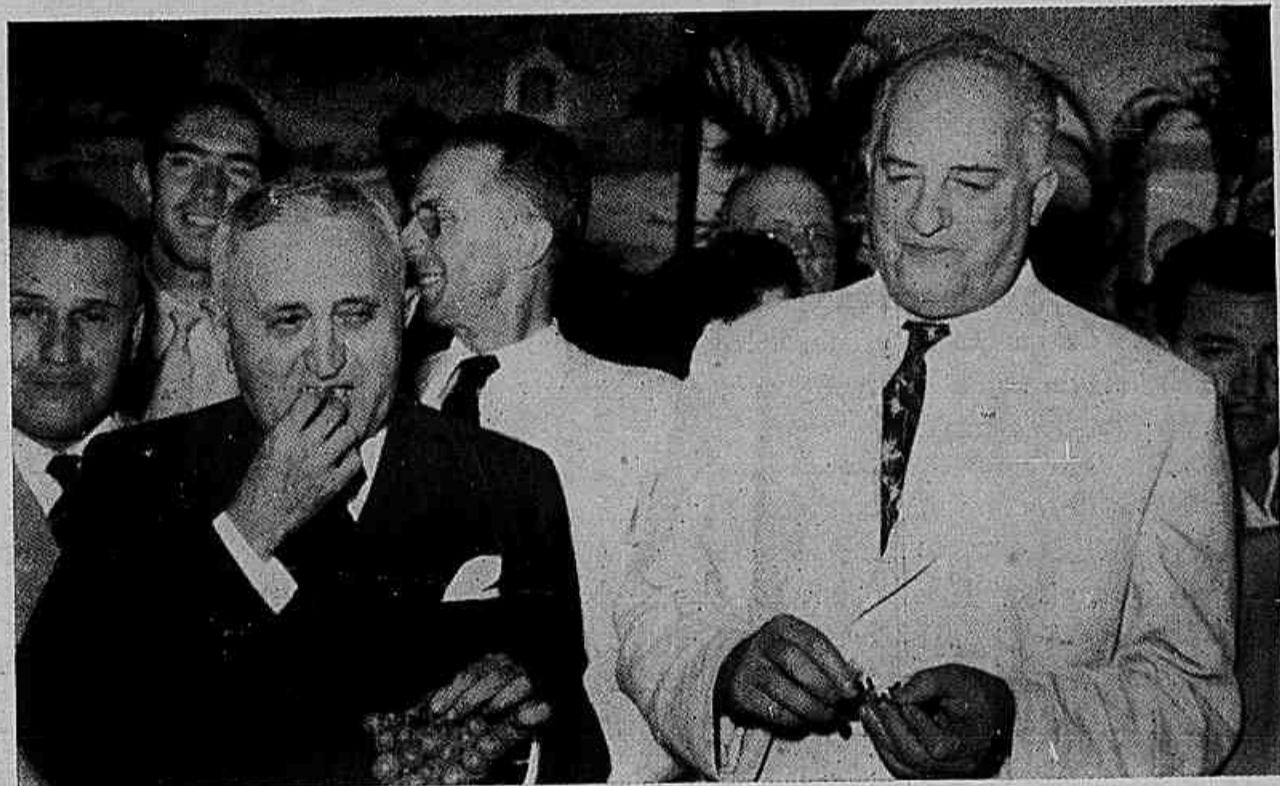
ampla, bem traçada, com indiscutível projeção na vida agrícola do país e possuindo um admirável parque industrial. Todos que visitaram esta cidade reconheceram o próspero futuro que está reservado a toda a região, cuja fertilidade e encantos naturais, aliados à produção fabril, se harmonizam de maneira utilíssima. O Pavilhão Agro-Industrial, erguido no recinto das festas, apresentou-se de maneira surpreendente e extremamente honrosa para Caxias, para o Rio Grande do Sul e para o próprio Brasil. Ali se viam "stands" de: motores agrícolas, objetos de prata e ouro, variados e perfeitíssimos artigos de metalurgia, marcenaria artística, móveis rústicos, formosos e ricos objetos para culto religioso, balanças, malharia calçados, acordeons, e inúmeros outros artigos fabricados em Caxias do Sul e arredores. Os produtos agrícolas são todos excelentes, comprovando o tratamento dispensado à terra. Do vinho nos dispensamos de fa-

A "Festa da Uva" em Caxias do Sul, tornou conhecida de todo o Brasil a importancia daquele maravilhoso e progressivo rincão!

JUSTA HOMENAGEM A' COLÔNIA ITALIANA PELO 75º ANIVERSÁRIO DA CHEGADA DOS PRIMEIROS COLONISADORES

Reportagem de BORGES DA CRUZ

O Rio Grande do Sul é um Estado que progride incessantemente, graças ao poder construtivo de seus filhos e às magníficas tradições que estas mantêm como força moral. A terra é ampla, generosa e repleta de beleza! E disso mesmo tivemos a mais completa demonstração ao visitar Caxias do Sul, a "Pérola das Colônias", a "Metrópole do Vinho", centro industrial de grande expressão, cujos trabalhos bem merecem o apreço e o aplauso de todo o Brasil. Comemorando as bodas de diamante da colonização italiana, não podiam ser mais justas e brilhantes as festas realizadas, oferecendo esplêndida oportunidade de indicar seu extraordinário exemplo de atividade e amor à terra. Do primitivo "Campo dos Bugres", então habitado pelos índios "caáguas", surgiu, por efeito do trabalho de uma colonização útil, esta próspera e linda cidade que é Caxias do Sul, moderna,



Carro evocativo dos Pioneiros, um dos mais belos do desfile e o mais expressivo e sentimental. Nêle se veem alguns dos velhos colonos italianos e seus jovens descendentes.



No recinto da Exposição Agro-Industrial, o Sr. Presidente Dutra e o Sr. Governador Walter Jobim, provam as deliciosas uvas. Entre ambos vê-se o Sr. Julio Ungaretti, presidente da Comissão Executiva dos festejos. À direita do presidente vê-se ainda o Dr. Daniel de Carvalho, ministro da agricultura.

zer referência, tão conhecido já se tornou de todo o Brasil, onde dia a dia conquista novos apreciadores.

A uva... é uma uva!

Terra de clima admirável, situada a 760 metros de altitude, Caxias do Sul possui uma população calculada em 50.000 habitantes, oferecendo boas estradas de ligação com os principais pontos do Estado. Os serviços oficiais estão condignamente montados e a instrução pública está desenvolvida.

O Sr. Presidente da República, o Governador do Estado e vários de seus Secretários, o Governador Adhemar de Barros, e figuras de destaque na política e na administração pública nacional, vieram participar do sentimento de júbilo que empolga o povo caxiense.

Para a "Festa da Uva" todos trabalham com inextinguível dedicação, colocando-se numa modéstia que mais salienta o seu grande amor à terra. A Comissão Coordenadora foi presidida pelo Sr. Julio Ungaretti, secundado por outros caxienses ilustres e com a eficiente colaboração do Prefeito Luciano Corsetti.

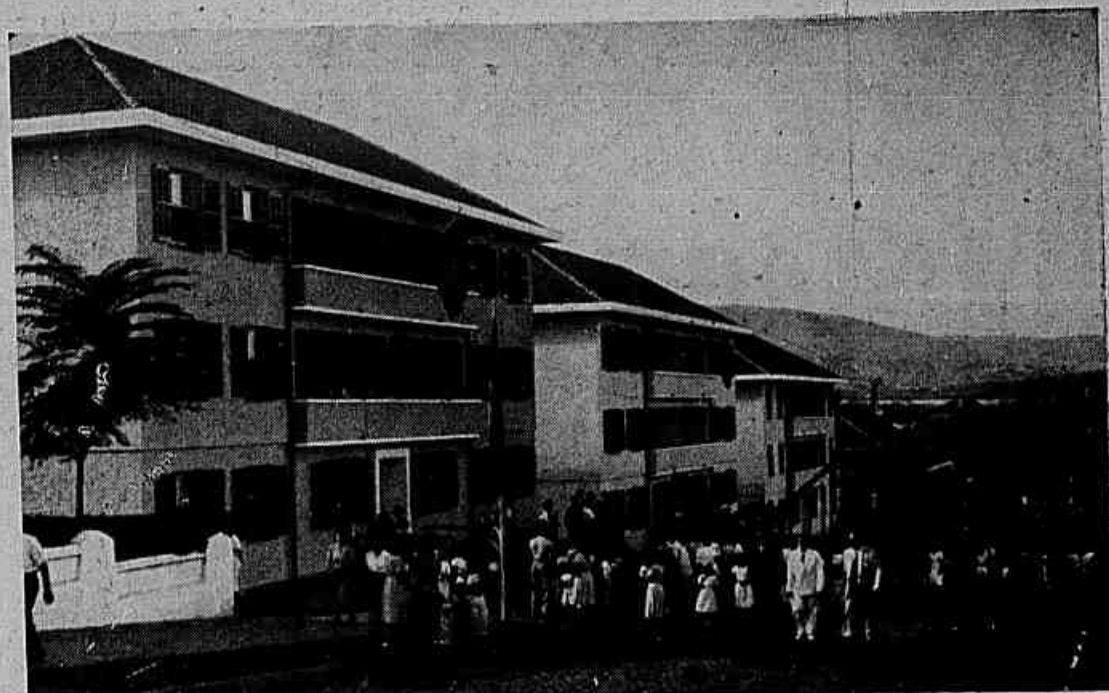


O Presidente Dutra inaugura o conjunto residencial

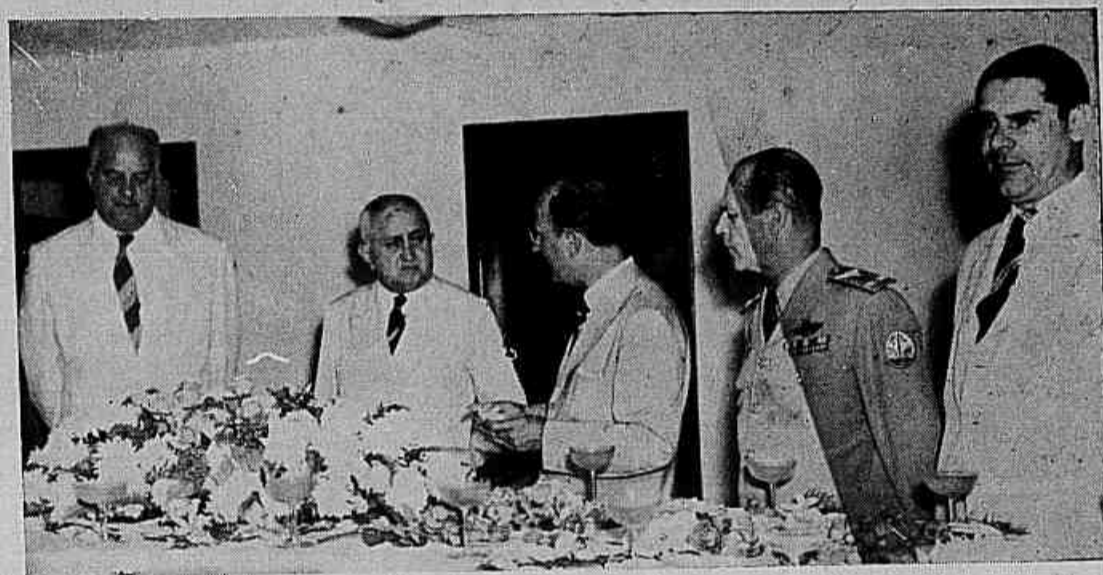
A CONTRIBUIÇÃO DO I. A. P. B. À OBRA SOCIAL DO GOVERNO DA REPÚBLICA

A atual administração do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários cumpre o programa de benefícios ao trabalhador nacional que traçou para o seu governo o General Gaspar Dutra. Realiza obra de indiscutível alcance social, como a que acaba de ser inaugurada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A solenidade compareceu pessoalmente o Presidente da República. Acompanham o chefe da Nação o presidente do Instituto, Dr. Adherbal Carneiro de Novais, o governador Walter Jobim, o prefeito de Porto Alegre Ildo Menghetti, outras altas autoridades e representantes da classe. Após a inauguração do magnífico conjunto residencial da rua Barão de Amazonas, no bairro de Petrópolis da capital gaúcha, composto de 3 blocos com 12 apartamentos cada um, num total de 36 residências, um ambulatório e uma garagem, o Dr. Adherbal Novais levou os presentes ao segundo bloco, onde pôde o General Dutra examinar os gráficos demonstrativos dos benefícios prestados pelo I. A. P. B. aos seus contribuintes. Basta dizer que essa autarquia arrecadou no Estado sulino Cr\$ 87.093.052,30 e aplicou em proveito dos seus segurados 83.594.265,40! Mais de 23 milhões de cruzeiros já foram aplicados em investimentos imobiliários nas cidades de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e São Leopoldo.

A mesa de doces que foi oferecida aos visitantes, falou o Dr. Adherbal Novais. Enalteceu o plano social que vem executando o governo da República e expôs a contribuição prestada pelo Instituto que dirige: núcleos residenciais higiênicos e econômicos, eficiente assistência médico-hospitalar, aposentadoria nas melhores condições possíveis, pensão a herdeiros, concessão de empré-



Um dos blocos do conjunto residencial, no bairro de Petrópolis, em Porto Alegre.



O Dr. Adherbal Novais pronunciando sua oração

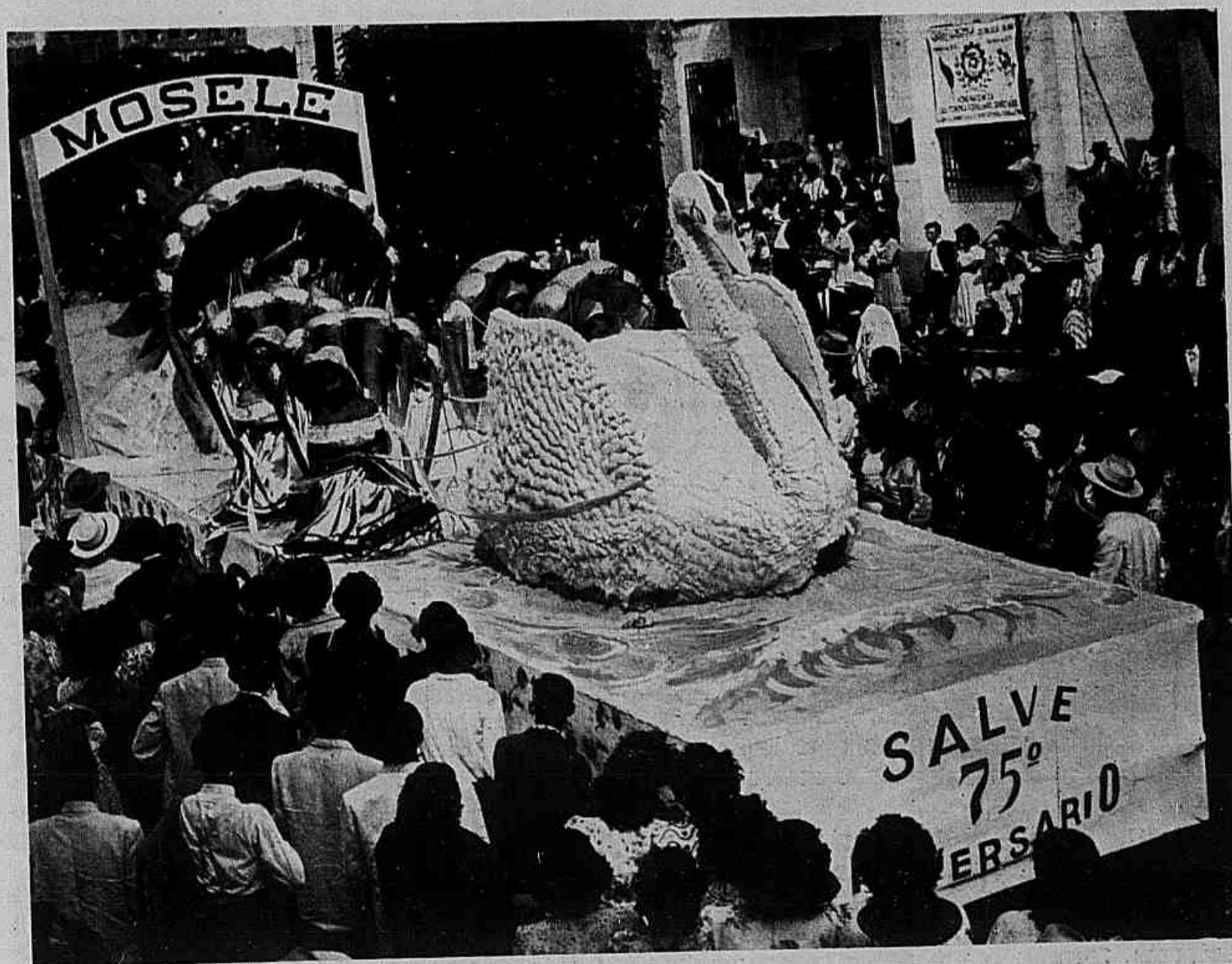
mos, benefícios de maternidade, enfermidade, reclusão e funeral. Enfim, afirmou que a instituição está vigilante e solicita para atender a seus contribuintes em qualquer emergência nos dias atribulados que correm. Em seguida usou da palavra o presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, Sr. Andrino Braga, para louvar as realizações do presidente Adherbal Novais e agradecer ao Presidente da República seu apoio irrestrito a esse esforço, que tanto está contribuindo para a grandiosa obra social que ele concretiza em nosso país.

Seleção e pureza

dois símbolos

MOSELE:

No desfile de carros na "Festa da Uva" destacou-se entre todos, conquistando o 1.º lugar, a alegoria feliz do carro MOSELE, simbolizando a seleção e pureza de seus produtos na beleza inconfundível de Miss Brasil, senhorita Jussara Marques e na alvura imaculada de um cisne branco!

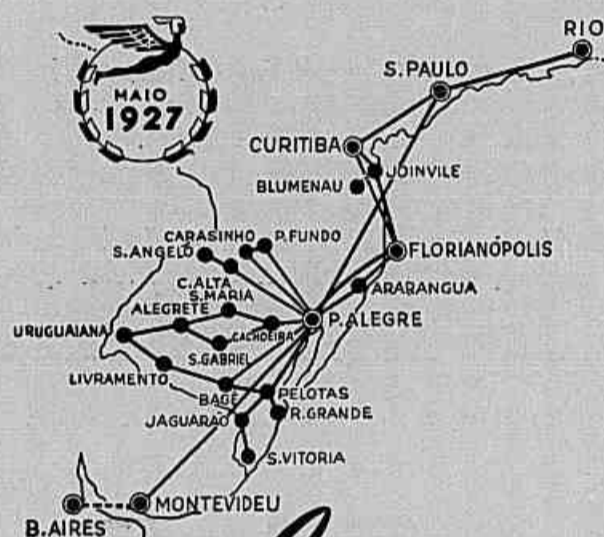


VIAGENS AO

Sul



O Sul do Brasil oferece inesperados encantos a todos que o visitam. Panoramas novos, costumes diferentes e clima ameno - seduzem sempre o turista. A indústria progressista, a agricultura próspera e o comércio intenso - são para o comerciante a perspectiva segura de excelentes negócios. Montevideu, a bela capital uruguaia, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Joinville, Florianópolis, Araranguá, Porto Alegre e mais 15 cidades gaúchas são atendidas pelas linhas aéreas regulares da pioneira, o que vale dizer por um serviço padrão com 22 anos de eficiência e segurança.



Serviços Aéreos VARIG

A PIONEIRA NO BRASIL

Vôos diretos Rio — Porto Alegre.

Informações e reservas: — Avenida Rio Branco, esquina de Santa Luzia.

Encomendas: — Avenida Churchill, 109 — A

Rêde interna: — Tel. 52-3700.

SI O RUMO É SUL, O TRANSPORTE É "VARIG"

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

ARVORES EXCENTRICAS...

Há em Massachussets, Estados Unidos, dois carvalhos, aos quais se atribue a idade de 150 anos, que o povo chama de "árvores-siamesas". Cada qual tem tronco próprio, copa independente; enfim, são bem distintas uma da outra, mas uma especie de grossa membrana as liga a cinco metros de altura.

Caso semelhante foi descoberto pelo americano Sullenburger na ilha de Java. Trata-se de dois olmos a dois metros de distancia um do outro. A oito metros de altura eles se enlaçam, formando um unico tronco; acima

disso é impossivel distinguir um do outro nesse bizarro conjunto.

Em Stratford, Inglaterra, mostra-se ao viajante uma arvore que "come ferro". Quando foi plantada — é um carvalho — cercaram-na, com grade de ferro, 0m,30 do tronco. Cresceu, engrossou, atingindo as barras de ferro que deviam protegê-la. Tomou tão grande volume que começou a absorver a grade.

Pode-se ver na America, perto do Fort Delaware, uma arvore, de cujo tronco saem algumas extremidades de canos enferrujados de fusil. Nesse lugar, quando da guerra civil que ensanguentou os estados Unidos, travou-se renhido combate. Muitos fusis foram abandonados, em montes. A arvore nasceu entre eles e, gradualmente, "devorou" as armas.

O caso mais curioso, entretanto, observa-se no Siam. Antigamente, em Pechin, havia uma usina que fundia em barras o ouro extraído das minas vizinhas. Depois a explo-

ração foi abandonada. As construções se transformavam em minas. Apenas a chaminé, de 14 metros de altura, resistiu ao tempo. Certo dia notaram ramos de verdura que saíam de sua abertura superior. Isso intrigou alguns curiosos, que foram observar de perto o fenomeno. Investigando na base da chaminé, verificaram com surpresa que uma arvore havia nascido dentro da chaminé e que seus ramos saíam pela boca da mesma para a luz do dia.

ESQUELETOS E OURO

Em Castellon de la Meusa, vila situada a uma centena de quilometros ao norte de Lima, Perú, descobriram-se imensas grutas nas quais havia centenas de esqueletos. Muitos desses esqueletos jaziam ao pé de velhos arcabuses castelhanos, espadas etc. Reconheceu-se que aqueles restos mortais eram dos companheiros de Francisco Pizarro, o conquistador do Perú. Pouco adiante encontraram-se enormes pepitas de ouro, como, tambem... arcos e flexas. Que se teria passado nas cavernas de Castellon de la Meusa? Talvez os espanhóis, na caça do ouro, se tenham perdido e perecido de fome. Talvez se tenham encontrado, em luta de exterminios, com os indios. Permanece o misterio. Os lugubres achados foram enterrados e o ouro, transportados para o Banco do Perú...

GRANDES E PEQUENOS JORNAIS

O maior jornal do mundo é L'Illuminated Quadryphe Constellation. Seu formato é de 2m,5 de altura e 1m,8 de largura. Compõe-se de 8 paginas de 13 colunas cada uma. Esse jornal só aparece de cem em anos. O ultimo numero foi impresso em 1850 e o proximo poderá ser lido em 1950.

Quanto ao recorde de exiguidade é detido pelo Little Standard, de Torquay, Inglaterra. Tem 73 milímetros de altura e 60 de largura. Um unico homem basta para redigi-lo e expedí-lo.

AS CATACUMBAS

No numero de tuneis ou escavações de importancia historica sobresaem as catacumbas de Roma, veraddeira rede de tuneis que somam mais de 800 quilometros.

Existem tambem catacumbas importantes na França, Grecia, Asia Menor, Persia, Egito e Perú. Durante a guerra de Troia foi construído um tunel de oito quilometros de comprimento, para desviar as aguas do lago Tapolia, na Beocia.

Setecentos anos antes de Cristo, os hebreus abriram um tunel, que tinha por objetivo levar agua de uma fonte até o tanque do Siloc.

O AMOR PURO...

Ainda existe... no Japão. Há pouco tempo faleceu, em Toquio, um industrial chamado Sakai Goscinka, milionario, que, durante toda a existencia, manteve-se fiel a um amor infeliz. Em 1900, pediu a mão de uma jovem e foi repellido, mas jurou dedicar-lhe afeição eterna. Mandou fazer uma estátua da ingrata, colocou-a no jardim da sua suntuosa residencia e, até há pouco, durante quarenta e oito anos, rendeu-lhe homenagem como a um idolo.

O PAÍS DAS PONTES

Contando uma ponte por minuto, precisaríamos de quase cinco dias para chegar ao numero de pontes que ligam as margens dos cursos dagua nos Estados Unidos. Dizem as estatisticas oficiais, que, somente sobre aguas navegaveis, há 6.643 pontes. Nesse numero estão incluídas 2237 ferroviarias; as restantes são destinadas a outros veículos ou transeuntes, sendo que 62 se elevam a mais de 30 metros acima do nível do mar.

Banco do Rio Grande do Sul, S. A.

CAPITAL — CR \$ 50.000.000,00

Reservas em (31-12-1949)

CR 52.500.000,00

Matriz em Porto Alegre — Caixa Postal n.º 505

Enderêço telegráfico — “Banrisul”

Agência Metropolitana de São João

Avenida Farrapos, N.º 2478 — Caixa Postal n.º 3035

Enderêço telegráfico: “Joanrisul”

Telefone n.º 2.4133

**Uma rede de 82 casas próprias, todas
no Rio Grande do Sul**

DEPOSITOS — DESCONTOS — COBRANÇA DE
LETRAS — CAUÇÃO — ORDENS DE PAGAMENTO
GUARDA DE VALORES — COBRANÇA DE APOLICES
E COUPONS e demais operações bancárias.

AGESUL

AGENCIA GERAL DE SEGUROS LTDA.

Rua 7 de Setembro 1156 — 2.º andar

Tel. :-7963

**Representante, no Estado do Rio Grande do Sul,
das Cias.:**

COMPANHIA BOAVISTA DE SEGUROS

COMPANHIA PAULISTA DE SEGUROS

COMPANHIA NORDESTE DE SEGUROS

SUN INSURANCE OFFICE LTD.

CIA. MERIDIONAL DE SEGUROS AC. TRABALHO

THE IVERPOOL & LONDON & GLOBE

End. Teleg. “AGESUL” — PORTO ALEGRE

Companhia de Seguros de Vida “PREVIDENCIA DO SUL”

1906 — 44 ANOS DE DEVOTAMENTO AOS LARES DO BRASIL — 1950

Cifras que evidenciam o grau de progresso da PREVIDENCIA DO SUL:

**— ATIVO REAL : CERCA DE 200 MILHÕES DE CRUZEIROS: —
SEGUROS EM VIGOR: CERCA DE 2 BILHÕES DE CRUZEIROS:**



O “Seguro de Vida em Grupo” é uma modalidade que representa a
GARANTIA MAIS ECONÔMICA e oferece a mais AMPLA E
BARATA PROTEÇÃO a todas as pessoas que, unidas pela
mesma profissão ou pela atividade diária em comum, desejam
assegurar, além da vida, o bem-estar de seus entes queridos.

Procure conhecer as condições e benefícios do SEGURO DE VIDA EM GRUPO

Escritórios em *Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Curitiba e Fortaleza.*
SÉDE — RUA DOS ANDRADAS, 1049 — Caixa Postal 76 -- PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

End. Teleg.: da Sêde e das Inspetorias: “PREVISUL”

A "URBANISADORA VITORIA LIMITADA" OFERECE RELEVANTE COOPERAÇÃO AO TURISMO NACIONAL

Uma das mais recentes e interessantes organizações de loteamento e urbanização é aquela que está sendo levada a efeito na imponente e formosa praia que se estende por 200 quilômetros entre a cidade do Rio Grande e a conhecida "Punta Del Este" do vizinho Uruguai.

Escutando as entusiásticas referências do Sr. Olímpio Albino Saggin, um dos diretores da citada organização, devemos citar as seguintes palavras que merecem ser conhecidas de todos os brasileiros:

— O "Balneário Vitória", que desejamos tornar uma grande realidade, fica apenas a 12 quilômetros de Santa

Vitória do Palmar e constituirá atração bastante para manter dentro do Brasil todos aqueles que buscam repouso e beleza, pois nenhuma outra praia excede os encantos deste local. Nossos terrenos atingem 900 hectares, tendo já sido feito um loteamento de 9,200 unidades. Em seis meses vendemos mais de mil lotes. Nosso plano abrange a construção de casas, cooperando com todas as iniciativas oficiais para a facilidade de abastecimento e de transportes. O conforto e as atrações que temos em vista, talvez evitem que em Ponta Del Este se reúnam, como é hábito, mais de vinte mil brasileiros...

A "Urbanisadora Vitória Ltda." tem sua sede à Rua Sete de Setembro, 761, em Porto Alegre.



Sr. Olímpio A. Saggin

MODELOS

ANDRADAS' 1685

Tel. - 4847

PORTO ALEGRE

Alcyon

NOVIDADES
EM ARTIGOS
PARA SENHORAS



JORNAIS PERIODICOS

O "chamado jornalismo periódico nasceu na França através de Loret e Vizet. O primeiro publicava um jornalzinho em versos unicamente para deleite da duquesa de Nemurs, que pediu ao jornalista para tirar mais algumas cópias a fim de que pudesse distribuir com as suas amigas. O poeta era mau, dizem os críticos, e, assim, a obra ficou sepultada pelo tempo. Já Vizet foi mais lembrado, pois o seu jornal "Mercure" possuía bons colaboradores, e ele mesmo se empenhou em querelas literárias com vultos eminentes das letras francesas, como Racine e Molière, o que servia, em última análise, para chamar a atenção do país sobre o periódico. Ao lado disso, deu início à publicação de sujeitos, editoriais, notícias do alto mundo parisiense — casamentos, aniversários, falecimentos, festas — e o folhetim. O jornal, pela inquietação do seu diretor sofreu duros combates e contra ele alinharam muitas opiniões que os seus inimigos repetiam, como essa de La Bruyère: "o "Mercure" evm imediatamente depois do nada". Mas o fato é que hoje na França se considera Vizet como um grande vulto da imprensa periódica francesa de de todos os tempos.

BANCO NACIONAL DO COMÉRCIO

Sociedade Anônima

Fundado em 1895 - Sede: Porto Alegre

Rua Sete de Setembro nº. 1028

Capital.	Cr\$. 50.000.000,00
Fundos de Reservas	Cr\$. 20.250.000,00
Fundo especial para depreciação dos edificios ocupados pelo Banco.	Cr\$. 2.300.000,00
Depósitos em 28 de Fevereiro de 1950 mais de	Cr\$. 656.000.000,00

88 DEPENDENCIAS (Filiais Agências e Escritórios) nas principais praças do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, funcionando 56 em edificios próprios.

CORRESPONDENTES naqueles mesmos Estados e nas principais praças do País e do Estrangeiro.



A "CASA VALENTIM" TAMBEM VESTE AS CRIANÇAS E A JUVENTUDE GAÚCHAS!

O JARDIM ENCANTADO DAS CRIANÇAS!

MATRIZ : RIO DE JANEIRO

FILIAIS : SÃO PAULO E BELO HORIZONTE

EM PORTO ALEGRE : RUA DOS ANDRADAS, 1625

O GENERAL EURICO GASPAR DUTRA FESTIVAMENTE RECEBIDO NO PARANÁ

COMEMORAÇÕES DO 257º ANIVERSÁRIO DA CIDADE DE
CURITIBA — INAUGURAÇÕES — MANIFESTAÇÕES POPULARES

A Cidade de Curitiba comemorou, so-
lenemente, com a presença do Pre-
sidente Eurico Gaspar Dutra, o ani-
versário de sua fundação.

Sua Exa. foi recebido com grandes
manifestações de simpatia, estando a
cidade em festa, toda engalanada
para tão honrosa visita.

Depois de homenageado pelo Gover-
nador Moysés Lupion e altas autori-
dades, foi o Presidente Dutra para o
palanque oficial, onde assistiu ao desfi-
le dos grupos escolares, ginásios, co-
legios de Curitiba, atletas da guarni-
ção militar e componentes da FAB,
chefiados pelo Coronel José Machado
Lopes. Esse desfile, a que assistimos,
pela sua organização e garbo de seus
componentes, impressionou profunda-
mente os visitantes e foi uma demons-
tração eloquente da pujança da mocidade
do Paraná. Detalhe interessante é o de
todas as professoras que tomaram parte
no cortejo, usarem a mesma "toilette" e
que tornava, mais harmonioso o desfile
das escolas.

O povo paranaense, que enchia as ruas
da cidade, não se cansava de aclamar
o Presidente Dutra, demonstrando, as-
sim a sua alegria pela presença do
chefe da nação.

Após o desfile, no Gracioso "Country
Club", foi oferecido um almoço ao che-
fe do governo, usando da palavra o
Snr. Moysés Lupion, Governador do
Estado do Paraná, que enalteceu a fi-
gura do Presidente da República e dis-
se quanto o Paraná se sentia satisfeito
com a presença de tão ilustre visitante.
Concluído o banquete, o primeiro man-
datário do País, presidiu a inauguração
do Colégio Estadual do Paraná, obra
grandiosa e, sem favôr; um dos mais
bem organizados do Brasil. — Assis-
tiu, em seguida; o Presidente Dutra; a
inauguração do prédio da Secretaria
de Saúde e Assistência, outro majesto-

so edifício a atestar a grandeza do Pa-
raná, e que será a viga mestra de pro-
teção à saúde do povo paranaense.
Finalmente, na residência do Gover-
nador Lupion, o General Eurico Dutra
tomou parte num jantar íntimo,
que lhe foi oferecido pelo Sr. Gover-
nador e Exma. Sra. Lupion.

No salão nobre da Universidade foi
realizada uma sessão solene da Con-
gregação Universitaria, presidida pelo
Prof. Suplicy de Lacerda, magnífico
Reitor da Universidade do Paraná,
quando foi concedido ao sr. Presiden-
te da República o diploma de doutor
"honoris causa" sendo o homenagea-
do saudado pelo professor Laertes de
Macedo Munhoz. — Em comovidas pa-
lavras, agradeceu o sr. General Euri-
co Dutra.

A noite, a classe estudantil e o povo
promoveram vistosa marcha "aux
flambeaux" numa frisante demonstra-
ção de contentamento pela presença
do Chefe da Nação.

Deixámos o Paraná maravilhados com
o seu grande progresso sob a orienta-
ção segura do Governador Lupion,
abrindo estradas, ampliando ferrovias
e inaugurando o centro de colonização
do estado, entregue ao Dr. Francisco
Pereira. Curitiba, por outro lado;
desenvolve-se a passos gigantescos
nas mãos do Dr. Linneu Ferreira do
Amaral, Prefeito da Cidade; e a Rêde
Paraná-Santa Catarina, inaugurará,
dentro em breve, grande trecho de
obras, fruto da administração dinâ-
mica e bem orientada do Cel. José
Machado Lopes.

Está, pois; de parabens o governador
Lupion com a sua divisa: "TUDO POR
UM PARANÁ MAIOR", que não dei-
xará de ser focalizada pelo dr. J. Mu-
giatti Sobrinho, que, com brilho, vem
exercendo o cargo de Diretor de Ex-
pansão e Propaganda do Paraná.



O General Eurico Gaspar Dutra e o Governador
Moysés Lupion, na Avenida 15 de Novembro.

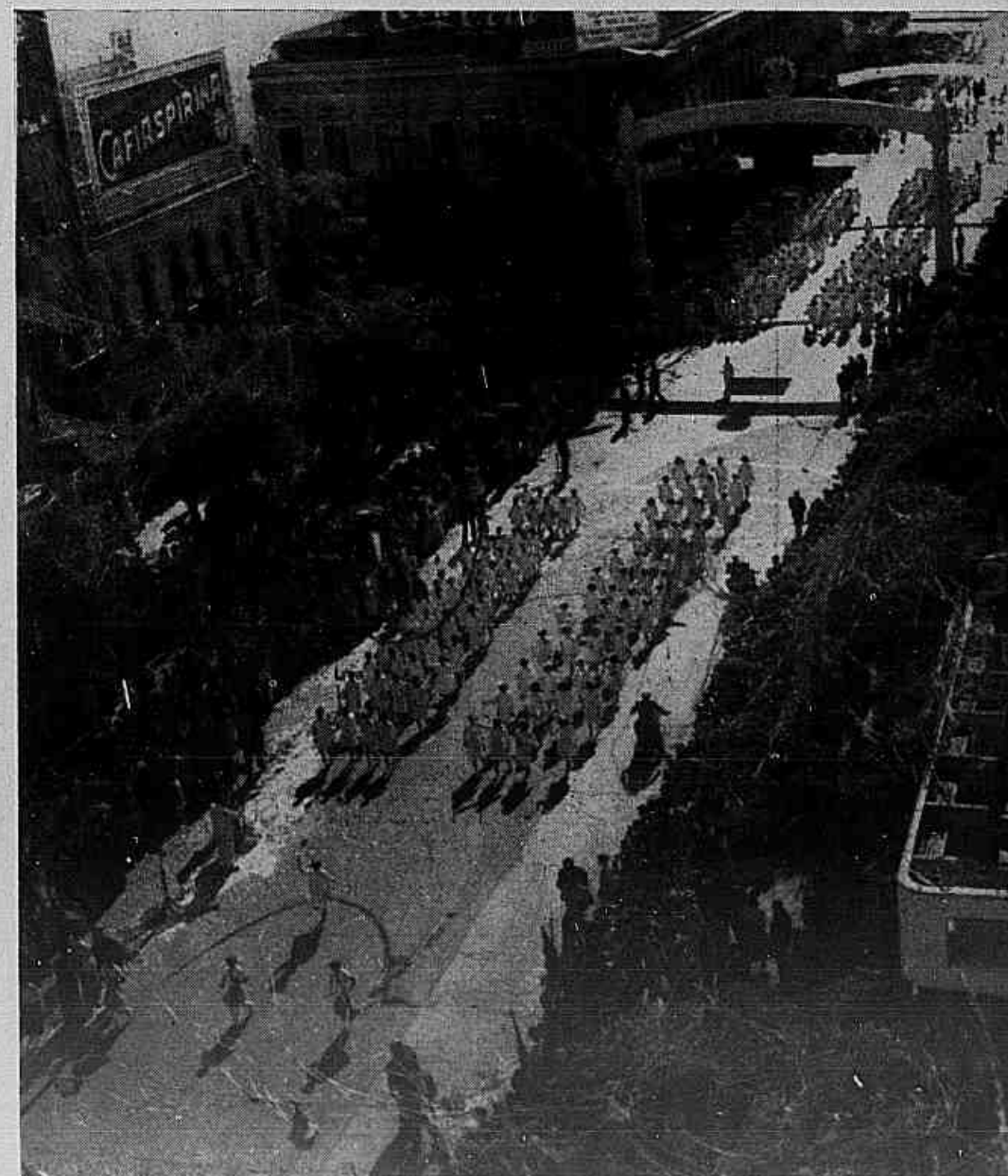


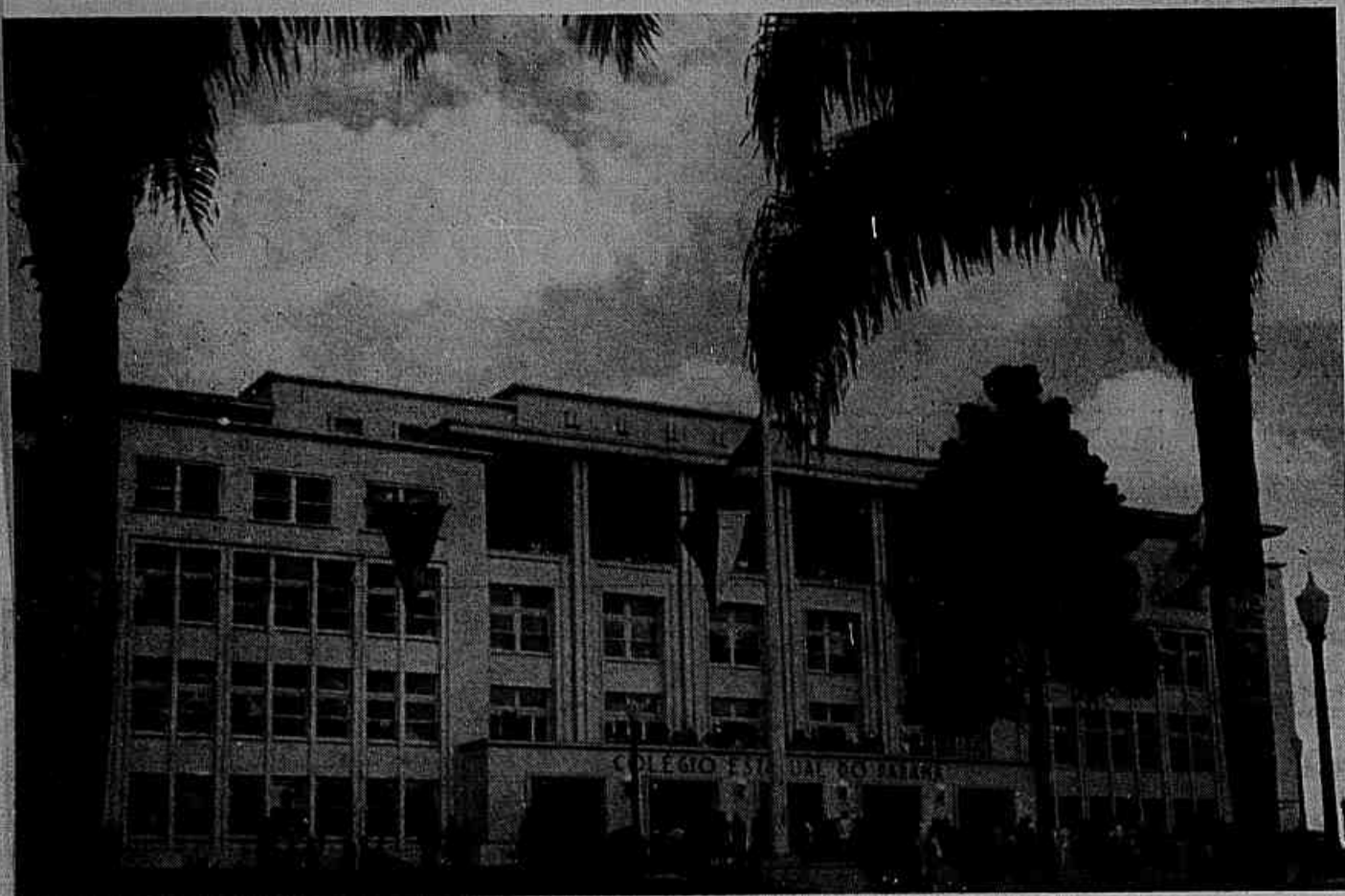
Flagrante do banquete no "Graciosa Country Club".

O Sr. Presidente da República ladeado pelo Sr. Governador Moysés Lupion
e Sra. Lupion.



Um aspecto da "Cidade Sorriso" em festa.





O MODELAR COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ INAUGURADO PELO GENERAL EURICO GASPAS DUTRA, CONSTRUÇÃO DA COMPANHIA CONSTRUTORA NACIONAL S/A.

BYINGTON & CIA.

ASSOCIAM-SE AS HOMENAGENS AO
SENHOR GENERAL EURICO GASPAS DUTRA

N. BARBÉRI & CIA.

Rua Riachuelo n. 239

Tel. 1886

Av. João Gualberto n. 103

Tel 710

Teleg. BARBÉRI

Curitiba --- Paraná

●
Importação de automóveis, peças e acessórios - Pneumáticos - Oficina mecânica completa

O BANCO DE CURITIBA S/A INAUGURA AS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES

UMA INSTITUIÇÃO BANCARIA A SERVIÇO DE UM PARANÁ MAIOR

Com a presença de representantes do governo, da imprensa e dos funcionários do estabelecimento, em prédio próprio, o Banco de Curitiba, um banco a serviço do Paraná Maior, inaugurou, solenemente, as suas modernas instalações.

Fundado em 1911 é este banco a mais antiga organização de crédito do Estado do Paraná. Para bem servir a sua numerosa clientela tem o banco as seguintes agências:

Apucarana, Araçongas, Bela Vista do Paraíso, Ipirorã, Jandaia do Sul, Lapa, Mandaguari, Marialva, Paranaíba, Porecatú e Rolândia, tendo ainda escritórios em Astorga e Jaguapitã.

No ato inaugural falou o dr. Saul Valente, ilustre diretor do Banco homenageando a imprensa e todos os funcionários do estabelecimento. Historiando os principais acontecimentos, desde a Revolução de 30 em que o Banco entrou em fase precária, e o seu reerguimento nos anos que precederam bem como da disposição atual em que se acha, graças a cooperação e boa vontade de todos os funcionários, além da imprensa, enumerando a seguir todas as suas atividades como à criação de diversas agências no Estado. Disse ainda o orador da necessidade do amparo à lavoura e às indústrias por parte dos bancos bem assim servir os particulares e os pequenos comerciantes, dentro das possibilidades orçamentárias do banco.

Iniciando a sua feliz e aplaudida oração, o dr. Saul Valente fez uma carinhosa referência a sua progenitora, Madame Valente, presente à solenidade, senhora de 82 anos, que se achava visivelmente comovida por ver o triunfo de seu filho.

Madame Valente, apesar da avançada idade é uma senhora lúcida, viája de avião e anda desembaraçadamente sem auxílio de bengala ou de terceiros.

Falou, em seguida, o nosso companheiro D. Antonio de São Payo, que focalizou o problema dos capitais estrangeiros e os financiamentos de café e de algodão. Referindo-se ao Banco de Curitiba disse o orador estar esta instituição à altura de financiar o desenvolvimento agro-pecuario e industrial, principalmente, no Norte do Paraná, onde ainda há tanta terra virgem.

Falou, a seguir, o Dr. Plácido e Silva, autoridade em finanças e diretor da "Gazeta do Povo", de Curitiba, que, discorrendo sobre os acontecimentos oriundos com o movimento de 30 e o Banco de Curitiba, assinalou em seus detalhes o processo da liquidação do Banco de Curitiba e o resurgimento deste, com a entrada do Dr. Saul Valente.

Um flagrante da inauguração, vendo-se, ao lado do dr. Saul Valente, sua veneranda progenitora.



O dr. Saul Valente, Presidente do Banco de Curitiba.



A Companhia Telefônica Paranaense
associa-se ás homenagens ao
Sr. General Eurico Gaspar Dutra
e ao aniversário
da Cidade de Curitiba.

UM GRANDE PINTOR HOLANDEZ

Entre os grandes pintores estrangeiros que têm vindo ao Brasil, continúa a ser um dos primeiros Wim L. Van Dijk. Holandês de nascimento, êle é uma das glórias da sua Arte. E radicou-se no Brasil, neste Rio de Janeiro cheio de sol que êle sabe amar.

A pintura de Van Dijk encanta e comove. Êle é um Mestre, e as suas telas possuem finura e sensibilidade. Numa exposição sua será difícil escolher a melhor composição, a número um.

Conhecedor profundo do desenho, em todas as suas minúcias e detalhes, êle tem a intuição alta do artista espontâneo e verdadeiro, e os seus quadros — alguns famosos e premiados, — constituem verdadeiros deslumbramentos.

Há uma obra interessante, dum excelente crítico de Arte, Torres Pastorino, consagrada ao emérito pintor, onde se estuda o homem, o pintor e a sua obra. Relemos o livro, e tudo que aí se afirma o artista vem confirmando em telas mais recentes.

Van Dijk concorrê agora com uma linda e famosa tela representando a fuga de Nossa Senhora à exposição internacional Sacra, do Ano Santo, em Roma, e cuja fotografia o leitor encontrará ao lado. É uma pintura famosa, de verdade e alta sensibilidade, que nos comove e nos encanta.

Esse pintor holandês tem, da nossa terra, pinturas maravilhosas, — florestas, o mar, o céu, ocasos extasiados, retratos, pedaços de cidades, o campo, a vida urbana, flagrantes cariocas e paulistas, trechos soberbos de Petrópolis e de outros logares onde a vida frême. Pois esse homem nos dá pinturas exatas, precisas, impressionantes e comovedoras de tudo.

Há desenhos e pinturas suas que ficam morando no nosso espírito. Lembra-se do *Moinho? Hiver à Delfsbaven? E Panorama Prés de Roherdam, De Ijssel, L' Hiver à Naaldwijk, Schiedam, Internuer de Metairie, La Filandière, Amsterdam en hiver*, o *Christ*, e tantas outras? Há um quadro seu que é um primôr, de arte, de história e sensibilidade, *Róterdam*, — cidade que pode-se dizer desapareceu com a guerra.

Diversos Museus e galerias nossos honram-se em possuir telas desse maravilhoso pintor. Êle é um Mestre da pintura sacra.

O nome de Wim L. Van Dijk ficará na história da Arte como o de um grande pintôr.

RAUL DE AZEVEDO

A FUGA DE N. SENHORA — Tela de Van Dijk que se encontra na Exposição Internacional de Arte Sacra em Roma.



Novidade revolucionária em capitalização...

Conheça o **novo** e
exclusivo título de
INTERCAP

Vantagens do novo título INTERCAP:

- 1- CAPITAL DUPLO
na 1.ª combinação sorteada
- 2- SORTEIO PROGRESSIVO
a partir da compra do título
- 3- SORTEIO MENSAL DE OITO
combinações diferentes
- 4- CONVERSÃO EM TÍTULO SALDADO
a partir do 2.º ano
- 5- DISTRIBUIÇÃO DE 60%
dos lucros da sociedade
- 6- PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS
a partir do 8.º ano
- 7- MAIOR PRAZO DE PARTICIPAÇÃO
NOS LUCROS E SORTEIOS



Após 15 anos de trabalho construtivo e fecundo, Intercap lança um novo plano, exclusivo e de inéditas características, aclamado por todos como o mais perfeito e vantajoso. Procure conhecer as suas vantagens. São reais. São matemáticas. São suas... Estude-as com cuidado. E adquira um ou mais títulos. Com os mesmos prêmios mensais, no mesmo número de anos, você ganhará muito mais, você estará construindo um patrimônio valioso, seguro e perdurável!

A CIA. INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

Av. Presidente Vargas, 509 - 6.º e 7.º andar - Caixa Postal 1533
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me detalhes sobre o NOVO TÍTULO INTERCAP.

Nome

Endereço

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO



Economia e Finanças

CARVÃO DE PEDRA DO BRASIL

Continuando a série de estudos sobre as dimensões da indústria brasileira, o Laboratório de Estatística do IBGE examinou os aspectos da mineração do carvão de pedra. Inicialmente, fez notar que as dimensões dessa indústria dependem de fatores do ambiente físico (existência e tamanho das reservas do combustível) e que as jazidas exploráveis no Brasil são de potencialidade modesta e de qualidade inferior em relação às de outros países. Em consequência de vários motivos, a produção nacional, que ultrapassou um milhão de toneladas em 1939, foi além de dois milhões em 1934, e, a partir de então, oscilou em volta dessa cifra até 1949.

Em 1948, a produção nacional de carvão de pedra, de 31 empresas, em 34 estabelecimentos (minas), se elevou a 2.024.989 toneladas, o que dá a média de 65.322 toneladas por empresa e de 59.559 toneladas por estabelecimento.

As três maiores organizações nacionais contribuíram com 1.406.206 toneladas (66,44% da produção nacional); a Butiá, com 893.627 toneladas, Siderurgia Nacional, com 227.815 toneladas e a Barro Branco, com 234.764 toneladas. Se excluirmos estas três companhias, a produção média baixará para 22.099 toneladas por empresa e 20.626 toneladas por estabelecimento. Das 28 empresas menores, 13 produzem menos de 10.000 toneladas por ano — ou seja, em conjunto, apenas 3,42% do total nacional. A maior das organizações carboníferas brasileiras está localizada no Rio Grande do Sul, que ocupa o segundo lugar entre os Estados produtores; as demais, em ordem de importância, funcionam em Santa Catarina.

Há apenas quatro Estados produtores no Brasil. Em 1948, a produção catarinense alcançou mais da metade do volume nacional (1.040.884 toneladas), seguindo-se-lhe a riograndense (895.375 toneladas). A produção pa-

ranaense (83.262 toneladas) e paulista (5.468 toneladas), representou 4,38% do total de 1948.

Como termo de comparação, o Laboratório de Estatística do IBGE lembra que a produção da Butiá, em 1948, (893.627 toneladas) foi quase igual a produção nacional de 1938 (907.224 toneladas).

VOLTA REDONDA AUMENTA SEUS DIVIDENDOS

A Companhia Siderúrgica Nacional teve, em 1949, o seu ano de maior e mais retumbante prosperidade. Vendeu 924,1 milhões de cruzeiros, dos quais 830,3 milhões em artigos de aço.

As vendas de carvão atingiram cerca de 56 milhões de cruzeiros, as dos sub-produtos respectivamente, quasi 22 milhões e as de coque e moinha de coque, 3,3 milhões de cruzeiros.

Vendeu, ainda, aquela Companhia 2,6 milhões de cruzeiros de minérios e mais de três milhões de cruzeiros de vários outros produtos, inclusive ferro gusa.

Foram vendidas 232,296 toneladas de artigos de aço, sendo interessante assinalar que o mercado nacional absorveu 226.899 toneladas. As 5.397 toneladas restantes foram colocadas na Argentina, por força de convênio assinado entre os dois países.

Essa tonelagem está assim distribuída: 39.890 toneladas de trilhos e acessórios; 53.365 toneladas de perfilados estruturais e barras para relaminação e forjamento; 28.184 toneladas de chapas grossas; 35.860 toneladas de chapas finas laminadas a quente; 50.479 toneladas de chapas finas laminadas a frio; 14.090 toneladas de lófolhas de flandres; 9.882 toneladas de chapas galvanizadas; 20.546 toneladas de produtos de aço diversos.

Volta Redonda produziu 271,710 toneladas de coque, 192.774 toneladas de

REALIDADE CRUCIAL DO MATE

Qualquer observador de assuntos econômicos que visite o Paraná e procure conhecer de perto os problemas da economia ervateira, que é, como se sabe, uma das economias tradicionais do Estado sulino, não pode dispensar um contacto com a organização cooperativista dos produtores de mate, que abrange todo o setor da produção e congrega nada menos de dez mil associados.

Filiadas à Federação das Cooperativas de Produtores de Mate "Paraná" Ltda., que tem sede em Curitiba, estão em funcionamento no Paraná nada menos que quatorze Cooperativas, cuja área de ação abrange cerca de vinte e dois municípios na região centro-sul do Estado. Essas Cooperativas contam com mais de oitenta postos de recebimento de mate e aproximadamente cento e trinta armazéns entre próprios, alugados e arrendados.

É uma organização capacitada para receber e colocar a totalidade da erva mate produzida pelo Estado, que anda ao redor de quarenta milhões de quilos por ano e é quase cem por cento exportada para Argentina, Uruguai e Chile bem como, em pequena parte, para outros mercados do país.

Entretanto, um dos seus maiores problemas tem sido o do financiamento aos seus associados no período das "safras" — que geralmente se verifica nos meses de junho a agosto — e quando setenta por cento do mate produzido precisa ser armazenado afim de que não se verifique sua afluência demasiada nos mercados com prejuízo da estabilidade dos preços. Produzido em três a quatro meses para ser vendido em doze e não dispondo o produtor de recursos financeiros próprios nem mesmo meios de armazenamento, é compreensível que o mate fique sujeito às especulações do comércio intermediário desde que escasseiem os financiamentos e as exigências de subsistência da família e dos "agregados" coloquem o produtor na contingência de se ter que submeter às imposições dos pequenos comerciantes do interior que, trocando o mate por mercadorias usufruem lucros dobrados.

A rede de Cooperativa que funciona nos centros ervateiros do Paraná tem justamente como uma de suas principais finalidades agir como instrumento de auto-defesa dos produtores, armazenando-lhes o produto e financiando-lhes as safras. Mas os seus recursos não são ainda de molde a possibilitar um financiamento cem por cento satisfatório. Seus fundos resultam de uma taxa de Ca\$ 1,00 por arroba de mate produzido e das realizações de capital dos associados de acordo com a subscrição de cada um. Esses capitais e aquela taxa são recolhidas muito lentamente, de forma que atualmente, para uma subscrição total de aproximadamente vinte milhões de cruzeiros, estão realizados sómente cincoenta por cento, ou seja, dez milhões de cruzeiros. Mas grande parte do capital realizado teve que ficar imobilizado na construção de armazéns e aparelhamento industrial indispensáveis à movimentação da produção, de sorte que apenas uma pequena parte do capital está disponível para as operações de financiamento.

Os recursos financeiros vindos até aqui de fontes estranhas à organização tem sido reduzidos e insatisfatórios. A Caixa de Crédito Cooperativo, criada em 1944 pelo governo federal com a finalidade de financiar as Cooperativas do país, não foi até hoje suprida com os recursos previstos na lei que a criou. Isso a tem impedido de assistir melhor as organizações cooperativistas — e daí ter ela concedido às mate financiamentos muito aquém das necessidades dessas entidades. Por outro lado, o sistema bancário nacional de fundo puramente comercial e mercantil, não está em condições de atuar como organismo auxiliar da economia agrária nacional, sendo baldados todos os esforços até aqui feitos pelas Cooperativas em geral, e particularmente pelas Cooperativas de Mate para obter nesses institutos de crédito a ajuda necessária a suas operações.

Resulta de tudo isso a situação de dificuldades com que se debate a Federação das Cooperativas de produtores de Mate "Paraná" Ltda. para poder realizar integralmente o seu programa de defesa e fomento da produção ervateira paranaense.

Ultimamente, os produtores organizados nessa cadeia de Cooperativas vinham aguardando com grande entusiasmo os debates do Congresso Nacional em torno do Plano Salte, onde estavam previstas apreciáveis dotações em favor da economia ervateira organizada em bases cooperativistas. Mas, ao que parece, as esperanças dos ervateiros estão se desfazendo em face da pouca possibilidade de vir aquele plano ser aprovado tal como foi concebido pelo governo federal. A Câmara dos Deputados, por emendas aprovadas na Comissão de Finanças por assim dizer *decepcionou* as dotações a uma reduzida série de verbas que não resolverão o problema do mate e sobrecarregarão bastante o Tesouro Nacional. O Senado, por iniciativa do senador Lucio Correia tentou salvar as dotações para o mate no Plano Salte e obteve êxito unânime. Mas, voltando o Plano à Câmara esta manteve seu ponto de vista anterior, restando agora apenas a decisão final do plenário quando o Plano for submetido à aprovação final.

Os produtores de mate, por intermédio de sua Federação de Cooperativas, está procurando esclarecer as bancadas federais no sentido de dar o seu apoio ao plano original na parte referente ao mate, de acordo com a emenda Lucio Correia aprovada no Senado. Nesse sentido, junta-se em favor da organização cooperativista do mate os esforços do governador do Estado do Paraná que, com seguro conhecimento do problema e dos benefícios que as Cooperativas do mate estão prestando à economia ervateira, tem se empenhado para que o plenário da Câmara dos Deputados, reconsiderando a decisão de sua Comissão de Finanças, salve o plano original e assegure ao produtor do mate uma garantia de defesa e compensação pelo seu duro labor à sombra dos ervais nativos do plantio paranaense.

Essa é, no momento, a expectativa de milhares de pessoas ligadas indissolavelmente à economia ervateira, uma das grandes riquezas do Brasil.



“E hoje eu teria que trabalhar fora, se não fôsse ele...”

Bastam os cuidados do lar para encher a vida de uma esposa. A alimentação, a higiene, o vestuário dos filhos, os sustos permanentes, a sempre renovada vigilância... E a dura batalha de todo chefe de família não visa apenas o sustento do lar, visa permitir que sua esposa possa acompanhar em casa, vigilante e heroica, a educação de seus filhos... Esta presença fecunda precisa ser conservada em qualquer hipótese. Entretanto, muitas vezes o súbito desaparecimento do chefe constringe a es-

pôsa a deixar o cuidado imediato dos filhos pela obrigação de prover... Evite que isso aconteça em seu lar. O seguro de vida pode consegui-lo, garantindo a manutenção do lar, o encarecimento dos filhos. E a Sul America lhe oferece vários planos de seguros, um dos quais há de corresponder à melhor solução para o seu problema pessoal. Ouça, como a voz de um amigo, a palavra do Agente da Sul America. Ele lhe mostrará qual o plano mais adequado ao seu caso.



Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

“O seguro é a maneira mais suave e acertada de se conseguir a formação de um patrimônio”, disse Aru Medeiros, de São Paulo, 2.º colocado no Concurso Sul America.

À Sul America - Caixa Postal 971 - Rio de Janeiro
Queiram enviar-me um folheto com informações sobre o seguro.
11-JJJJ.1234567890

Nome
Data de Nasc.: dia mês ano
Profissão
Casado? Tem filhos?
Rua Bairro
Cidade Estado

ferro gusa, 308.188 toneladas de aço e 223.887 toneladas de aço laminado. Salienta-se que a produção de ferro gusa acusou índices baixos em consequência do contratempo sofrido pelo alto forno, que esteve inativo durante três meses para substituição dos tijolos hidráulicos.

Os dados que eliminamos são de significação excepcional na história da nossa siderurgia. E como consequência desses brilhantes resultados, a direção da Companhia Siderúrgica Nacional resolveu atribuir aos seus acionistas uma taxa de dividendo superior à que vinha sendo distribuída nos exercícios anteriores. Desse modo, é possível que o novo dividendo seja de oito por cento, ou 2% mais que o derradeiro.

ALGODÃO

A produção brasileira de algodão, quer em carôço, quer em pluma, está se recuperando da queda sofrida logo em seguida à terminação da guerra. Tomando o ano de 1938 como igual a 100, os índices correspondentes a 1949 serão, respectivamente, 78 e 92.

As safras de algodão baixaram, em relação a 1938, nos anos de 1939 e 1942, mas, nos outros anos, até 1944, foram superiores aos números referentes àquele ano (1.018.798 toneladas de algodão em carôço e 436.628 toneladas de algodão descaroçado ou pluma). Em 1945 verificou-se uma queda em ambos os tipos, que se acentuou até 1948. A produção, estimada em 1949, revelou um aumento de 25,71% para o algodão em carôço e para o algodão em pluma em relação a 1948.

As exportações brasileiras de algodão têm baixado muito, nos anos imediatos à guerra. Em 1937 exportamos 65.744 toneladas de algodão em carôço, no valor de 19,4 milhões cruzeiros, e em 1939 vendemos ao estrangeiro 323.539 toneladas de algodão em rama, no valor de 1,2 milhão. Houve, porém, uma baixa contínua nas exportações de carôço de algodão, depois de 1937, e oscilações nas de algodão em rama, durante a guerra. Entre 1946 e 1948, estas últimas baixaram de 352.732 toneladas para 258.703 toneladas, embora aumentando em valor, enquanto, no caso do algodão em carôço, a situação se tornou ainda mais delicada, pois, se em 1941 exportamos 2.611 toneladas, só em 1946 voltamos a exportar, com apenas 1.500 toneladas, e, em 1946, as nossas exportações acusavam uma diferença para menos, em relação a 1937, de 97,72%.

O Estado de São Paulo é o maior produtor de algodão no Brasil, nas duas modalidades consideradas. Em 1949, esse Estado produziu 709.059 toneladas de algodão em carôço (ou seja, 89,61% da produção nacional) e ... 233.990 toneladas de algodão em pluma (58,24% do total do país). O Ceará é o segundo Estado produtor, com 85.027 toneladas de algodão em carôço e 93.168 toneladas de algodão em pluma (10,75% da produção nacional, em ambos os casos) em 1949. O consumo de algodão em São Paulo, que em 1939 era de 47.557 toneladas, cresceu firmemente até 1944, passando a oscilar, a partir de 1945, em torno da cifra de 77 milhões (1945 — 78.149 toneladas; 1946 — 76.791; 1947 — 77.282; 1948 — 78.639).

CONSUMO PARTICULAR DE ENERGIA ELÉTRICA

Em 1949, de acordo com dados da The São Paulo Tramway, Light and Power Co., o consumo particular de energia elétrica como força motriz em quatro municípios paulistas — São Paulo, Santo André, São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo — se elevou a 1.056,9 milhões de KWH, ou seja, um aumento de 142% sobre o consumo de 1939.

O total referente a 1939 (436,4 milhões) foi aumentando progressivamente, de maneira que, em 1947, atingia 808,6 milhões e, em 1948, se elevava a 906,2 milhões. Se tomarmos o ano de 1939 como 100, o consumo global dos quatro municípios será de 185 em 1947, de 208 em 1948 e de 242 em 1949. Deve-se observar que o aumento de consumo se verificou, sem quebras, — a não ser em São Caetano do Sul, no ano de 1943, — em todos os municípios. O da capital, que consumiu 337,9 milhões de KWH em 1939, dez anos depois consumia 799,9 milhões; o de Santo André, de 25,2 milhões em 1939 passou para 146,1 em 1949; os números correspondentes a São Caetano do Sul são 28,4 e 101,7 milhões e a São Bernardo do Campo 659.605 e 9,2 milhões. Este último consumiu em 1947 um total de 2,3 milhões de KWH, tendo, portanto, quadruplicado o seu consumo de 1949.

No Distrito Federal, o consumo particular de energia elétrica como força motriz cresceu de 193,4 milhões em 1939 para 340,5 milhões em 1948 e para 386,1 milhões em 1949. Em números índices, o aumento foi o seguinte: 1939 = 100; 1947 = 164; 1948 = 176 e 1949 = 200.

PLANIFICAÇÃO ECONÔMICA

Falando à imprensa belorizontina, o presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais frisou ser necessária, para uma planificação econômica no país, pleno conhecimento dos fenômenos da vida agrícola, industrial e comercial. E aduziu que em São Paulo e no Rio, bem como em outros Estados, muito se tem feito nesse sentido, através de trabalhos realizados pelas entidades patronais.

Sobre a industrialização do Brasil, declarou o Sr. Newton A. da Silva Pereira que ela constituiu o rumo indesejável de toda evolução econômica, pois que é o seu coramnto e, mesmo, estágio de civilização. E, a respeito de assistência social, elogiou a obra levada a efeito pelo SESI e pelo SENAI, em benefício dos trabalhadores da indústria.

“Deus há de conceder possa o SESI continuar na realização de seu programa, que não é de ostentação demagógica, mas de efetiva assistência aos operários”, afirmou a certa altura de sua entrevista.



ESPORTE E ELEGANCIA

Flagrante colhido no Prado do Jockey Club Brasileiro quando das corridas ali realizadas domingo último.

Varias Noticias

- Atribui-se grande importância às jazidas recentemente descobertas nas proximidades de São José del Rei, de minérios radioativos que entram na composição da bomba de hidrogênio.
 - As classes produtoras apelaram para o Poder Legislativo contra o novo aumento do imposto de vendas e consignações proposto pelo governo do Estado.
 - O Presidente da República enviou à Camara exposição de motivos do Ministro da Fazenda, afirmando que o Tesouro não poderá cobrir as despesas com o pagamento do abono as autarquias.
 - O Delegado do Brasil no Conselho Econômico e Social da ONU criticou o Banco Mundial pelo diminuto auxílio que tem prestado ao desenvolvimento econômico dos países sub-desenvolvidos e lembrou a possibilidade e conveniência de uma reforma da estrutura da organização.
 - Na Comissão de Finanças do Senado foi discutido o projeto que fixa em 1 milhão de cruzeiros o capital mínimo para Casas Bancárias.
 - As exportações brasileiras no período janeiro-novembro de 1949 apresentaram decréscimos de 19,2% em quantidade e da 8,7% em valor, em relação a igual período do ano anterior, pelo que apurou o SEEF do Ministério da Fazenda.
- Deu-se o inverso no caso das importações, no período janeiro-outubro. Em comparação com os mesmos meses de 1948, importamos mais 5,1% em volume e mais 0,2% em valor.



Tudo quanto seja riscos para bordar... tudo quanto seja arte aplicada... não se procura: encontra-se nas páginas de Arte de Bordar! A revista que é artisticamente útil! Cr\$ 7,00 nas livrarias e bancas de jornais. Pedidos também pelo Reembolso Postal, à S. A. O Malho, Rua Senador Dantas, 15. 5.º andar. Rio.

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO NATURAL
À VENDA EM TODA A PARTE

BANCO DO ESTADO DE SAO PAULO S.A.

CAPITAL REALIZADO: — Cr\$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — CAMBIO — COBRANÇAS
TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL
AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES
— SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE —

53 agências no Estado de S. Paulo e uma em Mato Grosso.

MATRIZ: Praça Antônio Prado, 6 — Caixa Postal, 789 — Endereço
Telegráfico — "BANDEIRA" São Paulo

B A I L E S

(Conclusões)

Vejamos os suplentes. Figurem uma quadrilha formada. No momento em que a música vai começar, descobre o mestre de sala que falta um *vis à vis*. — Esperem lá!

Vai à sala do jôgo, e arranca do solo um parceiro que, por maiores que sejam os protestos a fazer, se resigna a deixar em cima da mesa a ponta de um cigarro apagado, e vir preencher a lacuna. Chegados ao solo, olhou o mestre de sala para todos os cantos, a fim de ver se descobre alguma dama, e dispara com o seu prisioneiro para um lado. — Minha senhora, tenha paciência, falta um *vis à vis*.

— Mas eu já não danço, meu caro senhor.
— Não importa.

— Há tanta moça na sala... Desde que perdi o meu defunto, deixei-me disso.

V Vamos, minha senhora! Estou a sua espera. E lá vai o sujeito com uma respeitável matrona de sessenta anos depor a sua oferenda no altar de Terpsicore. Outras vezes é uma menina de oito anos ou alguma solteirona que, antes que o indivíduo se aproxime, lá de pé, recebendo o convite como um maná lhe cai do céu.

Estes bailes terminam quando o sol abre as portas douradas do Oriente.

Os convidados tomam o primeiro bonde de tostão que passa, conduzindo cada um a sua trouxinha de doce, e vão entregar-se às doçuras de Morfeu.

Os bailes de terceira classe não reúnem a flor d sociedade, mas sim a flor da gente, que é a flor da política. Têm por teatro uma casa térrea, de rótulos e janelas em cujos peitoris há sempre uma fila de espectadores, que aprovam e reprovam, comentam e ampliam o que vêem lá dentro; sendo necessária, muitas vezes, a intervenção policial para impedir conflitos. A sala rescende a água de flórida e a essência de canela e alfazema.

Escusado é dizer que não há etiquetas. A música, que se compõe de flauta, violão e rabeça, é executada por amadores.

Os cavalheiros trajam calça flor de alecrim e paletó alvadio; as damas, cores tão fortes com os perfumes de que usam. Os mais elegantes põem entre o colarinho e o pescoço um lençinho branco em forma de *beijú*, a fim de que o suor não lhes desconcerte a *toilette*.

Alí, marcam-se também quadrilhas e ouve-se de vez em quando: *Traversé de massada! En avant de cabeceira! Passe as bossas no par da direita!*

O serviço é o mais suculento possível: peças de carne, linguiças, peixe frito em abundância, conservas de pimentões, café e cerveja marca *Barbante* a faltar.

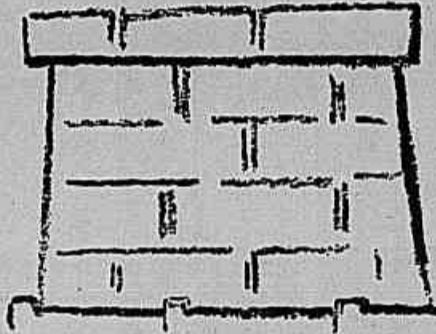
Não se fala; grita-se. Não se ceia; come-se. Não se bebe, rega-se.

De certa hora em diante, quem estava para já está dentro e toma parte na função, como se estivera desde o princípio.

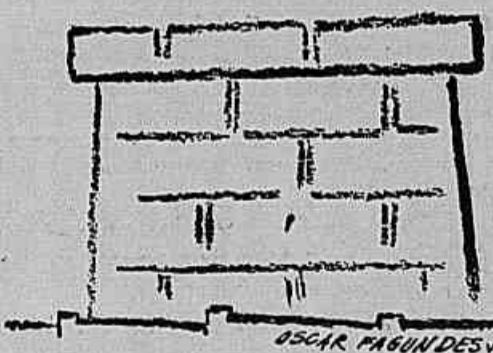
É o ideal da igualdade, sonhado por Platão!

Eis em pálidas cores o que são os bailes. São quase todos om msemos. A diferença única, como nos enterros, é que estes têm menos galões, ao passo que aqueles têm mais penachos.

Uma cousa...



...exige outra



Polvilho Antisséptico
GRANADO





**CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

**CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
COMBATE E EVITA AS RUGAS
À VENDA EM TODA A PARTE

**Galeria
Santo Antonio**
Rua da Quitanda, 25
ESPECIALISTA EM RESTAURA-
ÇÕES DE QUADROS A ÓLEO



**AGUA PURA
SAUDE SEGURA**
SO COM VELAS
ESTERILISANTES
SENUN

**Caspa ?
Petroleo
Soberana**

Um homem representativo da politica de sentido amplo

(Conclusão)

sociedade deve intelectualizar-se nos usos e também atingir à perfeição no modo de encarar a regra de Justiça e de a pôr em prática, tal é, para cada individuo que chega à mais vasta compreensão dos problemas humanos, o ideal de civilização possível na terra. Em outros termos, isso quer dizer que a sociedade, devendo tal sociedade, por sua vez, costumes, abandonando os **preconceitos de profissão**, e substituindo-os por um **pensamento republicano**, que padronize a todos como cidadãos, dentro de uma igualdade de crenças nas aspirações, que tiveram sua imorredoura expressão na Revolução Francesa de 1789. Desde que começou a abandonar o culto pelos grandes ideais por ela proclamados, isto é, desde que deixou a marcha com o objetivo da mais benéfica politica, pela tendência a prestigiar mais o valor profissional ou a pericia técnica, ou a capacidade de ganhar fortunas, dos individuos, a grande França do século 18 entrou em decadência; que culminou no pânico da perda de fortunas, por parte das oligarquias ricas, que preferiram entregar o país a Hitler, apenas com o receio de que uma guerra duradoura pudesse favorecer a eclosão de um movimento semelhante ao que derrubou o Czar na Russia

Espero ter tornado claro, também, o meu propósito de dar apoio à orientação serena e imparcial, desse homem estoico e bondoso, tão notável pela primorosa superioridade moral, que é o atual Presidente da República, o insigne General do Exército Eurico Gaspar Dutra.

Propagando com esplendor a sua doutrina, o grande indiano Mahatma Gandhi, que expiou o crime de ser o Político da Bondade às mãos de um sicário, falava na Força da Verdade a conduzir os acontecimentos humanos. Mas, que força é essa, se a Verdade, por si mesma é simples pensamento e se o que faz a historia são as forças materiais do Dinheiro e das Armas de Guerra? Se a Verdade só tem força espiritual, isto é, força no mundo das ideias, como ideia-força a que os raciocínios se subordinam? Se apenas é uma causa formal, de força virtual ou latente, no tocante às outras ideias? Entretanto Gandhi não se enganou: Ela se transforma em causa de natureza física muito facilmente, desde que lhe é associado um sentimento. Este lhe transmite força física, transformando-a, com tal associação, na causa eficiente que é a Vontade humana. O Sentimento é causa motora; a Verdade é causa formal; e o conjugado é causa eficiente, é Vontade, o maior poder do universo, creador do aeroplano, do telescópio, do microscópio, do radar e da bomba atômica, do telegrafo e do telefone, etc. A Vontade, eis pois a Força da Verdade de Gandhi.

Terei acaso contribuído em crear a Força da Verdade a bem da orientação do atual Presidente da República e de sua Política de sentido amplo?

Terei feito o meu máximo esforço, um esforço sincero para isso, e é quanto me basta. As conclusões a que cheguei são como luzes que atravessam as nuvens, no momento do despertar, são como o sol nascente, que com seus raios deslumbrantes surgirá, dando alegria aos que tinham esperança no futuro do Brasil. Não duvido, absolutamente, que apareçam os brasileiros capazes de preparar o espírito do Povo e dos seus governantes, para o advento dessa época; e ocorre-me a lembrança do pensamento inspirado de Edgar Quinet (L'Esprit Nouveau — A mes lecteurs — 1875 — 3.ª edição):

— “E’ ainda pouca coisa lutar todos os dias para preparar o futuro; o que mais necessário se torna é trabalhar a fim de descobrir o espírito que renoverá todas as coisas, nesse mundo de que roçamos o limiar”.

DR. FRIDEL

MOLESTIAS DAS CRIANÇAS
(CHEFE DA CLINICA
DR. WITTROCK)

Tratamento dos vômitos, diarréia, anemia, fastio, tuberculose, sífilis e moléstia da pele
RAIOS ULTRA-VIOLETA

Residência: Tel. 25-6692

AV. RIO BRANCO, 114-13.º andar
Telefone: — 22-0713

DR. UBALDO VEIGA

ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DA PÉLE E SIFILIS
Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa
Consultas: Rua do Ouvidor, 183, 183 5.º andar
— sala 504 — nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das
16 às 17,30 horas.

DR. OSVALDO SERRA

DA
FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA

Doenças da Péle e Sifilis

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pele, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pelos da face. Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicas e alergicas, urticárias, doenças dos cabelos e unhas. Tratamento dos angiomas e canceres da pele pelo RADIUM (Radioterapia).

Ondas curtas, Ultra-violeta, Infra-vermelho, Neve-carbonica, Diatermia, Radium.

Consultório: Rua 13 de Maio, 23 — Edifício Darke-7.º and. — salas 723/. Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto aos sábados.

○ RATO, A MENDIGA E ○ CANEIRO

(Conclusão)

a palavra epistolar do Apóstolo recriminou os meus pensamentos, cheios de concupiscência mental e de um certo travo de revolta:

“Quem es tu, ó homem, para contemderes com Deus? Pode acaso o artefato dizer ao artífice: — Por que me fizeste assim? — Se o motivo dissesse a Deus: — Por que me fizeste animal e não homem? — não sentirias em ti uma justa indignação e dirias: — Ó, novilho, que és tu para pedires contas a Deus?

A regra agostiniana completou a lição:

“Trata com reverência o que ainda é oculto ao teu conhecimento. Sê tanto mais reverente quanto mais espesso for o véu”.

E o velho salmo de David, acordando na memória, pôs-lhe o ponto final:

“Sicut jumentum apud te”.....

O canário continuava a cantar lindamente no esplendor do sol.

FALTA

CONTRA - CAPA